SET

CINEMA & VÍDEO

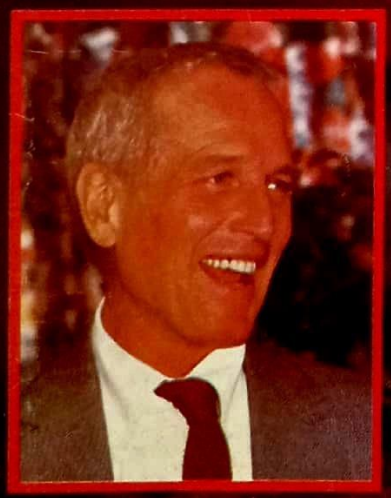
EDITORA AZUL

50330001 - Ed. 32 - Ano IV - Nº 02 - NCz$ 130,00

VÍDEO & EQUIPAMENTOS

NAS LOCADORAS, 40 TÍTULOS INÉDITOS NO CINEMA

PAUL NEWMAN

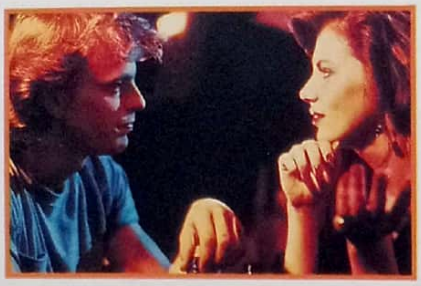


EXCLUSIVA COM O ATOR QUE RETORNA EM *O INÍCIO DO FIM*

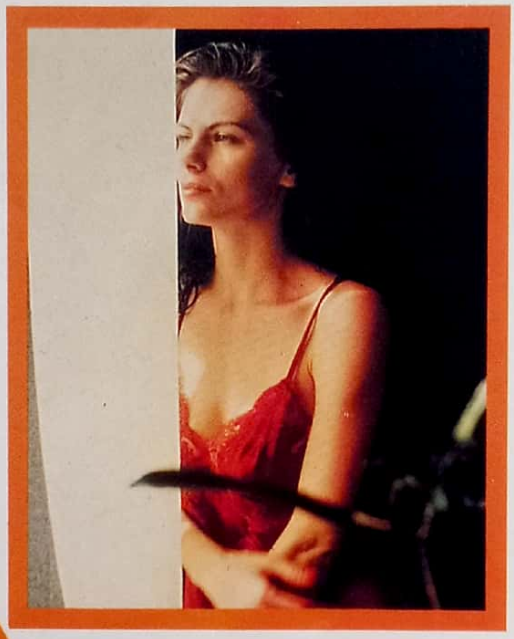
OS ANOS 90 JÁ TÊM SEU HERÓI

KEVIN COSTNER

A GLORIFICAÇÃO DO HOMEM COMUM, CASADO, PAI DE FAMÍLIA, BONITO E CORAJOSO, EM *O CAMPO DOS SONHOS*



Alexa
um novo começo



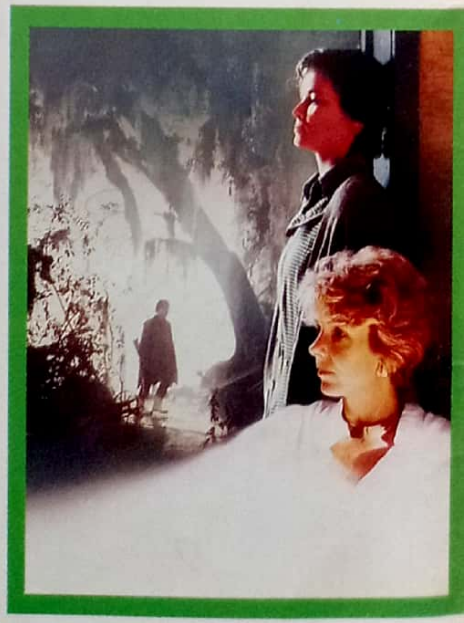
Alexa é uma linda e sensual prostituta que satisfaz todos os caprichos de seus clientes.
Sua amiga Marshall sabe que ela é uma mulher inteligente e sensível, que merece mais do que uma profissão que só a pode levar ao desespero e a tragédia...

UMA LINDA
QUE TRAT
COM FA

Em 1975, grande carga de ouro é apreendida no Vietnã e encaminhada por avião para Bangkok. Porém um forte grupo armado, desvia o ouro para uso dos traficantes locais.

STAB
BRIGADA DO INFERNO

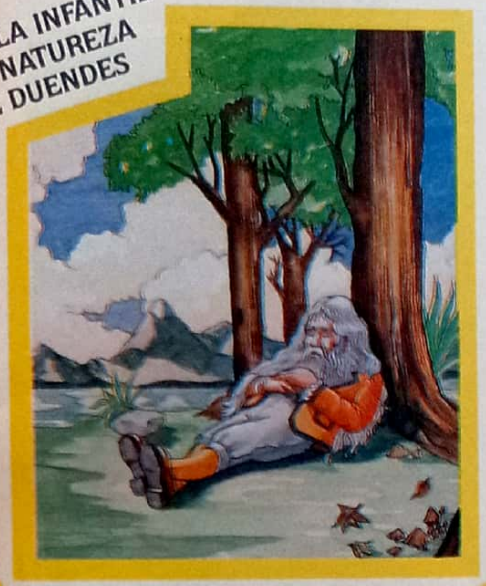
GENTE DIFERENTE
"SHY PEOPLE"



Mulheres de mundos diferentes unidas por um segredo que as perseguirá para sempre.

Os Duendes das Montanhas

ULA INFANTIL
A NATUREZA
S E DUENDES



Os bonecos do FAMOUS FANTASIES E A RUFUS ROSE COMPANY apresentam uma produção DE NICK NICHOLSON

"Rip Van Winkle"

DUBLADO
especialmente em português

o Embrulhador de ALMAS

NAS SECRETAS SALAS DE SEU LABORATÓRIO, UM CIENTISTA DESCOBRE UMA DROGA QUE LHE PERMITE DESASSOCIAR A ALMA HUMANA DO CORPO FÍSICO, E ASSIM PODE FAZER COM QUE ESTA SE INTEGRE AO CORPO DA PESSOA QUE DESEJAR...

Simultâneo
CINEMA
&
VÍDEO

JILL CLAYBURGH
BARBARA
HERSHEY
Palma de Ouro Melhor Atriz
Festival de Cannes

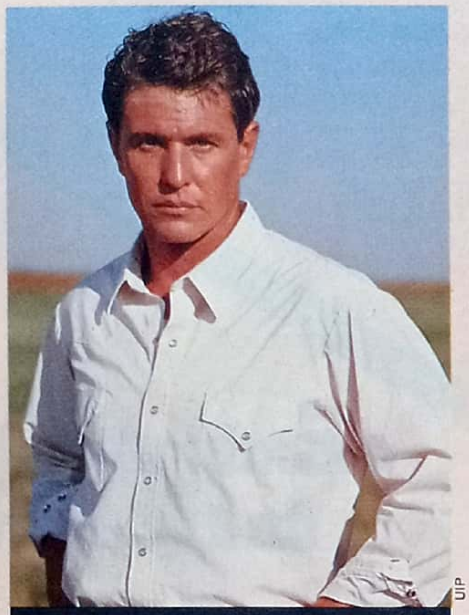
AMERICA VIDEO

DESCUBRA A AMÉRICA

Nada melhor do que descobrir as Aventuras, os Romances e as Ficções da

AMÉRICA VÍDEO FILMES

AV. PACAEMBU, 1702 FONE TRONCO: 864-9111



UIP

Tom Berenger como americano especulador e rico

TOM BERENGER INVADE TERRAS INGLESAS

Tom Berenger é um americano rico que entra em atrito com uma decadente família britânica ao tentar comprar suas terras em *The Field*. O filme é dirigido por Jim Sheridan, realizador do elogiado (e inédito no Brasil) *My Left Foot*, e o elenco estelar traz ainda John Hurt, Richard Harris, Sean Bean e a ex-sra. Sting, Frances Tomelty.

Warner

Woody Allen com um filme ainda indefinido a caminho: no elenco, duas estrelas bem maneirosas

WOODY ALLEN DIRIGE MANTEGNA E BALDWIN

O novo filme de **Woody Allen** ainda não tem título, mas sabe-se que no elenco estão Joe Mantegna (de *Jogo de Emoções* e *As Coisas Mudam*)e Alec Baldwin (de *Os Fantasmas Se Divertem*). E os brasileiros ainda estão aguardando o filme anterior de Allen, *Crimes and Misdemeanors*.

Sipa Press

Daniels: dificuldades nas teias de aranhas venenosas

INVASÃO DAS ARANHAS É BARRADA NA VENEZUELA

Problemas com o governo e entidades ambientalistas da Venezuela emperraram as filmagens de *Arachniphobia*, *thriller* de aventuras produzido pela Amblin Entertainment (de Steven Spielberg) e estrelado por **Jeff Daniels**. O filme mostra uma cidade invadida por aranhas venenosas. Quem dirige é o estreante Frank Marshall.

Stills

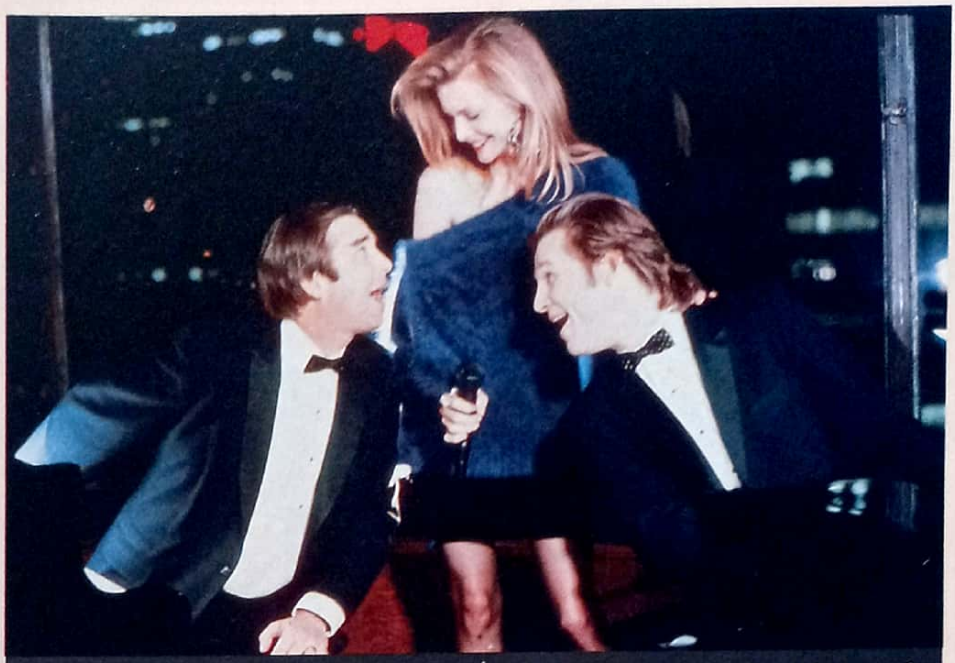
Marcello Mastroianni de olho no passado

MASTROIANNI PROCURA OS CAROS AMIGOS

Marcello Mastroianni sai à procura de seus amigos de juventude em *Stano Tutti Bene*, que Giuseppe Tornatore (*Cinema Paradiso*) rodou na Sicília.

MICHELLE ATACA DE CANTORA SENSUAL

Depois de ter sido a virtuosa (*pero no mucho*) madame de Tourvel em *Ligações Perigosas*, **Michelle Pfeiffer** enlouquece os homens como a sensual cantora de *night club* Susie Diamond em *The Fabulous Baker Boys*. Os Baker do título são dois irmãos pianistas interpretados pelos também irmãos **Jeff** e **Beau Bridges**, e o diretor do filme é o estreante Steve Kloves.



Fox

Beau e Jeff Bridges, Michele Pfeiffer no meio: fabulosos e loucos de amor, ao som de teclados e trinados

Warner

McDowell em Laranja Mecânica

NOBEL DA PAZ PARA CALÍGULA

Malcolm McDowell, que já foi o ditador Calígula e o delinqüente Alex (em *Laranja Mecânica*), agora é o pacato e respeitado humanitarista Albert Schweitzer (1875-1965), que recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1952. A cinebiografia de Schweitzer foi rodada na África.

Sipa Press

Cher, um quê de "Mad Max" para John Carpenter

AGUARDE

LFI

Gielgud

John Gielgud estrela *Prospero's Book*, o filme que o genial **Peter Greenaway** está rodando, inspirado em *A Tempestade*, de Shakespeare.

Albert Brooks dirige a si próprio, ao lado de **Meryl Streep**, em *Defending Your Life*.

Tom Berenger estrela o novo filme de **Wolfgang Petersen** (ainda sem título), baseado no romance *The Plastic Nightmare*, de Richard Neely.

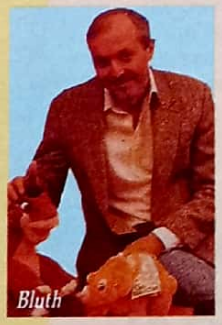
Chris Menges, o realizador do anti-racista *A World Apart*, vai dirigir uma adaptação do romance *Caninos Brancos*, de Jack London.

Don Bluth, o realizador de *Fievel e Em Busca do Vale Encantado*, prepara na Irlanda seu novo desenho animado, *A Troll in Central Park*.

Ettore Scola finaliza a adaptação cinematográfica do romance *Capitaine Fracasse*, de Théophile Gautier, com **Massimo Troisi** no papel principal.

Retna

Meryl



Bluth

Liaison/Gamma-Sigla

Scola

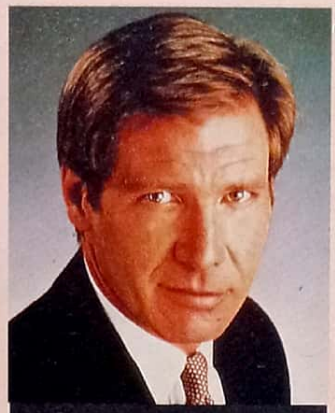
CARPENTER TENTA CONQUISTAR CHER

A estrelíssima **Cher** está na mira de ninguém menos que John Carpenter (o diretor de *Halloween* e *Eles Vivem*) para protagonizar seu próximo filme, *Pink Cushion*. De acordo com a revista francesa *Première*, Cher interpretaria uma espécie de "Mad Max de saias" (no caso dela, talvez seja *sem* saias). Enquanto isso, a cantora-atriz brilha no set de *Roadshow*, novo filme de John McTiernan, o diretor de *Predador*.

Nastassja e seu pai Klaus Kinski, em 1978

HERZOG TROCA KLAUS KINSKI POR NASTASSJA

Werner Herzog cansou de brigar com seu astro **Klaus Kinski** e resolveu agora trabalhar com a filha dele, a não menos cintilante **Nastassja Kinski**. A musa de todo mundo estrelará o novo filme do cineasta, *Scream of the Stone*, história de dois alpinistas que se apaixonam pela mesma mulher (adivinhe quem?).



Fox

Harrison Ford: Marlowe casadoiro

MARLOWE ENTRE PAUL NEWMAN E HARRISON FORD

O famoso detetive Philip Marlowe vai voltar, encarnado ou por **Paul Newman** ou por **Harrison Ford**. A dúvida é de Sydney Pollack, que vai produzir *Poodle Springs*, baseado no romance homônimo (inacabado) de Raymond Chandler. Contrariando a tradição do policial *noir*, neste filme o durão Marlowe vai render-se aos encantos femininos e tornar-se um homem casado.

Liaison/Gamma-Sigla

Quem dirige Lech Walesa?

VIDA DE WALESA CHEGA ÀS TELAS

Embalada pela ascensão do sindicato Solidariedade ao poder na Polônia, a Warner resolveu tirar da gaveta um velho projeto de fazer um filme sobre o líder **Lech Walesa**. O estúdio não divulga nomes de diretor nem de atores, mas garante que a cinebiografia — autorizada pelo próprio Walesa — sai ainda este ano, com produção de Thom Mount e James W. Brubaker.

O EFEITO KULECHOV

por Luiz Nazário

Antes da revolução soviética, o cinema russo é apenas um embrião. Conhece-se, dessa época, um fragmento cômico intitulado *Stenka Rasine*, de 1908, dirigido por V. Romachov, em que um grupo de navegadores chega a um porto, dança e canta no cais e, ao voltar para o navio, atira um companheiro ao mar.

Logo após a Revolução de Outubro, realizam-se alguns dramas fortes, como *O Padre Sérgio* (*Otestz Sergui*, 1918), de I. Protazanov, no qual a tortura do desejo transforma-se em martírio: o padre, atormentado pelas exigências da carne, corta um dedo a machadadas, para afastar de si a tentação sexual. E há também aventuras movimentadas, como *Pequenos Diabos Vermelhos*, em que uma mulher, um homem branco e outro negro entretêm o público com perseguições em tom de farsa dadaísta.

Enquanto isso, Lev Kulechov realiza uma série de experiências com montagem e interpretação. Ele filma um ator com uma expressão neutra e intercala as imagens tomadas ora com um prato de sopa, ora com um caixão de defunto. Ao assistir às montagens, os espectadores tendem a afirmar que, diante do prato de sopa, o ator demonstra estar com fome; diante do caixão, o ator revela tristeza. E o famoso "efeito Kulechov". O cineasta desenvolve essa linguagem em *As Estranhas Aventuras de Mr. West na Terra dos Bolcheviques* (1924), uma sátira antiimperialista com interpretações brilhantes e imagens poderosas.

O talento de Lev Kulechov é ainda melhor demonstrado em *Dura Lex* (1926), uma adaptação do conto "O Inesperado", de Jack London, por sua vez inspirado num fato real ocorrido em 1900, durante a corrida do ouro no Alasca. Aí, um irlandês mata os companheiros para ficar com toda a fortuna. Mas um casal — os Nielsen — sobrevive e consegue capturar o assassino. Os dois improvisam um tribunal, sendo ao mesmo tempo juízes e testemunhas, terminando por enforcar o criminoso.

No livro, o assassino morre, mas no filme ele escapa, com a corda no pescoço, do casal aterrorizado. Apesar desse desfecho de concessão, o filme é magistral: na escolha do cenário, único e nevado até onde a vista alcança; no emprego exclusivo de apenas três atores; e, sobretudo, nas interpretações histéricas, de nervos à flor da pele e olhos esbugalhados, que alcançam um nível de dramaticidade quase expressionista sem recorrer à estilização.

Alexandra Khokhlova em Dura Lex (1926), do diretor soviético Lev Kulechov

Grandes jogadas com a Panasonic.

Quando o jogo começa a esquentar, ninguém segura a NV-M33. Leve e compacta, essa câmera de suprema maneabilidade lhe permite chegar o mais perto possível para registrar todo o movimento.

O segredo do peso-galo da NV-M33 são os cassetes VHS-C. Permitindo uma hora inteira de gravação no modo EP, os cassetes VHS-C têm menos da metade do tamanho dos cassetes VHS padrão. Graças a eles, o tamanho da câmera pôde ser reduzido ao mínimo sem sacrificar funções avançadas como o Foco Automático Piezo — que lhe dá extrema precisão de enquadramento —, o obturador variável de alta velocidade — 1/500, 1/1000 s — e a lente de aproximação de 6X. Você pode

Memória digital de títulos em sete cores, com funções *wipe, scroll*, e reversão positivo/negativo, para lhe garantir vídeos dignos de um profissional.

até personalizar suas imagens com títulos, legendas ou desenhos em oito cores incríveis.

O melhor de tudo, porém, é que o cassete VHS-C é completamente compatível com o VHS — o sistema de vídeo mais difundido no mundo todo. Assim, se você tem um videocassete VHS em sua casa — e é provável que você tenha — você pode rodar cassetes VHS-C com um adaptador simples. Você pode também usar os cassetes na própria câmera conectando-a diretamente à sua televisão.

NV-M33 da Panasonic. A próxima jogada é sua.

VHS-C. Movimento é com ele.

VHS C NV-M33

À venda na Zona Franca de Manaus.

Panasonic

Panasonic e Technics são marcas registradas de Matsushita Electric.

PHILIPS

► SEJA MENOS GRAVE: MINH

► P H I L I P S . P R O D U T O S

PHILIPS

AS EMOÇÕES SÃO AGUDAS.◄

► PODE SER TECNO-POP, PRETÉRITO INDUSTRIAL, METALEIRO, NEW-AGE OU MEU RANCHINHO: VOCÊ QUER O MELHOR SOM, MAS TAMBÉM QUER O MELHOR DESIGN. ► AINDA BEM QUE VOCÊ PODE ESCOLHER ENTRE UM PHILIPS E OUTRO PHILIPS. AINDA BEM. ► VOCÊ OUVE UM COPY RADICAL, OU MESMO UM COMPACT DISC PLAYER PHILIPS, E PERCEBE QUE POR DENTRO DE UMA CARINHA BONITA UM EQUIPAMENTO DE SOM TEM POR OBRIGAÇÃO PROPORCIONAR UMA GRANDE PERFORMANCE. ► A PHILIPS JÁ TOCOU A MÚSICA DAS ESFERAS, DOS QUADRADOS, DOS TRAPÉZIOS, DAS 33 ROTAÇÕES, DOS CASSETES, CDs E CDS VÍDEO. EM MATÉRIA DE SOM, SUA TECNOLOGIA ESTÁ ANOS-DECIBÉIS À FRENTE. ► É SÓ DAR O TOM DO FUTURO QUE O ACOMPANHAMENTO PHILIPS SE ENCARREGA DE ANIMAR O BAILE. SEM GRAVIDADE NA FORMA. COM AGUDOS EMOCIONANTES NO CONTEÚDO.

D E Ú L T I M A G E R A Ç Ã O . ◄

Abasteça-se aqui.

KISSY É O IOGURTE DE BEBER COM LACTOBACILOS VIVOS PARA QUEM NÃO GOSTA DE RACIONAR ENERGIA. GENTE JOVEM E ALEGRE QUE FAZ QUESTÃO DE VIVER CADA MOMENTO COM MUITO PIQUE E SAÚDE.

kissy: a bebida que move a juventude.

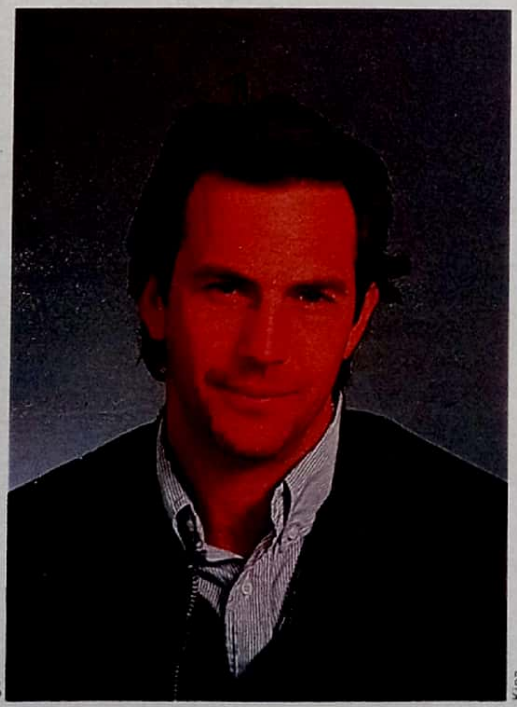
batavo
Sempre gostoso e fresquinho

Fotos da Capa: Stills (Costner) e Sipa-Press (Newman)

Na capa: Kevin Costner e Paul Newman

Dos anos 30 ao final da década de 50, Gary Cooper reinou. Bonito, natural e espontâneo, ele foi o protótipo do herói americano, aquele sujeito quase comum, bom caráter, capaz de gestos grandiosos em nome de sua consciência nobre. Sob a batuta de um diretor como Frank Capra, por exemplo, Gary Cooper era o homem da América, comovente em sua honestidade, rigoroso em seus princípios. Mas os tempos mudaram, grandes edifícios morais desabaram, modelos rígidos afrouxaram seus nós até sumirem por completo. Gary Cooper e o protótipo do herói americano que ele definiu saíram da moda, das telas e da vida. Espertalhões em automóveis brilhosos, espiões de barba escanhoada, rapazes musculosos e bem penteados, aos poucos, assumiram as vezes de encarnar o que seria o ideal masculino das massas. Aquele tipo que os homens gostariam de ser e que as mulheres adoram dizer que odeiam. E as coisas ficaram assim, mal paradas, até que o final dos anos oitenta revelou este moço chamado Kevin Costner. Másculo sem ser "macho", natural sem ser naturalista, tímido sem ser simplório, Costner vem sendo aclamado pela crítica do mundo inteiro como o legítimo sucessor de Gary Cooper. Claro que ainda é cedo para vereditos assim acachapantes. O que vale, porém, é o êxito de Costner como o novo herói clássico do cinema industrial. Com ele, depois dos anos de incerteza, loucura e invenção, o cinema retoma de forma extraordinariamente madura os temas essenciais, que estiveram na sua origem: a dignidade, o amor, a humildade, a simplicidade, o sonho e a bravura. Não é à toa que O Campo dos Sonhos, *o novo filme de Costner, dá a todos os heróis desenganados uma segunda chance sobre a Terra.*

42



28 Kipa

4 TAKES
6 TEMPOS MODERNOS
14 EM CARTAZ
Cinema Paradiso
16 OUTROS FILMES EM CARTAZ
28 MATÉRIA DE CAPA
O Campo dos Sonhos
Kevin Costner
34 AVANT-PREMIÈRE
The Little Mermaid
36 ENTREVISTA
Paul Newman
40 FESTRIO
42 MITOS
Gary Cooper
44 LIVROS
45 TRILHAS
47 FILMOTECA
49 VÍDEO & EQUIPAMENTOS
69 CARTAS
72 FILMOGRAFIAS
74 NOSTALGIA

procure em sua locadora

distribuidora
exclusiva da

LIDERANDO O C

PARIS VIDEO FILMES - RUA ITAMARATI, 204 • PACAEMBU - SÃO PAULO

Paris Filmes, com quase meio século de tradição é a maior empresa independente no mercado de cinema. Com o crescimento constante do mercado de vídeo, a Paris Filmes sempre com a preocupação em atender o melhor possível seus clientes, traz para vocês a Paris Video Filmes, com um ambicioso projeto que garantirá um fornecimento de filmes de altíssima qualidade, selecionados por uma equipe que sempre primou no cinema ! São títulos de nova produção e grande rentabilidade com grandes atores, grandes diretores e grandes produtores. A Paris Vídeo Filmes não será mais uma empresa de vídeo, será a grande empresa de video. Vocês vão estar esperando por ela.

IMPERIAL ENTERTAINMENT CORP

NEW WORLD INTERNATIONAL

OVERSEAS FILMGROUP

DH

AMINHO

PARIS VIDEO FILMES

TELS. 262.6717 - 864.1724 872.2885 - 872.0408

Na cabine de projeção, apelos poéticos neo-realistas

CINEMA PARADISO

de Giuseppe Tornatore, com Philippe Noiret, Jacques Perrin...

Giancaldo é uma cidadezinha siciliana. Dessas pequenas vilas que têm uma única igreja, um único cinema, um único pároco e um único poder. Na Itália do pós-guerra, o poder da Igreja é excessivo e inquestionável. O mesmo padre que recita o enfadonho sermão dominical oferece à pequena e rude população local — na falta de outro milagre — o milagre do cinema.

Padre Adelfio (Leopoldo Trieste) — a quem ninguém ensina como rezar a missa — quer impor à paróquia o que se deve e o que não se deve assistir no cinema. A sineta — a mesma sineta de mão usada nos rituais litúrgicos — é seu instrumento de censura. Com três ou quatro badaladas, o vigário avisa ao projecionista quais cenas devem ser eliminadas. Todos os beijos são excluídos. Qualquer cena de tom lascivo, no entender do censor de batina, deve ser jogada no lixo para não ser apreciada pelos fiéis.

Beijos calados do cinema mudo, pernas e torsos à mostra são imagens do pecado que o padre tem o poder de retalhar e eliminar da exibição pública. A pequena Giancaldo jamais viu um beijo na tela. Para preservar a moral católica, a gente da vila é acostumada à pregação da igreja. Conhece as promessas do paraíso, os castigos do inferno mas é impedida de pecar: na tela, nunca viu um verdadeiro *happy-end*.

Cinema Paradiso parece ter o cinema como protagonista. Mas não. A fita conta uma história mais fácil, com menos personagens do que a história do cinema. A cabine de projeção é o principal elemento. É como se o público pudesse dar as costas à tela para poder observar melhor. Acostumado a mostrar as próprias vísceras através de histórias de seus atores e atrizes, o cinema abre as portas da cabine de projeção e explicita assim seu cordão umbilical, sua vital ligação com a platéia. Assume um tom neo-realista para apresentar um período bem marcado pelo cinema italiano. Pode parecer anacrônico e sentimentalóide ver um garoto órfão de pai, pobre, apanhar da mãe por quase colocar fogo na casa. O menino é Toto (Salvatore Cascio), coroinha da igreja e amigo do único projecionista local: Alfredo (o impressionante Philippe Noiret). Toto encanta-se com o cinema, com a máquina de projeção (que pode servir de "forno" para esquentar a marmita de Alfredo) e com a transformação de celulóide em luz e som.

O VILÃO — É entre o altar-mor e a cabine que Toto divide seus afazeres. Sonado na hora da missa e atento às atividades do projecionista, percebe-se logo sua preferência. A tesoura — por ordem da sineta do vigário — funciona pelas mãos de Alfredo. Toto, muito esperto, recolhe fotogramas do chão para "assistir" em casa, auxiliado pela luz do lampião. É assim que ele quase se torna um incendiário doméstico.

O fogo é também o vilão da cidade. Numa disputada sessão, Alfredo, por meio de um truque de espelhos, consegue projetar o filme para os espectadores na praça em frente ao cinema. A maravilha é compartilhada por todos. Mas a máquina de projeção, trabalhando na sua carga máxima, incendeia-se, provoca o pânico na população, destrói o cinema e Alfredo se torna a principal vítima de sua profissão, impossibilitado de trabalhar.

O cinema (ou a igreja), sem fundos para reconstruir o prédio, deixa a cidade sem diversão. É a vez de a iniciativa vir das mãos de um novo milionário de Giancaldo, um afortunado ganhador da loteria italiana. Ele reabre o lugar. É o Novo Cinema Paradiso. O maior problema é o projecionista. Só Toto pode substituir o profissional nas máquinas de projeção. Uma criança com a mesma idade e da mesma época do sofrido garoto de *Ladrões de Bicicleta* (1948), de Vittorio de Sica, ou do

Fotos Fox

Colecionador de fotogramas, Toto (Salvatore Cascio) recita diálogos à luz do lampião

tamanho da filha de Anna Magnani no filme *Belíssima* (1951), de Luchino Visconti.

NOSTALGIA — Sem a interferência da Igreja, a cidade pode ver todos os beijos. Descobre as pernas de Brigitte Bardot e como *Deus Criou a Mulher*. Vê Silvana Mangano cantando, sensualíssima, uma versão italiana de um baião brasileiro. O cinema, a vida do lugar, agora está mais para Fellini de *Amarcord*. Os garotos, excitados pelo que nunca haviam visto antes, fazem sessão de masturbação coletiva. Os casais apaixonados não sabem mais reprimir a volúpia e Paradiso agora é sinônimo de prazer e amor carnal.

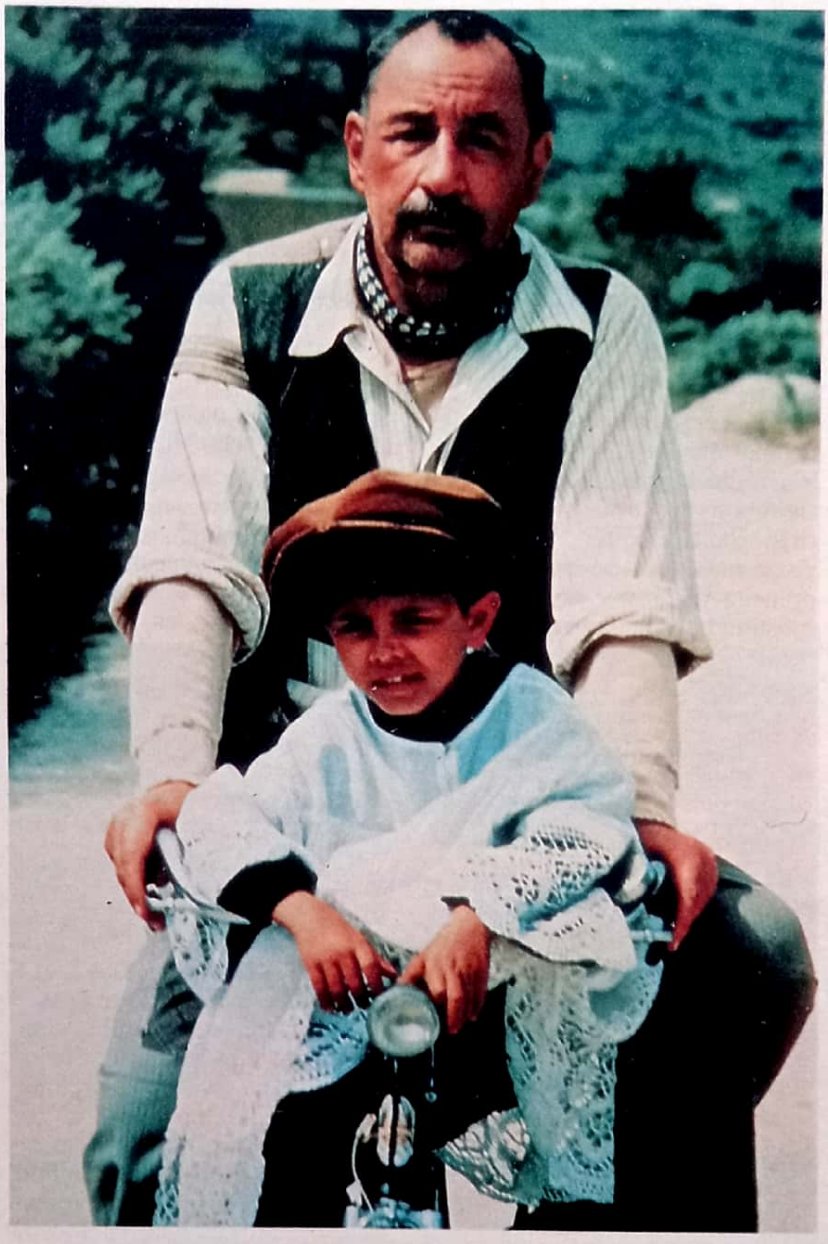
Giuseppe Tornatore é o diretor. Siciliano, dirigiu também *Il Camorrista* (1986) — exibido aqui no FestRio — depois de uma eficiente carreira de documentarista na RAI — Rádio e Televisão Italiana. Com *Cinema Paradiso*, Tornatore, de apenas 33 anos, defende a tese de que se pode falar da história do cinema sem cair na nostalgia de calendário.

Também não se prende a modismos "pós-modernos" de metalinguagem, próprios da década que terminou. Sua linguagem dramática tem pouco do que é considerado "novo", e o resultado, editado em *flash-back*, pode até ser considerado convencional. Mas é tão rico em poesia quanto os grandes clássicos italianos. Talvez por causa desse "academicismo" tenha sido recusado para o Festival de Berlim. Talvez pelo mesmo motivo tenha ganho o Prêmio Especial do Júri em Cannes, no ano passado.

Com grandiosidade cinematográfica e eloqüência própria dos melhores produtos do cinema do pós-guerra italiano, *Cinema Paradiso* marca a história do cinema nessa virada de década.

Dilson Gomes

Cinema Paradiso, França/Itália, 1988 ■ DIREÇÃO: Giuseppe Tornatore ■ Com Philippe Noiret, Jaques Perrin, Leopoldo Trieste, Salvatore Cascio, Agnese Nano, Antonella Attili, Isa Danielle ■ ROTEIRO: Giuseppe Tornatore ■ FOTOGRAFIA: Blasco Giurato ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Andrea Crisante ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ PRODUÇÃO: Franco Cristaldi ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox



Ao lado, o projecionista Alfredo (Philippe Noiret) dá uma carona a Toto. Abaixo, com Toto adolescente (Marco Leonardi) que revela sua namorada num filme de 8 mm

O sonho, como matéria-prima do cinema

FEDERICO FELLINI – ENTREVISTA

De Federico Fellini, com Marcello Mastroianni, Anita Ekberg

A viagem sentimental de Federico Fellini, de 69 anos, já dura 50, desde a primeira vez em que ele pisou nos estúdios da Cinecittà, como repórter, para entrevistar uma diva do cinema. Essa primeira visita, por sinal, está reconstituída em *Entrevista*, filme perpassado por outra entrevista — a do cineasta para um séquito reverente de japoneses, a propósito de uma pretensa produção em andamento, *Amerika*, uma versão do livro do tcheco Franz Kafka. O filme e a entrevista aos japoneses são fictícios. Para um artista que bebe diretamente na fonte dos sonhos, é um fato normal, tanto quanto desancar a televisão, que, segundo ele, impede os homens de sonhar.

Federico Fellini é assim: revira permanentemente os sonhos de Federico Fellini. De tal forma que ele parece se repetir com matizes diferentes de filme para filme. É preciso muito topete para dizer sempre a mesma coisa com um enfeite diferente — é preciso ser muito fiel à verdade e à beleza para se ater a seus próprios fantasmas por dezenas de anos.

As obsessões mais caras do cineasta estão todas em *Entrevista*. Ecos de filmes anteriores, como *8 1/2*, *Roma* e, naturalmente, *A Doce Vida* soam aqui e ali. Fellini investe pelo passado do cinema adentro para reviver, em celulóide, o seu próprio. Revê a viagem do Federico repórter (um rapaz com uma tremenda espinha no nariz), de bonde, dos trilhos de Roma até a Cinecittà. Mostra como reconstituir um bonde elétrico cinqüentenário depositando sua velha carcaça sobre a carroçaria de um caminhão; como colocar gente de carne e osso nos seus bancos — aquela fauna popular peculiar felliniana —, elegendo seus trajes, trejeitos e feições (o próprio produtor se presta ao papel de fascista, na falta de outro) de tal maneira que sejam como os ilustres passageiros da primeira viagem. A paisagem, longe de ser realista, é feita de recortes cinematográficos. Estepes africanas com elefantes e cataratas estão a meio caminho entre Roma e Cinecittà.

No estúdio, diretores autoritários de antanho se revezam com estrelas histéricas e figurantes galhofeiros, lanchando na metade aparente de um elefante de mentira. Tudo preserva o andamento solene e misterioso dos sonhos. Sendo o sonho a matéria de que são feitos os filmes de Fellini, nada mais natural que o espectador se sinta às vezes perdido em meio às imagens dispersas de *Entrevista*, um filho híbrido de documentário com ficção. O melhor é ser levado pelas ondas (de um mar que, quando aparece nos filmes dele, aliás, costuma ser de plástico). Para o bom navegador está reservado o encontro de duas figuras sagradas da mitologia felliniana, Marcello Mastroianni e Anita Ekberg, juntos no cinema pela primeira vez desde *A Doce Vida*, de 1960, o primeiro grande sucesso internacional do diretor. Um Mastroianni vestido de Mandrake, guindado de um comercial para uma visita surpresa à opulenta atriz — no ostracismo, cercada de cães ferozes —, assiste de novo, junto de Anita, à cena antológica do banho dela na Fontana di Trevi, um doce banhar-se coberto de aura cinematográfica. Uma bela cena, tão valiosa quanto uma entrevista do arredio Federico Fellini.

Carlos Volpato

Fotos Art Films

No destaque, Fellini dirige num cenário onírico. Ao lado, o reencontro de Anita e Mastroianni depois de 27 anos

Federico Fellini's Intervista, Itália, 1987 ■ DIREÇÃO: Federico Fellini ■ Com Federico Fellini, Marcello Mastroianni, Anita Ekberg, Sergio Rubini, Maurizio Mein, Lara Wendel, Paola Liguori ■ ROTEIRO: Federico Fellini ■ FOTOGRAFIA: Tonino Delli Colli ■ MÚSICA: Nicola Piovani ■ DIREÇÃO DE ARTE: Danilo Donati ■ PRODUÇÃO: Ibrahim Moussa ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Uma odisséia no tempo movida pela fé

NAVIGATOR

De Vincent Ward, com Bruce Lyons, Hamish McFarlane

Navigator não se enquadra em categorias fáceis. Imaginativo, visionário, mistura de ficção científica, aventura, conto de fadas e drama, é surpreendentemente atual, revestido de um realismo nada fantasioso.

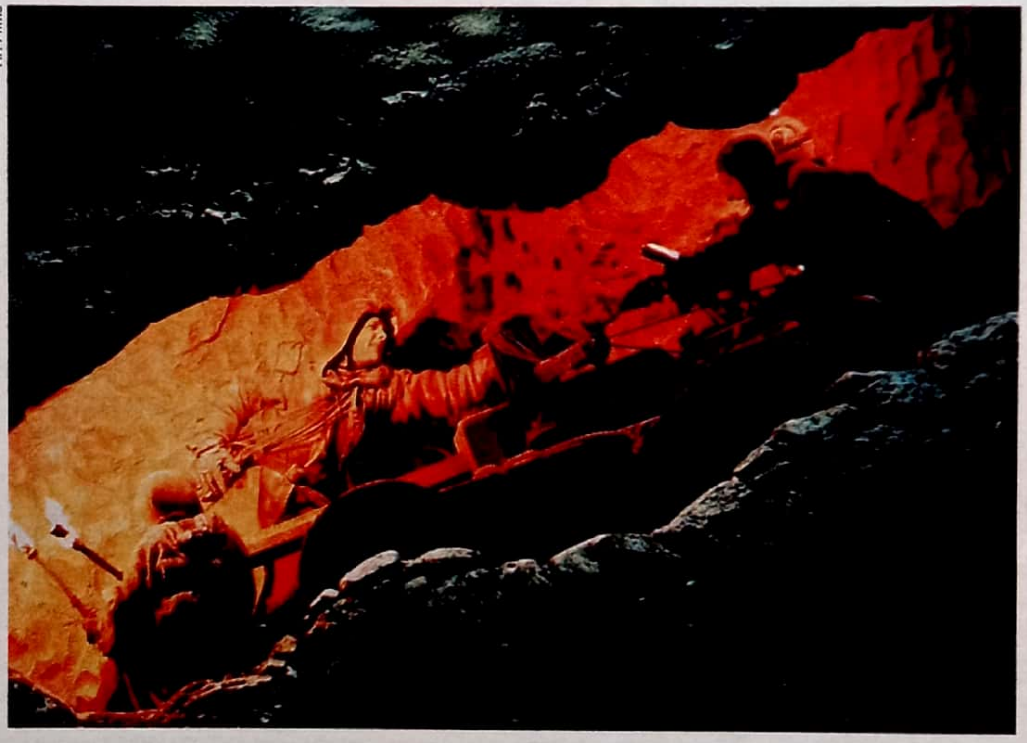
Mario Nery

The Navigator: A Medieval Odyssey, Nova Zelândia/Austrália, 1988 ■ DIREÇÃO: Vincent Ward ■ Com Bruce Lyons, Chris Haywood, Harmish McFarlane, Marshall Napier, Noel Appleby, Paul Livingston ■ ROTEIRO: Vincent Ward, Kely Lyons, Geoff Chapple ■ FOTOGRAFIA: Geoffrey Simpson ■ MÚSICA: Davood A. Tabrizi ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Sally Campbell ■ PRODUÇÃO: John Maynard ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

A fé pode ser o elo de união entre os homens em torno de uma idéia que os salva do pior em tempos catastróficos — eis o *leitmotiv* da exuberante fábula *The Navigator*, do neo-zelandês Vincent Ward. Nada mais sincrônico (no sentido jungiano do termo), na era da Aids e da ameaça de extinção do planeta, que uma história sobre a fuga da peste negra por uma comunidade de mineiros no século XIV.

A narrativa começa em preto-e-branco, num vilarejo, em Cumbria, em 1348, onde um grupo de mineradores sobrevive apesar da peste que se alastra por toda a Inglaterra. Entre eles, Griffin (Hamish McFarlane), um garoto de nove anos, tem visões premonitórias (em cores), que, acreditam todos, indicam o caminho da salvação. Segundo os sonhos de Griffin, um grupo de homens deve partir em direção ao centro da Terra. Como cavaleiros em busca do Santo Graal, em armaduras rústicas, Griffin, seu irmão Conner (Bruce Lyons), o truculento Arno (Chris Haywood), Martin, o filósofo (Paul Livingston), o gigante Ulf (Noel Aplleby) e o pragmático Searle (Marshall Napier) cavam, assim, um túnel que os levará ao outro lado do mundo, onde encontrarão uma igreja antevista pelo menino, em cuja torre deve ser cravada uma cruz forjada em cobre por eles. A missão precisa ser cumprida num dia, antes do pôr-do-sol, para que a comunidade seja salva da peste. A analogia entre a Idade Média e os dias de hoje se impõe mais que por mera sugestão. Não é por coincidência que o grupo, ao alcançar a outra saída do túnel, percebe-se, estupefato, em 1988, numa grande cidade da Nova Zelândia. Como contraponto à gravidade do empreendimento — uma verdadeira odisséia temporal —, Ward tira proveito da situação absurda para provocar embaraços, como a divertida seqüência em que os viajantes confundem um submarino nuclear com o demônio.

Transbordante de simbolismo, com tonalidades surrealistas, *The*



Art Films

Mineiros do século XIV buscam num túnel o centro da Terra e a salvação da Peste Negra

Pandora

No episódio "Perdidos no Espaço", Johnny "Elvis" (Joe Strummer, à esquerda) e dois amigos, perdidos na noite

Três histórias mornas, sem sol, sem sal, sem som

MISTERY TRAIN

de Jim Jarmusch, com Joe Strummer e Nicoletta Braschi

Ganhador do prêmio de Melhor Contribuição Artística no Festival de Cannes 1989, *Mystery Train*, segundo Jim Jarmusch, encerra a trilogia iniciada com *Estranhos no Paraíso* e *Daunbailó*. Talvez por não vislumbrar um quarto filme que contornasse o descenso de seu trabalho, resolveu pôr um ponto final, através do artifício cabalístico, numa fase já redundante.

Mystery Train se passa em Memphis, marco zero na história do rock (lá está a mitológica gravadora Sun Records, onde gravaram Elvis Presley, Carl Perkins e Jerry Lee Lewis). São três contos interligados por um hotel, Arcade, e um incidente que lá ocorre. O primeiro, *Longe de Yokohama* (Far from Yokohama), mostra a peregrinação de um ingênuo casal japonês em busca dos lugares por onde passaram seus ídolos. Ele venera Perkins e ela, Elvis. Eles querem conhecer a mansão de Elvis (Graceland) e visitam a Sun Records, sem entender uma palavra do guia turístico. Frustrados, se hospedam por uma noite no hotel Arcade. Este é o melhor conto, cujo humor vem da atitude patética do casal.

O segundo episódio, *Um Fantasma* (A Ghost), é a trajetória de uma viúva italiana, Luisa (Nicolette Braschi, de *Daunbailó* e *O Pequeno Diabo*) ao trasladar o corpo do marido para a Itália. Ela se hospeda no dito hotel e divide um quarto com uma oportunista falastrona, Dee Dee (Elizabeth Bracco), que nesse mesmo dia deu um "fora" no namorado. À noite Luisa recebe a visita do fantasma de Elvis no quarto. O terceiro conto, *Perdidos no Espaço* (Lost in Space), é o relato do namorado de Dee Dee, Johnny "Elvis" (Joe Strummer, ex-integrante do grupo The Clash), que, bêbado e amargurado, atira em um homem e depois se refugia com dois amigos (um irmão de Dee Dee) no Arcade. Com todos no hotel, quando rompe a manhã algo acontece.

Apesar da boa trilha de John Lurie, a homenagem que Jarmusch presta a Memphis é árida e desolada. Os personagens se movem com extrema indolência numa manifestação pop niilista típica dos anos 80. O filme tem o efeito de uma anedota que começa engraçada, perde o pique e termina constrangida.

Walter de Silva

Mystery Train, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Jim Jarmusch ■ Com Masatoshi Nagase, Youki Kudoh, Nicoletta Braschi, Elizabeth Bracco, Joe Strummer, Rick Aviles, Steve Buscemi ■ ROTEIRO: Jim Jarmusch ■ FOTOGRAFIA: Robby Muller ■ MÚSICA: John Lurie ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Dan Bishop ■ PRODUÇÃO: Jim Stark para a MTI ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora Filmes

UM HOMEM INOCENTE

de Peter Yates

Tom Selleck quer apagar a fama de canastrão conquistada ao longo da série de TV *Magnum*. Mas se continuar fazendo filmes como o esquálido *An Innocent Man*, não será nesta encarnação que ganhará o prestígio artístico e o respeito que almeja.

Apesar do time de primeiro escalão no comando do filme — o diretor Peter Yates e o cinematógrafo William Fraker, os mesmos de *Bullit* —, as situações implausíveis em que colocam Selleck beiram o constrangimento. No papel de um homem condenado à prisão por um crime que não cometeu, Selleck precisa provar sua inocência ao mesmo tempo que tem que se esquivar da lei da selva que rege a comunidade carcerária. Um tema que renderia uma trama contundente. Mas aceitar Selleck saindo da solitária tão bem-disposto como se fosse recém-chegado do Club Mediterranée? E os policiais-vilões com menos definição de personagem do que um desenho animado de terceira. As expressões faciais de Selleck têm menos variedade e conteúdo emocional do que as de Godzila. E F. Murray Abraham — o Sallieri de *Amadeus* — é tão subaproveitado que não faz decolar sua participação como o presidiário veterano que orienta Selleck.

José Emílio Rondeau

An Innocent Man, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Peter Yates ■ Com Tom Selleck, F. Murray Abraham, Laila Robins, David Rasche, Richard Young, Badja Djola, Todd Graff ■ ROTEIRO: Larry Brothers ■ FOTOGRAFIA: William A. Fraker ■ MÚSICA: Howard Shore ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Stuart Wurtzel ■ PRODUÇÃO: Ted Field e Robert W. Cort ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Warner

Selleck e Abraham: o inocente e o veterano

Caos familiar entre bichos do mato e cosmopolitas

GENTE DIFERENTE

de Andrei Konchalovsky, com Jill Clayburgh

A quarentona descasada Diana Sullivan (Jill Clayburgh) mora em Nova York e trabalha como repórter para a *Cosmopolitan* (a *Nova* americana). Nada mais urbano, moderno e (com perdão do trocadilho) cosmopolita. Mas suas origens estão no Sul, nos remotos pântanos da Louisiana. E é por lá que ela resolve se embrenhar, no intuito de reconstituir sua árvore genealógica e produzir uma matéria pitoresca para a revista. Leva consigo a câmera fotográfica, a máquina de escrever e a filha Grace (Martha Plimpton), uma adolescente chegada em sexo, drogas e Elvis Costello.

A jornada rio acima, por entre brumas cada vez mais densas, equivale a uma viagem pelo túnel do tempo, ao final da qual mãe e filha encontram uma vila em ruínas onde vivem isolados os remacescentes da família Sullivan. Uma gente estranha, rústica, retraída, que as recebe com cara feia, poucas palavras e muito mistério.

À testa da família, comandando três filhos e uma nora, está a obstinada e granítica Ruth (Barbara Hershey, melhor atriz em Cannes), que considera morto um quarto filho que abandonou a casa para ir viver na luxúria da cidade. Entretanto, como no conto *Peru de Natal*, de Mário de Andrade, quem realmente reina sobre o lar é o pai morto, cuja cadeira continua vazia na cabeceira da mesa e cujo retrato tudo observa da parede da sala. Em torno desse patriarca extinto erigiu-se uma espécie de culto, só perturbado pela visita inoportuna das "primas ianques".

O choque entre as duas pontas da família Sullivan produz conseqüências indizíveis. Para não estragar as surpresas, cabe dizer apenas que há um momento — uma seqüência extraordinária — em que a chama do desejo, acesa pela graciosa Grace, desencadeia as forças da destruição e da loucura há séculos represadas, e a família quase desaparece no caos. A insuportável crueldade das cenas trai a participação de Gérard Brach (antigo parceiro de Polanski) no roteiro. E a fotografia embaciada de Chris Menges torna quase palpável a umidade do ar. Grande filme, apesar da horrenda música do Tangerine Dream.

José Geraldo Couto

Shy People, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Andrei Konchalovsky ■ Com Barbara Hershey, Jill Clayburgh, Martha Plimpton, John Philbin, Don Swayze ■ ROTEIRO: Gérard Brach, Andrei Konchalovsky e Marjorie David ■ FOTOGRAFIA: Chris Menges ■ MONTAGEM: Alain Jakubowicz ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Stephen Marsh ■ MÚSICA: Tangerine Dream ■ PRODUÇÃO: Menahem Golan e Yoram Globus para a Cannon ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris

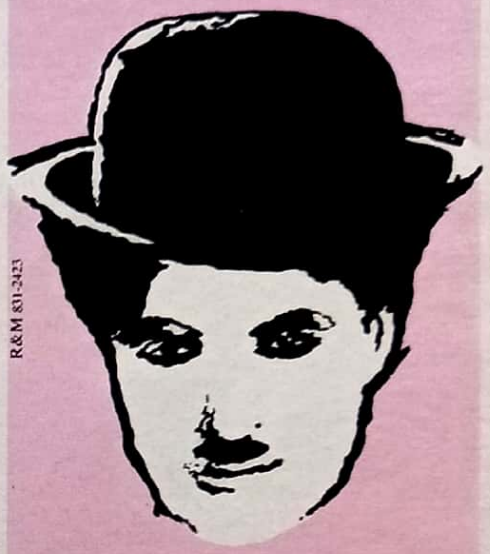
Paris

O pessoal do pântano e a menina da cidade (Martha Plimpton, de suéter)

O maior ator de todos os tempos, está de volta.

CARLITOS
O REI DO RISO

nas comédias que são verdadeiras obras primas do cinema.



R&M 811-2423

CLASSICS FROM CHARLES CHAPLIN

Um filme que daqui a 100 anos ainda será lembrado com prazer e risadas...

um FURACÃO DE GARGALHADAS!

PROGRAMA I

- THE CHAMPION
- THE TRAMP
- OW WHAT NIGHT
- JITNEY DEVELOPMENT

Escrito, dirigido e produzido por CHARLES CHAPLIN.
Produzido originalmente em preto e branco.
Narrado e legendado em português.

Distribuição Exclusiva
AB INTERNACIONAL VIDEO LTDA.
Rua Traipu, 260 - casa 8
Perdizes - 01235 - São Paulo SP
Telefone: (011) 825-5599 - Telex: 1121014 ABVI-BR

Deus, niilismo e a amarga lucidez dos anos 90

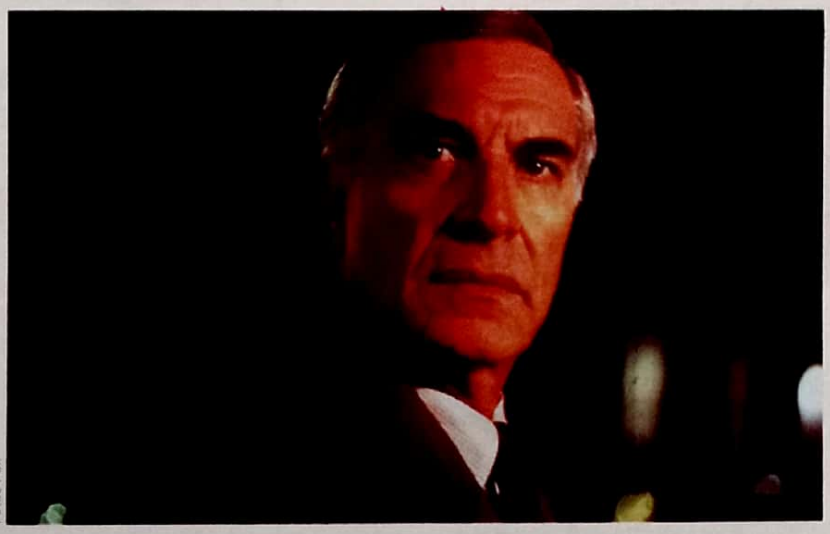
CRIMES E PECADOS

de Woody Allen, com Martin Landau, Allen e Mia Farrow

Já há algum tempo, entre risos, lágrimas, dentes trincados e diálogos pedantes, Woody Allen vem pregando seu inquietante evangelho: não é que Deus não exista, o mais provável é que Ele exista e seja totalmente indiferente às preces e desesperos da humanidade; ou talvez, pior ainda, que Ele simplesmente nos deteste.

Na derradeira epístola desta sombria doutrina — a quase-comédia *Crimes and Misdemeanors* —, Allen elabora um pouco mais sua teoria: Deus, provavelmente, é cego. Aquele famoso Olho que tanto atemoriza as criancinhas, o Olho onisciente que tudo vê e tudo julga, há muito tempo vem gradualmente se embaçando e, agora, estamos aqui a sós com nossas dores, nossas mazelas, crimes e contravenções.

A idéia, evidentemente, não é nova e, de Kierkegaard a Ingmar Bergman — duas pessoas de quem Woody gosta muito —, já foi exposta em diferentes gradações de clareza e desespero. Abandonando a introspecção maçante de seu par de filmes anteriores, Woody Allen optou, em *Crimes*, pelo quase-sorriso, pela ironia. Judah (Martin Landau) é um oftalmologista moralmente cego pela paixão e pelo medo. Cliff (Woody Allen) é um documentarista existencialmente cego por um idealismo puro que beira a ingenuidade. Ben (Sam Waterston, num pequeno papel que funciona como um comentário à ação) é um rabino que fisicamente perde a visão ao longo do filme — enquanto outras trevas, as morais, fecham-se à sua volta.



Fotos Fox

Acima, Judah (Martin Landau), oftalmologista moralmente cego; ao lado, Halley (Mia Farrow) e Cliff (Woody Allen): ela, cega de ambição, ele, idealista

Judah manda matar Dolores (Anjelica Huston), sua amante cega de desejo obsessivo, porque ela ameaça sua paz doméstica e seu sucesso profissional. Cliff aceita fazer um programa de TV sobre Lester, seu cunhado canalha, um produtor medíocre, mulherengo e bem-sucedido (Alan Alda), porque acredita que, assim, poderá não apenas desmascará-lo mas também levantar a produção de seu projeto favorito — um filme sobre um velho filósofo alemão que prega a idéia do silêncio absoluto de Deus (e acaba se suicidando). Halley (Mia Farrow) é uma assistente de produção que involuntariamente seduz Cliff e voluntariamente se deixa seduzir por Lester, cega de ambição.

Num belo filme moralista dos anos 50, as traições seriam punidas exemplarmente ou redimidas pelo auto-sacrifício, e os justos, regiamente compensados. Mas estes já são os 90, e Woody acredita na amarga lucidez. O único realmente punido é Cliff, o idealista — enquanto ao fundo, invisível mas tristemente onipresente, Deus, cego, valsa e, provavelmente, ri.

Ana Maria Bahiana

Crimes and Misdemeanors, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Woody Allen ■ Com Martin Landau, Woody Allen, Mia Farrow, Alan Alda, Anjelica Huston, Sam Waterston, Daryl Hannah ■ ROTEIRO: Woody Allen ■ FOTOGRAFIA: Sven Nykvist ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Santo Loquasto ■ SOM: Frank Graziadei ■ PRODUÇÃO: Robert Greenhut ■ DISTRIBUIÇÃO: Orion

Top Models

Esta não é somente a mais completa linha de câmeras de vídeo existente no mercado. É também o que a tecnologia conseguiu produzir de mais avançado.

São vários modelos e formatos que fazem qualquer iniciante obter imagens tão perfeitas quanto um profissional.

Mas a melhor coisa que elas tem em comum é o nome JVC, a marca de todos os que conhecem vídeo.

Escolher a melhor câmera é tão fácil como escolher JVC.

Na vanguarda em sistemas de vídeo desde a invenção do VHS.

JVC

O inventor do VHS

*Produtos à venda na Zona Franca de Manaus.

Um pesadelo pleno de ressonâncias

HELLRAISER

de Clive Barker, com Andrew Robinson e Clare Higgins

Com dois anos de atraso, chega ao Brasil o filme de estréia do consagrado escritor de horror Clive Barker, que retoma a tradição do terror inglês em um patamar superior. E nada mais inglês do que *Hellraiser* — apesar da opção do diretor de não identificar o local onde a trama se desenrola, combinando locações tipicamente britânicas com o acento americano das falas. Frank Cotton (Sean Chapman), um aventureiro depravado, encontra num mercado do Oriente Médio um estranho *puzzle*, um quebra-cabeça em forma de caixinha árabe que, reza a lenda, quando aberto de certa forma dá acesso a um universo de prazeres desconhecidos.

Cenobita, ao lado; abaixo, Frank (Sean Chapman), sua amante (Clare Higgins) e uma vítima

Fotos Paris

De volta a casa, Frank resolve o enigma abrindo-se à dimensão dos cenobitas. Antes demônios que anjos, estes lhe revelam que prazer e dor pertencem à mesma esfera e esquartejam seu corpo num torvelinho de rituais lancinantes... O problema, agora, é de Larry (Andrew Robinson, de *Dirty Harry*), o irmão de Frank. Decidindo-se a ocupar a casa que também é sua, após o desaparecimento de Frank, ele traz consigo Julia (Clare Higgins), sua segunda esposa. Ela, que, por um lado, se assusta com a atmosfera lúgubre do casarão, por outro lado sente atração irresistível pela sordidez do local — a pouca mobília, as fotos pornográficas que Frank deixou para trás recordam-lhe uma tórrida tarde de sexo, em que Frank aparece para "conhecer a noiva".

É nesse ambiente de perversão que o ímpeto dos prazeres proibidos voltará a grassar: a partir de uma gota de sangue perdida, o espectro de Frank começa a se reconstituir, para que seu espírito possa escapar à dimensão cenobita. E é com a ajuda de Julia, ávida por recompor, bife a bife, o corpo do amante, que eles atraem e sacrificam desconhecidos, para conseguir a matéria-prima. O monstro, além do mais, sente atração pela sobrinha, Kirsty (Ashley Laurence), que aparece em visita ao pai... Num clima de erotismo absurdo, em contraponto às torturas cenobitas — cuja aparência aterradora é calcada em figurinos sadomasoquistas —, o filme atrai e repugna quase na mesma medida.

Raro exemplar de terror "sério", num período em que as produções para o mercado adolescente recorrem mais e mais ao humor, *Hellraiser* é um pesadelo pleno de ressonâncias. (Sua continuação, *Hellbound*, foi dirigida este ano pelo produtor executivo Tony Randel). *Alex Antunes*

Hellraiser, Inglaterra, 1987 ■ DIREÇÃO: Clive Barker ■ Com Andrew Robinson, Clare Higgins, Ashley Laurence, Sean Chapman, Oliver Smith, Robert Hines ■ ROTEIRO: Clive Barker, baseado em seu conto The Hell-Bound Heart ■ FOTOGRAFIA: Robin Vidgeon ■ MÚSICA: Christopher Young ■ DIREÇÃO DE ARTE: Jocelyn James ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Mike Buchanan ■ PRODUÇÃO: Christopher Figg ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes

VOCÊ VAI VIRAR CRIANÇA DE NOVO COM OS NOVOS VÍDEOS DISNEY

A Dama e o VAGABUNDO

Um momento mágico do cinema, agora em vídeo e totalmente dublado! O mundo inteiro consagrou o romance repleto de aventura e ação do simpático viralata com a cadelinha de luxo. Um desenho que emociona pessoas de todas as idades.

Walt Disney Company

E MAIS

ESTES INCRÍVEIS SUCESSOS DISNEY QUE VÃO DIVERTIR TODA A FAMÍLIA:

BANG-BANG
Uma comédia onde até os assaltantes são assaltados!

PATETA, O SUPER ATLETA
11 desenhos incluindo **Aquamania** (indicado para o Oscar®).

CANTE COM DISNEY
7 desenhos embalados por músicas imortais!

WALT DISNEY HOME VIDEO

abril vídeo

ATENÇÃO:
Exija este HOLOGRAMA colado nas fitas Disney.
É a sua garantia de qualidade.

VENDAS EM TODO O BRASIL: SÃO PAULO: (011) 814.8803 ou 814.8426
• RJ (021) 295-2089/546-8172 • ES (027) 239-3956 • RS (0512) 34-2772 • DF/GO (061) 243-8815 • PE/AL/PB/RN (081) 224-2124 • BA/SE (071) 240-1543 • MG (031) 227-7105 • PA (091) 226-9130 • AM (092) 234-3434 • PR (041) 253-7610 • MS (067) 383-7051 • SC (0482) 23-6975 • MA/PI (098) 227-4105 • Tocantins e MA/ Região Sul (098) 741-2152 • CE (085) 226-3806 • SP/Ribeirão Preto (016) 625-1316 • Campinas (0192) 31-2355 • Bauru (0142) 34-2774 • Santos/Vale do Paraiba - SP (011) 701-1590 • RO (069) 421-4911 • MT (065) 321-6130

Exitus/SMC

UMA DUPLA QUASE PERFEITA

com Tom Hanks

Turner (Tom Hanks) é um tira jovem e careta de uma pequena cidade no litoral da Califórnia. Hooch é um cachorro da pior espécie: feio, feroz e fedido. Uma noite, Hooch presencia o assassinato de seu velho dono por um traficante, junto ao cais, e passa a ser a única testemunha de que dispõe Turner para investigar o caso. O policial leva o cão para casa e tenta conviver civilizadamente com ele, mas é impossível: Hooch destrói tudo que vê pela frente e ainda baba em cima.

A partir dessa situação, o filme se desenvolve em três frentes: a investigação policial, a amizade atribulada entre Turner e Hooch e, por fim, o romance entre o rapaz e a veterinária Emily (Mare Winningham). Apesar de ter contado com o trabalho de cinco profissionais, o roteiro não amarra bem essas três linhas, e todas são subaproveitadas. O que poderia ser um jogo interessante em torno da relação instinto/razão acaba se perdendo num enredo frouxo e, na maioria das vezes, previsível. Sobram momentos divertidos e a contagiante simpatia de Tom Hanks, que garantiu enormes bilheterias nos EUA.

José Geraldo Couto

Turner & Hooch, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Roger Spottiswoode ■ Com Tom Hanks, Mare Winningham, Craig T. Nelson, Reginald VelJohnson, Scott Paulin ■ ROTEIRO: Dennis Shryack, Michael Blodgett, Daniel Petrie Jr., Jim Cash, Jack Epps Jr., baseado na história de Shryack, Blodgett e Petrie ■ FOTOGRAFIA: Adam Greenberg ■ MÚSICA: Charles Gross ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: John DeCuir Jr. ■ PRODUÇÃO: Raymond Wagner ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

UIP

Turner (Hanks) e Hooch, cão e tira

Warner

Pai e filho, Lemmon e Danson no hospital: reconciliação

Prato cheio de lágrimas para o talento de Lemmon

MEU PAI, UMA LIÇÃO DE VIDA

de Gary Goldberg, com Jack Lemmon e Olympia Dukakis

Nos Estados Unidos dá-se a denominação de *tearjerker* a este tipo de filme: o dramalhão feito explicitamente para inundar as salas de exibição com enxurradas de lágrimas. *Meu Pai, uma Lição de Vida* é um *tearjerker* em grande estilo, com crises em família, reconciliações dramáticas e — o golpe de misericórdia — até mesmo uma morte para arrancar soluços desbragados.

Não há o mínimo compromisso com significados mais profundos em *Meu Pai, uma Lição de Vida*, uma característica atribuível ao passado na criação de comédias de situação para a TV do diretor Gary David Goldberg, estreando aqui no cinema com um roteiro que também é dele. São cenas de fácil digestão que costuram uma trama trivial, que faz sentido para qualquer pessoa em qualquer parte do mundo.

Ted Danson (John Tremont) é um superexecutivo que reencontra os pais quando o amargor e a senilidade já os transformou numa pálida semelhança do que eram: resignados ao iminente fim da vida, aprisionados a uma rotina segura que não dá espaço para mudança alguma. O pai (Jack Lemmon) depende da mãe (Olympia Dukakis) para tudo, desde a seleção do café da manhã até o abotoamento da camisa do pijama.

Quando Danson aparece em sua antiga casa, o pai está entregue a uma série de "memórias", na verdade criações de sua própria fantasia que em nada correspondem à realidade. É como se o pai precisasse daquelas fantasias para manter-se vivo. Um câncer e um coma, no entanto, nocauteiam o pai e põem toda a estrutura da família em xeque: o filho de Danson (Ethan Hawke) radicaliza as desavenças com Ted, e a mulher de Lemmon mergulha, por sua vez, na mesma catatonia indiferente do marido.

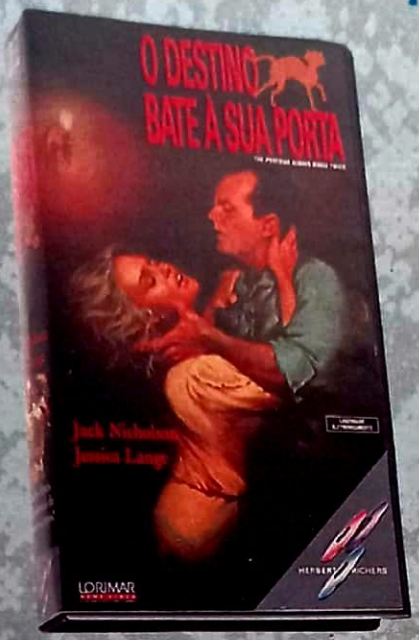
Mas Lemmon vence temporariamente o câncer e acorda do coma com um vigor inacreditável e resolve aproveitar a vida.

Apesar de *Meu Pai, uma Lição de Vida* ser um veículo para o marketing de Danson como grande galã da tela, é mesmo Lemmon quem brilha, envelhecido 20 anos para o papel que muita gente crê valerá um Oscar em março. Há muito tempo não é entregue ao veterano ator um filme que ele possa explorar tão bem.

José Emílio Rondeau

Dad, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Gary David Goldberg ■ Com Jack Lemmon, Ted Danson, Olympia Dukakis, Kathy Baker, Kevin Spacey, Ethan Hawke ■ ROTEIRO: Gary David Goldberg ■ FOTOGRAFIA: Jan Kiesser ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jack DeGovia ■ MÚSICA: James Horner ■ PRODUÇÃO: Joseph Stern, Gary David Goldberg ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Vídeo para quem Gosta de Cinema



Uma paixão eloqüente. Um desejo incontrolável. Um sentimento devastador. Jack Nicholson e Jessica Lange. Um homem e uma mulher em busca do diferente, do obsceno, do erótico, do amor. Um dos filmes mais sensuais de todos os tempos!

Frank Capra, o gênio humanista do cinema, mistura humor e ingenuidade numa comédia inesquecível! A história de um anjo, que para ganhar suas asas, precisa fazer com que George Bailey desista do suicídio chega em vídeo em sua versão original, em preto e branco, com a qualidade Herbert Richers.

Marlon Brando. Orgulho e rebeldia numa atuação talentosa. Uma das mais importantes de sua carreira. Um ex-combatente encontra no amor de uma mulher, a arma mais poderosa para se reintegrar numa sociedade que o despreza. Um filme de Fred Zinnemann.

John Wayne é o durão e experiente sargento Stryke. Sob seu comando, um pelotão de fuzileiros navais enfrenta perigosas batalhas numa história real! Iwo Jima — O Portal da Glória é o primeiro lançamento colorizado da Herbert Richers. A mais moderna técnica computadorizada garante cores perfeitas!

O que antes só podia ser visto no cinema, a Herbert Richers transformou em vídeo para você.

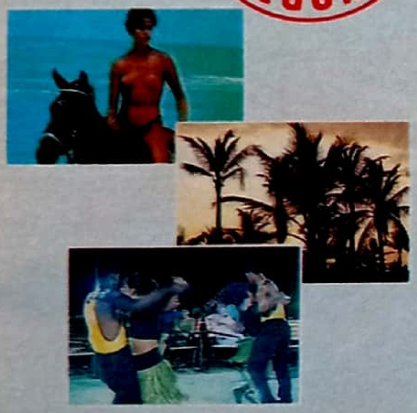
COMPRE POR TELEFONE

Você pode comprar esses filmes ligando já para a Herbert Richers.
Rio (021) 288-8142
São Paulo (011) 36-4508

HERBERT RICHERS

Rio de Janeiro: Rua Conde de Bonfim, 1337. CEP 20530
São Paulo: Rua Conselheiro Crispiniano, 53 conj. 22. CEP 01037

PORTO SEGURO
BRAZIL



Veja um pouco mais da cidade que deu origem ao Brasil, e que se encontra como na época do seu descobrimento.

Depois que você conhecer sua história, dançar uma lambada, ver as praias de nudismo e sua bela e virgem natureza, sentirá o encanto mágico deste lugar.

APOIO
intersul
turismo

Wellcome

REALIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

JM PRODUÇÕES

Rua dos Campineiros, 643 - Moóca
Cep 03167 - São Paulo - SP
Vendas - Tel.: (011) 92-3162
291-3124

WARLOCK

de Steve Miner

A ficção consegue lidar facilmente com a quarta dimensão e faz sucumbir leis da ciência em favor de um bom roteiro. Provas estão em *Exterminador do Futuro* e *Highlander*, em que perseguidores e perseguidos fazem do tempo um quebra-cabeça surreal. Em *Warlock* há um demônio louro (Julian Sands), originário do século XVI, mais apavorante do que um roqueiro *heavy metal*. Ele aporta na Los Angeles de 1988 para procurar as três partes do "Grand Grimoire", um livro que, completado, revelará o nome de Deus e o poder maior. Seu caçador (Richard E. Grant) possui a mesma facilidade (inexplicada) de viajar no tempo. Munido de instrumentos sofisticados e com sabedoria de bruxo bom, alia-se a Kassandra (Lori Singer): moderna, sacaninha e diabética. A doença, apesar do nome de sílabas demoníacas, não lhe permite nenhuma proximidade com o diabo Warlock.

A New World Pictures, a produtora do pérfido e cultuado *Hellraiser*, não confere aqui o mesmo tom de sofisticação, mas o diretor Miner, autor de duas *Terças-feiras 13*, constrói uma relação no mínimo detalhada entre demônios e mortais. Brincadeiras bem arquitetadas em torno do mito bíblico do apocalipse seduzem e apavoram até o espectador mais descrente.

Dilson Gomes

Warlock, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Steve Miner ■ Com Richard E. Grant, Julian Sands, Lori Singer, Kevin O'Brien, Mary Woronov, Richard Kuss, Juli Burkhart ■ ROTEIRO: David T. Twohy ■ FOTOGRAFIA: David Eggby ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Roy Forge Smith ■ PRODUÇÃO: Steve Miner ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes

Paris

Julian Sands, o diabo loiro

Art Films

Músicos de tango pontuam a narração

SUR

de Fernando Ezequiel Solanas

Acompanhado pelo choroso *bandoneón* de Astor Piazzola, Fernando Solanas circula no mesmo território do premiado *Tangos — O Exílio de Gardel*, em mais um balanço da dolorosa ditadura militar argentina. O retrato histórico é moldado pela experiência de Floreal (Miguel Angel Sola), que sai da prisão após a queda daquele regime, em 1983, num país falido e traumatizado. O filme, onírico, esfumaçado e descontínuo, focaliza-o na longa "transição da noite para o dia", à espera da mulher, Rosi (Susu Pecoraro). Mostra também suas amizades à sombra da brutal ditadura.

"Sur" é o nome de um tango escrito pelo poeta Homero Manzi, lançado há quarenta anos, que abre e fecha o filme (dividido em capítulos). É com certo humor que Solanas fala do regime dos "milicos", que queimou livros "imorais" e "subversivos". Uma inquisição que condenou, a uma mesma fogueira, Paulo Freire, Jean-Paul Sartre e Antonio Gramsci, sob o rótulo de "peronistas" (sic). Ao realizar essa fábula engajada, vaga, mal delineada e cheia de lamúrias, Solanas invocou o cinema poético de Glauber Rocha, condenando o "suposto realismo". Mas seu cinema é discursivo demais para assumir a radicalidade da poesia como tão bem fez Glauber.

Antonio Querino Neto

Sur, Argentina-França, 1988 ■ DIREÇÃO: Fernando Ezequiel Solanas ■ Com Susu Pecoraro, Miguel Angel Sola, Philippe Leotard, Lito Cruz, Ulises Dumont, Roberto Goveneche, Gabriela Toscano ■ ROTEIRO: Fernando E. Solanas ■ FOTOGRAFIA: Felix Monti ■ MÚSICA: Astor Piazzolla ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Fernando E. Solanas ■ PRODUTOR: Envar El Kadri e Fernando E. Solanas ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Tem certos sons que você só ouve num Sony a laser.

Produzido na Zona Franca de Manaus

Escute em alto e bom som o instrumento que você nunca notou em sua sinfonia preferida.

Compact Disc Player da Sony. O som livre de ruídos e chiados. Controle remoto de 28 funções. Para você programar a distância sua seleção musical. Program Edit, RMS, Shuffle Play, Music Calendar e Função Repeat.

É a tecnologia Sony evoluindo para satisfazer até aos ouvidos mais sensíveis.

Compact Disc Player Sony. O melhor do som ao vivo em sua casa. Qualquer que seja a música. E também o instrumento.

THE SOLID GOLD COLLECTION

A coleção Solid Gold da CBS você ouve melhor num Sony

COMPACT DISC PLAYER

SONY

LÍDER MUNDIAL EM DIGITAL AUDIO

REDE

O time do além perfilado no campo de beisebol, egresso do milharal

Fotos Columbia

Kevin Costner, em O Campo dos Sonhos, reabilita jogadores esquecidos, escritores desiludidos, mortos infelizes e a figura do homem comum capaz de bravuras anônimas

NÇÃO DOS HERÓIS

O CAMPO DOS SONHOS

"O que é o paraíso?", indaga o fazendeiro Ray Kinsella, ao que o espírito de seu pai, materializado em sua frente dentro de um uniforme de jogador de beisebol, responde com calma: "O paraíso é onde os sonhos se tornam realidade". Ray Kinsella sorri, intrigado porém satisfeito: "Então o paraíso é isto aqui".

Vai ver que é. Na fazenda dos Kinsella em Iowa, nos EUA, onde se planta milho e se espera o milho dar milho, os sonhos se tornam realidade. Não apenas o sonho de Ray e de sua mulher Annie Kinsella, colegas na universidade que os formou no início dos anos 70, saudosos das utopias de 1968, que levam a vida tranqüila de fazendeiros novatos, apaixonados, junto de Karin Kinsella, a filhinha que eles adoram. Ali se realizam também as ambições dos mortos como Shoeless Joe Jackson, o jogador de beisebol que terminou tragicamente sua carreira ao ser expulso das quadras por ter aceitado suborno durante o campeonato de 1919. Jackson, realizado, volta a dar suas tacadas de fabuloso rebatedor no meio do milharal de Kinsella. Defunto craque. Ele e muitos outros craques defuntos que fizeram a glória do beisebol como o mais americano — porque o mais heróico — de todos os esportes.

Realizando sonhos, a pequena propriedade do sossegado Ray também desfaz os pesadelos. É lá que um panfletário profeta dos anos 60, perdido e aturdido dentro dos 80, pode se reconciliar. É lá que os mortos podem devolver a vida a quem está prestes a morrer pela primeira vez, é lá que Ray faz as pazes com seu pai, que venerava o beisebol, que jamais soube expressar em vida o amor que dedicou ao filho. "O paraíso é onde os sonhos se tornam realidade."

O paraíso é o cinema do desconhecido Phil Alden Robinson, que dirigiu em 1988 o longa *In the Mood* mas que marca sua estréia pra valer com este *O Campo dos Sonhos*. Ele mesmo roteirizou o romance de W. P. Kinsella, *Shoeless Joe*, publicado em 1982. No filme, como no livro, a trama é desencadeada quando o fazendeiro Ray passeia por seu milharal de verde encorpado e ouve uma voz misteriosa que repete com gutural insistência: "Se você construí-lo, ele virá". Construir o quê? Quem virá? As perguntas serão respondidas no devido momento. Uma visão esclarece a primeira pergunta quando um campo de beisebol, feito uma miragem sem propósito, aparece diante de seus olhos. Eis o que ele deve construir. A segunda pergunta será respondida em pedaços. Muitos virão, por muitos motivos.

Tudo o que Ray Kinsella tem a fazer é dar crédito ao inacreditável, deitar ao chão uma boa quantidade de seus saudáveis pés de milho, arriscar-se a um prejuízo daqueles e confeccionar ali, para ninguém ver, um campo de beisebol como manda a tradição. Nesta hora de *O Campo dos Sonhos*, o espectador teria todos os motivos para bater com a mão no braço da poltrona, sentindo-se ultrajado em sua boa fé. Justo agora, quando o cinema é capaz de materializar todos os sonhos, ele terá de envolver-se com o místico drama de um sujeito assaltado por miragens esportivas no meio de um milharal caipira? E, de fato, o espectador só não faz isso porque o homem que interpreta a figura de Ray Kinsella é Kevin Costner.

SAGA PUJANTE — Aos 35 anos, o ator que conquistou o estrelato depois de viver o Eliot Ness em *Os Intocáveis* de Brian De Palma, de 1987, atingiu a exuberância. É o mais acabado herói americano, no melhor estilo de herói com que sonhava Frank Capra, ora encarnado por James Stewart, ora por Gary Cooper. Costner é um homem capaz de convencer o espectador de que todo sonho vale a pena. Costner faz acreditar que o homem comum se converte num herói quando não liga para mais nada, a não ser aquilo que sabe ser o certo, por mais doido que pareça. É ele, fazendo jus ao cachê de dois milhões e meio de dólares, quem segura tudo. É por causa dele que um roteiro que seria apenas um delírio de redenção assume contorno de uma odisséia cultural, de uma saga pujante, real como a fibra dos homens de verdade. É mesmo por mérito de Costner que *Campo dos Sonhos*, uma produção que custou apenas 12,5 milhões de dólares, arrecadou 62 milhões

Fotos Columbia

Ray (Costner) e a filha (Gaby Hoffman) aram o milharal para a construção do campo (acima); ao lado, ambos com o doutor Graham, personagem de Burt Lancaster

só nas bilheterias americanas.

O restante do elenco não desafina. A função dramática que coube a Amy Madigan, que faz a esposa de Ray, Annie Kinsella, não é o que se pode chamar de fácil. Ela deve amar e acreditar nos projetos nada corriqueiros de um marido que expõe toda a família ao risco da bancarrota iminente. Ao mesmo tempo, ele deve ter os pés no chão, ser realista e forte. O trabalho de Amy Madigan acomoda muito bem essa contradição numa única pessoa.

Os grandes destaques, porém, ficam por conta de dois veteranos. O primeiro deles é James Earl Jones. Ele é Terence Mann, o incendiário escritor que Ray e Amy leram na década de 60 e que deve ser procurado por Ray, segundo as mesmas e obscuras mensagens que o levaram a construir o campo para os jogadores fantasmas. De Iowa, Ray se dirige a Boston para encontrar Mann. Lá, o velho escritor prefere obstinadamente o isolamento. Dedica-se a desenvolver programas para crianças no computador. A muito custo, Ray consegue convencê-lo a conhecer o atípico milharal de Iowa.

No romance original, é curioso, o personagem fictício de Mann não existe. O que há é J. D. Salinger (autor de *O Apanhador no Campo de Centeio*), uma pessoa real embora numa trama fictícia. Terence Mann foi uma criação de Phil Alden Robinson que acaba funcionando de maneira mais fluente, sem o desgaste que um nome como Salinger certamente iria causar.

O segundo expoente veterano, ao lado de James Earl Jones, é Burt Lancaster. Ele é o doutor Graham, que justifica uma ida de Mann e Ray dentro de uma Kombi, até Minnesota. Graham proporciona a Ray uma viagem no tempo, mas não aceita (por não poder) acompanhá-los até a fazenda de Iowa. A recusa, porém, será superada e Doc aparecerá de uma outra forma no campo de Ray.

E lá se vão, o velho escritor negro, Ray, sua mulher Annie e a filhinha Karin (Gaby Hoffman) ver os fantasmas bater bola. Todos os quatro, entre videntes e felizes, testemunham aqueles homens antigos capitaneados por Joe Jackson (Ray Liotta, ultraconvincente), que se dissolvem no milharal e se materializam sobre o gramado do jogo.

O que eles enxergam, com a cumplicidade da platéia, não é somente uma seqüência de aparições do além. Assistem a um tratamento ousado daquilo que é invisível no cinema americano. Assistem a uma mística reabilitação do "espaço off" (o espaço que se encontra fora do campo de visão da câmera) da América. O que eles vêem é que esse "espaço off" não é outra coisa senão um espaço metafísico, que faz do cinema a forma suprema de religiosidade de uma nação. Pois é através do cinema que Kinsella, sua mulher e o escritor Mann, desgarrados das utopias melhores que a América sonhou neste século, reconciliam-se com seus fantasmas, ultrapassam a dimensão do que é físico e descobrem onde é que está o paraíso.

Eugênio Bucci ET

Field of Dreams, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Phil Alden Robinson ■ Com Kevin Costner, Amy Madigan, Gaby Hoffman, Ray Liotta, Timothy Busfield, James Earl Jones ■ ROTEIRO: Phil Alden Robinson ■ FOTOGRAFIA: John Lindley ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Dennis Gassner ■ MÚSICA: James Horner ■ PRODUÇÃO: Lawrence Gordon e Charles Gordon ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Ray e a esposa (Amy Madigan) observam, acima, o campo construído; James Earl Jones vive o escritor Terence Mann (ao lado); abaixo, Joe Jackson (Ray Liotta), o capitão dos espectros, bate um papo com Ray

O BOM CARA

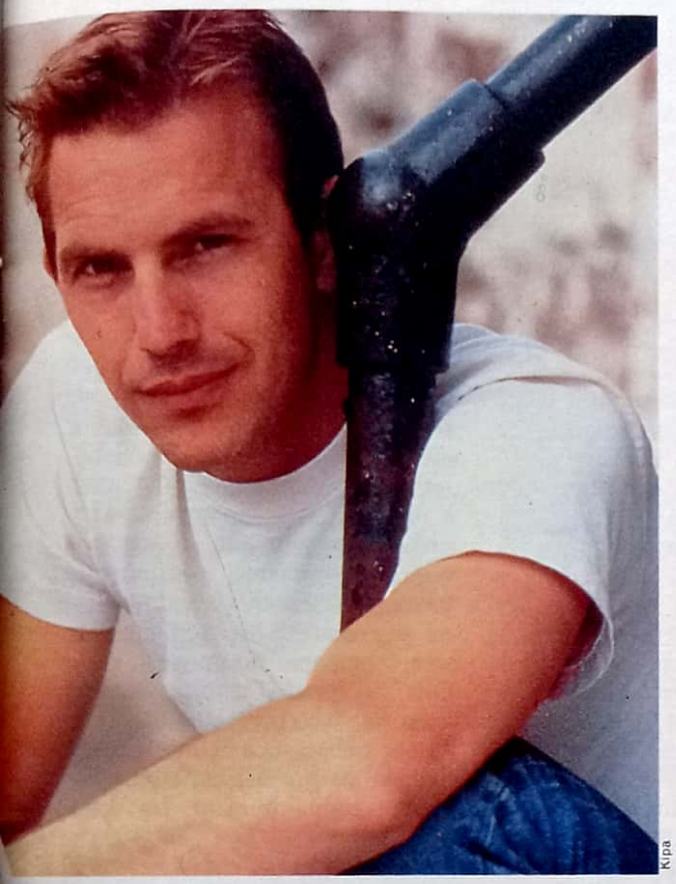
Kevin Costner, 34 anos, não é só a imagem viva do herói americano dos anos 80. É dono, também, de uma versatilidade espantosa para um galã, vivendo papéis opostos — de espião soviético a craque de beisebol — e dirigindo seus próprios filmes

Paramount

Stills

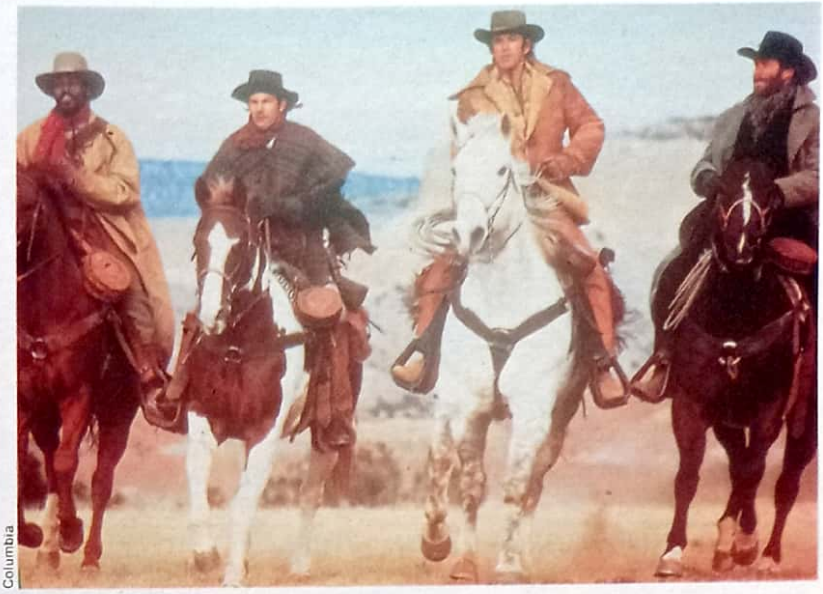
Columbia Tri Star

Pai de família: à esquerda, com a mulher Cindy e a filha Lily; acima, anjo da guarda em Os Intocáveis *(1987); à direita, pai visionário em* Campo dos Sonhos *(1989)*



Kipa

Em junho de 1989, o reconhecimento na capa da mais importante revista dos EUA: "o novo herói americano". Abaixo, de longas madeixas, como é visto no filme que ele mesmo dirigiu, Dance with Wolves *(1989), sobre os índios sioux*



Columbia

Sipa Press

Rápido no gatilho em Silverado *(1985), numa cavalgada ligeira (acima); ao lado, um tanto quanto cínico em* Bull Durham *(1988), bom de beisebol*

Sipa Press

Fox

Ao lado, como oficial da Marinha no thriller Sem Saída *(1988), anterior a* Os Intocáveis, *mas lançado no lastro do sucesso deste*

REBELDE COM CAUDA

Inspirado no conto de Hans Christian Andersen,* The Little Mermaid *conta a história de uma sereiazinha apaixonada por um humano

Com seu 28.º desenho animado em longa-metragem os Estúdios Disney reafirmam uma supremacia no gênero que ainda está para ser abalada.

A mais recente adição a uma linhagem de contos de fadas clássicos traduzidos para a tela, que começou em 1937 com *Branca de Neve e os Sete Anões*, o novo *The Little Mermaid*, fortalece a reputação do estúdio como o único núcleo produtor capaz de criar desenhos com apuro técnico atualizadíssimo e elementos de fantasia tão sedutores e tão plenos de sentimento que chegam a desarmar o mais insensível dos cínicos.

Criado para a tela pelos roteiristas e diretores John Musker e Ron Clements, *The Little Mermaid* é uma adaptação moderna de um conto de Hans Christian Andersen. Como os demais contos de fadas abraçados pelos Estúdios Disney, é uma história com um rígido fundo moral, ainda que o final mórbido do escrito original tenha sido modificado para não apavorar as crianças menores.

Como no conto, o filme narra a história de Ariel, uma sereiazinha adolescente que se apaixona por um humano, contrariando todas as determinações do pai, o rei dos mares, feroz inimigo da raça "comedora de peixes". Pai e filha são levados a um confronto irreconciliável por causa disso, e Ariel acaba sucumbindo à influência da bruxa Ursula, que lhe oferece forma humana em troca

da voz de sereia. Mas com uma condição: se o amado de Ariel não a beijar até o final do segundo dia de sua existência humana, ela retorna à forma original e entrega sua alma ao poder de Ursula.

Originalmente, Ariel fracassava e se transformava num espírito solitário, composto de espuma do mar. Mas, no desenho, o fracasso da sereiazinha tem um desfecho triunfal para todos os protagonistas: o bem e o amor derrotam a intransigência dos mais velhos e dão fim ao reino de terror do mal.

Mas *The Little Mermaid* não é apenas uma lição de moral bem desenhada: é entretenimento divertidíssimo, num ritmo por vezes vertiginoso, embora sempre cativante.

Os personagens adicionais criados para o filme são, desde já, clássicos: Sebastian, o caranguejo maestro e primeiro-ministro informal do reino submarino; Scuttle, a gaivota pseudoconhecedora dos hábitos humanos; Ursula, a bruxa-polvo vaidosa.

GoldCrest & Sullivan Bluth

Charlie (o pastor alemão com voz de Burt Reynolds) e um camarada canino: sem charme, sem brilho, sem encantamento

Os números musicais — compostos pelos mesmos Howard Ashman e Alan Menken de *A Pequena Loja de Horrores* —, por sua vez, já têm lugar garantido no *hall of fame* dos desenhos animados: a seqüência em que Ariel detalha seu fascínio pelos humanos, numa caverna secreta onde ela guarda objetos capturados em navios naufragados; outra em que o caranguejo Sebastian tenta convencer Ariel a apreciar melhor o fundo do mar ("A alga marinha do vizinho sempre parece mais verde", argumenta ele); os esforços de Ariel para beijar seu príncipe Eric.

Todas as qualidades de *The Little Mermaid* devem ter um sabor especial para a dupla diretora. Como dois terços do filme se passam debaixo d'água — um pesadelo para qualquer profissional de animação —, tinha tudo para ser o pior transtorno de suas carreiras. No entanto, é um clássico instantâneo, imperdível para crianças e adultos.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

CACHORRADA

Enquanto isso, na Irlanda... ou melhor, em New Orleans... ou melhor... no céu, para onde vão todos os cachorros do mundo, naturalmente, porque são "leais, honestos e incapazes de fazer mal"... vamos começar tudo de novo, para que o leitor não fique tão confuso e decepcionado como as criancinhas que forem atraídas por All Dogs Go to Heaven *... ou tão entediado quanto seus pais.*

Na Irlanda vive Don Bluth, ex-menino de Deus, ex-garoto-prodígio da Disney, ex-cupincha de Steven Spielberg, que produziu seus dois primeiros desenhos longas, Nimh, a Ratinha Valente *e* Fievel, um Conto Americano *(que se baseou, informalmente, na vida da própria família Spielberg — Fievel como Steven? Tchan, tchan, tchan...).*

Decidido a fazer bonito por conta própria no reino encantado da animação, Bluth abriu seu próprio superestúdio, na Irlanda, e passou dois anos engendrando este All Dogs Go to Heaven, *que se passa, em parte, na New Orleans dos anos 30 e, em parte, num confuso Além canino, com céu, inferno e tudo o mais — para onde é despachado, logo no início da história, o herói Charlie, um pastor alemão com a voz de Burt Reynolds. Remetido de volta à Terra por artes de sua malandragem, Charlie passará o resto do filme tentanto se vingar de quem o mandou desta para melhor, com a ajuda de um bassê e de uma garotinha órfã que fala com os animais.*

Boa idéia, não? Mas executada sem charme, sem brilho, sem encantamento, sem clareza. As crianças não conseguem entender os desvãos obscuros da narrativa e se apavoram com o tom escuro do périplo todo — assassinatos, traições, diabos, um herói que morre duas vezes. Os adultos ficam esperando aquela velha e boa magia capaz de transformar todo mundo num pivete de seis anos — e a magia não vem, fica prisioneira de uma tentativa de se fazer um "desenho adulto", que acaba não sendo absolutamente nada.

Ana Maria Bahiana,
de Los Angeles

PAUL NE

Envolvido com uma indústria de produtos naturais, dono de um porte garboso que ainda enfeitiça as mulheres, o ator fala, nesta entrevista exclusiva, do sucesso perene e de seus últimos filmes.

Não é pouca coisa passar dos 60 anos e causar o *frisson* que Paul Newman provoca ao entrar, discretamente, num modernoso salão de conferências de um hotel também pós-*kitsch* em Kansas City, Missouri. As mulheres ficam instantaneamente alvoroçadas: Newman tem o porte ereto e o físico enxuto e musculoso que muitos homens com metade de sua idade desejariam ter, e os velhos olhos azuis continuam os mesmos, límpidos e sarcásticos, como os de Cool Hand Luke,

À direita, Newman no papel do general Groves em O Início do Fim. *É o homem que encomenda a bomba atômica*

LFI

EWMAN

Liaison/Gamma-Sigla

Paul Newman na vida real, no papel que lhe apetece: o de piloto de corridas

Hud ou Butch Cassidy. Os homens abrem alas: Newman tem mais que *star quality*, tem autoridade, estatura, presença.

Não é pouca coisa passar dos 60 anos: — 64, para ser exata — e continuar trabalhando no mesmo ritmo acelerado que vem imprimindo a sua carreira desde 1955, quando estreou numa bomba de grandes proporções, *The Silver Chalice* (ele gargalha quando o filme é mencionado: "Meu Deus, como sobrevivi a isso?". E depois comenta: "Eu perdi muita energia e tempo nesses primeiros trabalhos"). Em 1989 somente, Newman teve dois filmes seus nas telas americanas — por coincidência, duas biografias: *O Início do Fim*, no qual vive o general Groves, chefe do Projeto Manhattan, que criou a primeira bomba atômica; e *Blaze*, em que vive Earl Long, o juiz de Louisiana que, na virada dos 50 para os 60, não apenas defendeu a causa antisegregacionista (no Sul) como assumiu publicamente um caso amoroso com uma dançarina de strip-tease. (Os dois papéis, Newman comenta sem grandes alardes, de homens mais jovens que ele na vida real.)

E em 1990 ele estará de novo nas telas como o Mr. Bridges de *Mr. and Mrs. Bridges*, mais uma produção da famosa dupla Merchant/Ivory (*Minha Adorável Lavanderia, Uma Janela para o Amor, Slaves of New York*), rodada aqui nesta sonolenta Kansas City e ao lado daquela que ele chama de "minha atriz favorita e a mulher mais importante da minha vida", Joanne Woodward, sua mulher.

Isso sem contar uma assídua militância em movimentos pacifistas e, é claro, sua célebre indústria de gêneros alimentícios naturais — molhos, sucos —, que tem parte da renda revertida para causas ecológicas. "Estou muito empolgado com nosso próximo produto, mas não posso dizer o que é", Newman confidencia, com os olhinhos azuis faiscando. "Vai abalar as prateleiras dos supermercados — isso eu posso garantir."

Paramount

SET — *O papel do general que comandou o projeto de criação da bomba atômica não parece exatamente um projeto charmoso ou atraente. O que você viu nesse filme e nesse papel que o atraiu tanto assim?*

PAUL NEWMAN — A parte que pode ser pouco atraente é a relativa à física — pessoalmente, entendia menos da metade de um por cento do que se passava nessa área do roteiro. Mas a história da criação da bomba atômica é tão emocionante quanto qualquer seriado de aventuras. Além disso, o papel em si é maravilhoso, e tive sorte de fazê-lo: me deu oportunidade para rever minhas noções de história.

SET — *Qual foi sua reação pessoal às bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, na época?*

NEWMAN — Minha memória é um pouco confusa quanto aos fatos... me lembro só da ironia da situação: eu estava na guerra, servindo no Exército, e não soube da extensão da destruição — a não ser muito depois. É claro que, durante a guerra, estávamos mais ou menos acostumados à destruição, mortandades, que acontecia na Europa... Mas nós não tínhamos noção real do que tinha acontecido em Hiroshima e Nagasaki...

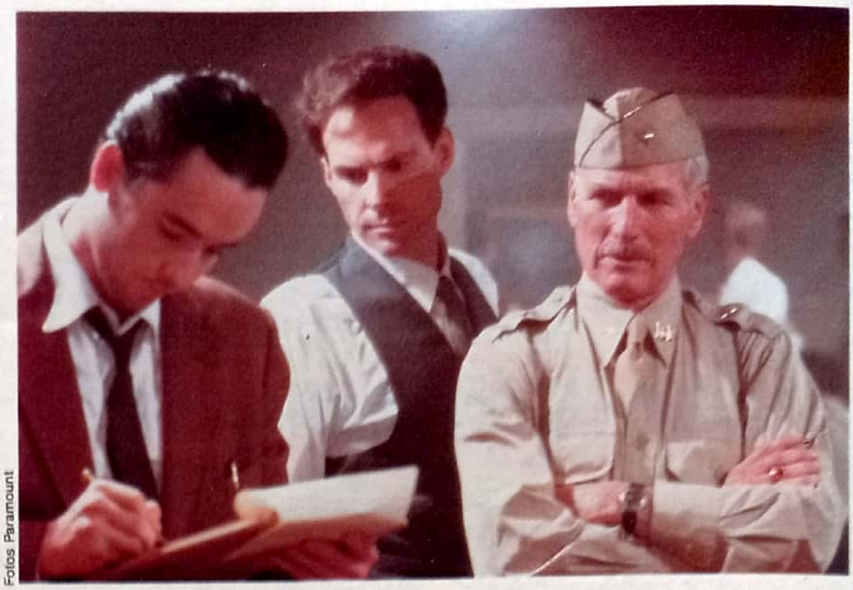
SET — *Na sua opinião, em algum momento o seu personagem em* O Início do Fim, *o general Groves, pensa em criar a bomba mas não usá-la efetivamente?*

NEWMAN — Nunca. Isso sempre foi claro para mim, no desenho que fiz do personagem. Groves tem uma vontade de ferro e um único ponto de vista — que, aliás, está expresso no roteiro: "Jogar a bomba estava, desde o início, implícito no ato de criá-la". Não havia nenhum tipo de dilema moral da parte dele; havia, talvez, da parte dos cientistas, mas não dele e talvez nem de grande parte do público americano. O país estava em guerra; atrocidades estavam acontecendo. Jogar a bomba parecia uma decisão óbvia.

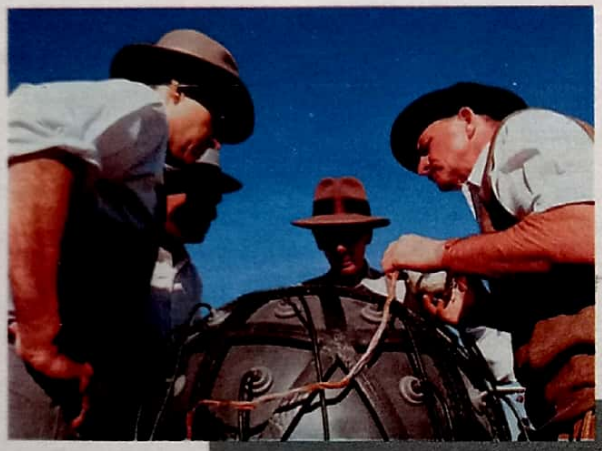
SET — *Qual a sua posição pessoal quanto a armamentos nucleares?*

NEWMAN — *(Faz uma longa pausa.)* Bem, acho que, gostemos ou não dessa idéia, essas armas mantiveram a paz durante 40 anos. Eu não diria isto, aliás, 25 anos atrás. Mas hoje sou capaz de admitir. O que

não podemos concordar é com a idéia de que essas coisas possam ser, efetivamente, usadas. Einstein disse que a energia atômica mudou tudo em nossas vidas, exceto nosso modo de pensar. Concordo plenamente. Continuamos a pensar nesses armamentos nucleares como coisas que podem ser empregadas numa guerra normal. O presidente Bush disse isso na campanha eleitoral de Reagan em 1979 — que era possível lutar e vencer uma guerra nuclear. Não sei o que ele pensa sobre isso hoje. Acho que ninguém ainda lhe cobrou uma posição. Além disso, não vejo nenhuma razão para o arsenal que temos hoje. E acredito que o projeto Guerra nas Estrelas é um dos maiores embustes já perpretados contra o povo americano.



Fotos Paramount



Os cientistas preparam os testes da bomba atômica (acima); no alto, os cientistas Merrimer (John Cusak) e Oppenheimer (Dwight Schultz) discutem a respeito com o general Groves (Paul Newman)

SET — *O fato de você estar representando alguém que encarna idéias opostas às que você tem foi, em algum momento, problema para você?*

NEWMAN — Não. É sabido que sou militante na questão do controle dos armamentos nucleares, muito preocupado com o complexo industrial-militar e seu domínio sobre a economia e a vida do meu país. Mas isto em nada interfere com o fato de estar representando um papel. Você pode ser um moralista e fazer o papel de Iago, em *Hamlet*.

SET — *Que efeito você acha que este filme terá sobre o público? As pessoas vão sair dos cinemas com sentimentos pacifistas ou antinucleares?*

NEWMAN — Acho que essas questões têm que ser mantidas em aberto, que a história precisa ser constantemente reavaliada. E qualquer coisa que estimule as pessoas a se desligarem das novelas já é uma grande coisa. Além disso, esse filme é um boa lição de história.

SET — *Este ano você interpretou dois personagens reais, históricos — o general Groves em* O Início do Fim, *e o governador da Louisiana, Earl Long, em* Blaze. *Algum paralelo entre os dois, para você, como ator?*

NEWMAN — Tive muita sorte com esses dois, porque são personagens muito pouco conhecidos. Isso me dá muito mais liberdade para criar, e são pequenas as possibilidades de alguém vir me admoestar por eu não ter sido exatamente igual a eles na tela.

SET — *Olhando para trás, você tem alguma explicação para o seu próprio sucesso, sua longevidade no cinema?*

NEWMAN — *(rindo)* Não tenho a menor idéia. Esta profissão é muito caprichosa, imprevisível. Que eu seja capaz de captar as atenções do público por tanto tempo é algo que me escapa à compreensão.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

O SENHOR DAS BOMBAS

Não parece exatamente o sonho de um cineasta — um filme sobre um bando de cientistas trancados num alojamento militar no deserto, trabalhando num projeto ultra-secreto, ou seja, discutindo leis de física, as peculiaridades de certos minerais e a viabilidade de teorias especulativas. Entretanto, se o que estes cientistas estão discutindo é a fissão do átomo e sua conclusão lógica — a criação da bomba atômica —, o projeto torna-se subitamente fascinante. Em especial para um diretor como Roland Joffe (A Missão, Os Gritos do Silêncio), para quem tragédias históricas e grandes dramas morais são particularmente apetitosos.

Filmado com requintes de realismo nos planaltos do México — a localidade original do projeto Manhattan, que criou a bomba (hoje uma cidade desenvolvida no coração do Estado do Novo México), —, Fat Man and Little Boy *(o título em inglês refere-se aos nomes de código das duas primeiras bombas jogadas sobre Nagasaki e Hiroshima) não se deu bem nas bilheterias nem com a crítica americana, mas nem por isso deixa de ser um filme fascinante. O público fugiu espantado da gravidade e complexidade das questões que o filme levanta, e a crítica não gostou do "editismo" agudo com que Joffe picotou o celulóide, prejudicando a compreensão da história e o perfil dos personagens — mesmo com duas performances brilhantes: de Paul Newman, como o mefistofélico general Groves (o homem que encomendou a bomba), e do estreante (em cinema, vindo do teatro e da TV) Dwight Schultz, como o seu Fausto, o físico Robert Oppenheimer, seduzido em nome da ciência e corrompido pelas glórias do poder de "decifrar o universo e trazer uma estrela para a terra firme".*

A.M.B.

Fat Man and Little Boy, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Roland Joffe ■ Com Paul Newman, Dwight Schultz, Bonnie Bedelia, John Cusack, Laura Dern ■ ROTEIRO: Bruce Robinson e Roland Joffe ■ FOTOGRAFIA: Vilmos Zsigmond ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gregg Fonseca ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ PRODUÇÃO: Tony Garnett ■ DISTRIBUIÇÃO: Paramount

AGORA EM VÍDEO

POR FAVOR MATEM MINHA MULHER

© Touchstone Pictures

Imagine você como ficaria um marido se sua amada mulherzinha fosse raptada! DANNY DeVITO (o baixote de **Irmãos Gêmeos**) ficou feliz da vida com isso! POR FAVOR MANTEM MINHA MULHER traz situações inesperadamente cômicas e uma trama repleta de loucuras.
Espetacular desempenho de BETTE MIDLER, a grande dama da atual comédia americana! Produzido e dirigido pela mesma equipe de **Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu.**

TAMBÉM DISPONÍVEL NA SUA LOCADORA

JESSICA LANGE
SAM SHEPARD
e
WILFORD BRIMLEY em

MINHA TERRA MINHA VIDA

Um drama emocionante na defesa da própria terra

TOUCHSTONE HOME VIDEO

abril vídeo

ATENÇÃO:
Exija este HOLOGRAMA colado nas fitas Touchstone.
É a sua garantia de qualidade.

VENDAS EM TODO O BRASIL: SÃO PAULO: (011) 814.8803 ou 814.8426
• RJ (021) 295-2089/546-8172 • ES (027) 239-3956 • RS (0512) 34-2772 • DF/GO (061) 243-8815 • PE/AL/PB/RN (081) 224-2124 • BA/SE (071) 240-1543 • MG (031) 227-7105 • PA (091) 226-9130 • AM (092) 234-3434 • PR (041) 253-7610 • MS (067) 383-7051 • SC (0482) 23-6975 • MA/PI (098) 227-4105 • Tocantins e MA/ Região Sul (098) 741-2152 • CE (085) 226-3806 • SP/Ribeirão Preto (016) 625-1316 • Campinas (0192) 31-2355 • Bauru (0142) 34-2774 • Santos/Vale do Paraíba - SP (011) 701-1590 • RO (069) 421-4911 • MT (065) 321-6130

Editora SMC

MODÉSTIA CEARENSE

O FestRio mudou para Fortaleza, deixando a ostentação de lado para exibir bons filmes

O FestRio deixou o Rio, mas não perdeu o rebolado. Transferido para Fortaleza em sua sexta edição por uma série de problemas nunca muito claramente determinados, depois da ameaça de não realização, o festival trocou o gigantismo frustrado de outros anos pela modéstia viável. Com menos filmes anunciados mas praticamente todos exibidos mais ou menos dentro dos horários previstos, o FestRio/Fortaleza, se não conseguiu igualar as concorridas primeiras versões do evento, em 1984 e 1985, pelo menos superou de longe a desastrosa edição de 1988.

Como em todos os festivais internacionais, de Cannes a Cartagena, os filmes mais interessantes e inovadores não estão na competição e sim em mostras paralelas. O FestRio não foi exceção. O melhor do festival, *The Cook, the Thief, His Wife and Her Lover (O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e Seu Amante)*, de Peter Greenaway, estava competindo, e também estavam atrás dos Tucanos de Ouro e de Prata filmes fortes, como o israelense *Territórios Ocupados*, de Isaac Yeshurun, e *Que Bom Te Ver Viva*, de Lúcia Murat, ou simpáticos, como o americano *Em Busca do Amor Perdido*, de Alexandre Rockwell. Mas o verdadeiro filé *mignon* não estava na caça aos prêmios e sim nas pouco freqüentadas sessões das mostras Informativa Internacional, Midnight Movies e entre os *hors-concours*.

Já na noite de abertura, *Sociedade dos Poetas Mortos*, exibido *hors-concours*, confirmou o australiano Peter Weir como um cineasta sensível e original, não tanto na narrativa mas principalmente nos temas que aborda e na forma de abordá-los. O diretor do brilhante *A Testemunha* e de *O Ano em que Vivemos em Perigo* conta, em *Sociedade dos Poetas Mortos*, um drama entre adolescentes e suas necessidades de afirmação, coletiva e individual, e do choque dos seus valores familiares com o novo, apresentado por um ousado professor de inglês que tenta fazê-los viver a poesia como algo mais que linhas a decorar num livro didático.

O filme de Weir peca apenas pelo excesso de desenvolvimento de cada personagem, o que torna o ritmo um tanto irregular.

POSE — Excesso não há em *Mistery Train*, mais um exercício quase-minimalista de Jim Jarmusch, exibido na mostra Informativa Internacional. Feito de três episódios curtos, esse primeiro filme em cores do diretor não parece tão criativo e original, à primeira vista, quanto *Estranhos no Paraíso* e *Down by Law*. Mas o observador atento irá notar a sofisticação e inteligência com que Jarmusch costura seus episódios e liga personagens que jamais se encontram.

Além do filme de Jarmusch, cuja ida a Fortaleza, anunciada, acabou não acontecendo, o FestRio exibiu o último de Wim Wenders, esse outro cineasta-ícone dos recém-findos anos 80. Há pouco mais de um ano, o Centre Georges Pompidou, de Paris, encomendou a Wenders um filme sobre o estilista de moda Yohji Yamamoto. O produto final, *Notebook on Cities and Clothes*, se propõe ser uma reflexão sobre duas cidades (Tóquio e Paris) e dois meios de expressão (cinema e vídeo). O resultado é decepcionante. Wenders faz muita pose, diz frases de efeito, mas parece todo o tempo não fazer mais que repisar obviedades sobre "o efêmero", "a modernidade", como se ele tivesse acabado de descobrir a pólvora.

Stills

Michael Gambon, de The Cook, the Thief, His Wife and Her Lover, *o filme de Peter Greenaway*

Quem um dia descobriu a pólvora e continua de pavio aceso é Jean-Luc Godard. Seu vídeo *Histoire(s) du Cinema* foi uma das principais atrações do festival, com suas belíssimas justaposições de imagens de filmes clássicos, cinejornais, pinturas, fotos e a própria imagem de Godard pensando em voz alta o cinema, sua história, seu percurso no século. Há tempos a mostra de vídeo do Fest-Rio brinda o espectador com obras-primas que os jornais não comentam. Em 1989, além de Godard, que levou gente como Caetano Veloso, Júlio Bressane e Arnaldo Jabor ao delírio do êxtase, havia o belíssimo *Inferno*, sofisticada adaptação de Peter Greenaway da obra de Dante.

Havia outros bons filmes no FestRio, como o inventivo *Jesus de Montreal*, de Denys Arcand, ou *Boda Secreta*, de Alejandro Agresti, espécie de Kaspar Hauser da abertura política argentina, mas foi mesmo Greenaway quem fechou o comércio em Fortaleza. Não só seu vídeo é uma das coisas mais belas que já viram estes olhos que a terra há de comer, como seu filme, vencedor dos prêmios de direção e interpretação feminina, é uma paulada na cabeça de qualquer um que desconfie da inocência da condição humana. Quem sabe o mal que se esconde nos corações humanos? Peter Greenaway sabe.

David França Mendes

FestRio

Christophe L.

Acima, o vencedor, Territórios Ocupados, *do israelense Isaac Yeshurum; ao lado, o estilista Yamamoto na extravagância de Wim Wenders,* Notebook on Cities and Clothes; *abaixo, o prêmio especial do júri para o português* O Processo do Rei

OS PRÊMIOS

Tucano de Ouro *(melhor filme):* Sadot Ierukim (Territórios Ocupados), *de Isaac Yeshurum, Israel.*

Tucanos de Prata:

Melhor diretor (Prêmio Glauber Rocha): Peter Greenaway, por The Cook, the Thief, His Wife and Her Lover (O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e Seu Amante), *Holanda.*

Melhor ator: Samuel Fuller, por Em Busca do Amor Perdido (Sons), *de Alexandre Rockwell (EUA).*

Melhor atriz: Helen Mirren, por The Cook, the Thief, His Wife and Her Lover.

Prêmios especiais do júri: Que Bom Te Ver Viva, *de Lúcia Murat (Brasil), e* O Processo do Rei, *de João Mário Grilo (Portugal).*

Prêmio da crítica internacional (Fipresci): The Cook, the Thief, His Wife and Her Lover *e* Boda Secreta, *de Alejandro Agresti (Argentina/Holanda).*

FestRio

GARY COOPER

Muito à vontade nos seus papéis, ele definiu o protótipo do herói americano

A mais legítima encarnação do herói americano do cinema foi Gary Cooper. Olhos azuis encimando um corpanzil delgado de cerca de 1,90 m, Cooper pontificou por 30 anos entre as estrelas de primeira grandeza de Hollywood. Encarnava com naturalidade o homem comum, metido, naturalmente, numa carcaça incomum. Era a representação mitológica do homem das ruas.

Nasceu em 7 de maio de 1901, na cidade de Helena, Montana, Estados Unidos, filho de imigrantes ingleses. Havia índios nas colinas e Frank James Cooper cresceu cavalgando pelas planícies, até que os pais resolvessem levá-lo com o irmão mais velho para uma temporada de estudos na Inglaterra. Voltam quando estoura a Primeira Guerra, os garotos com sotaque envernizado, pleno de inflexões britânicas. Frank embrenha-se nos trabalhos da fazenda paterna, abandonando os estudos. Um excesso de cavalgadas, para curar uma fratura na bacia provocada por um acidente de automóvel, acabou cedendo-lhe o estofo de cavaleiro necessário para interpretar os caubóis que o levariam ao cinema.

O dândi Cooper no começo de carreira em Ruas da Cidade *(1931), de Rouben Mamoulian*

Antes, porém, resolveu ganhar a vida como cartunista. Foi com os desenhos debaixo do braço para Los Angeles, acompanhando o pai numa viagem. Não conseguiu nada relacionado com desenho. Estava em Hollywood quando um encontro fortuito com dois amigos de infância, fantasiados de vaqueiros, iria redesenhar seus horizontes. Ambos eram dublês de cinema, sobrevivendo à custa de quedas de cavalos nos recém-nascidos westerns. Apresentaram Frank aos estúdios como uma espécie de "rei dos vaqueiros de Montana" — e ele de fato não decepcionou, cavalgando e caindo do cavalo como ninguém. Algum tempo depois, com o nome trocado para Gary (da cidade natal de sua agente), estreou no cinema, no papel de um caubói sentimental, em *Flor do Deserto* (1926). Sua aparência, timidez e naturalidade chamariam a atenção pela primeira vez. Um ano depois era o ator principal de *A Caminho do Arizona* (1927). Mas foi com *Asas* (1927), *O Anjo Pecador*, *Beau Sabreur* (ambos de 1928) e *O Canto do Lobo* (1929) que o estilo inconfundível de Cooper floresceu. Abraçava as mulheres como um espigão dobrado, morria incomparavelmente no final e caminhava com uma ginga especialíssima, fruto da fratura na bacia. Além disso, envolvia-se em paixões vulcânicas com estrelas brilhantes, como Clara Bow, e incendiárias, como a mexicana Lupe Velez, com quem quebrou paus homéricos.

HERÓI UTÓPICO — Em 1929, viveria um caubói autêntico num western de tintas realistas, *Agora ou Nunca*, que impressionaria o público a ponto de o ator ser comparado ao lendário Tom Mix. As paisagens eram naturais em sua maior parte e as falas de Cooper, realistas (com dicas do colega Randolph Scott, natural de Virgínia, onde se passava a história). Outras das características marcantes do ator ficariam patentes então — a timidez exacerbada, a sem-gracez crônica, a cara quase estupidamente honesta, estampando uma sinceridade meio bronca que se adequaria como uma luva aos futuros papéis de jeca, caubói e aventureiro, alternados por ele até o último filme. Em *Marrocos* (1930), dirigido por um Joseph von Sternberg tirânico, ele contracenou com Marlene Dietrich, interpretando um outro tipo conhecido: o de legionário, também vivido em filmes como *Beau Geste* (1939). Teve um piripaque por excesso de trabalho em *Ruas da Cidade* (1931), sendo despachado à Europa pelos estúdios. Mesmo depois das férias, voltando a filmar com Claudette Colbert (*Sua Esposa Perante Deus*, 1931), chegou a perder 13 quilos. Era um labutador. Conheceu a futura mulher, Rocky, em 1933, depois de um caso tempestuoso com uma condessa italiana. Casaram-se no mesmo ano. Fez uma comédia de *ménage-à-trois* do grande Ernst Lubitsch no mesmo ano das bodas. Em 1936, volta a filmar com Marlene Dietrich em *Desejo* (direção de Frank Borzage e produção de Lubitsch). 1936 é um grande ano: Frank Capra o dirige em *O Galante Mr. Deeds*, lançando aquele americano heroicamente tranqüilo, íntegro e honesto, em luta contra os trustes, a ganância e o cinismo da sociedade moderna, travestido de matuto, sábio na sua simplicidade. Assim como James Stewart, outro herói das utopias cinemato-

Os dois Oscar do ator: Matar ou Morrer *(abaixo), de 1953, e* Sargento York *(ao lado), de 1941*

UA

Warner

gráficas de Capra, Cooper faria mais filmes importantes com o diretor. Sua primeira e única filha, Marie, nasceria um ano depois.

NATURAL — Os anos seguintes foram de filmes movimentados: *Legião de Suicidas* (1939), *Legião de Heróis* (1940), *O Galante Aventureiro* (1940). Então, outra boa safra, a de 1941. Vive um novo Frank Capra, *Adorável Vagabundo*. Seu desempenho como o zé-ninguém John Doe é notável. Há momentos antológicos, como a tentativa de suicídio no alto do edifício ou o discurso que ele tenta fazer a uma massa enfurecida, debaixo de um aguaceiro. Este e *Sargento York*, dirigido na seqüência por Howard Hawks, levaram Cooper definitivamente ao coração do imaginário popular como aquele sujeito com o qual você gostaria de casar suas filhas. *York*, a história do matuto que, na Primeira Guerra, não errava um tiro contra os alemães deu-lhe o primeiro Oscar. Curiosamente, o ator só aceitou o papel depois que o verdadeiro sargento Alvin York lhe pediu. Foi também jogador de beisebol e médico, em *Ídolo, Amante e Herói* (1942) e *Pelo Vale das Sombras* (1944), antes de encarnar seu grande personagem dramático, o *alter ego* de Ernest Hemingway, Robert Jordan, de *Por Quem os Sinos Dobram* (1943), dirigido por Sam Wood. O herói hemingwayano ganha substância na pele do ator: o destino trágico de Robert Jordan casa-se às maravilhas com a fragilidade — que muitas vezes se reveste de virilidade luminosa — que cativara as platéias de seus primeiros filmes, loucas por descobrir quem era o jovem e tímido ator que morria tão bem ao final. Ainda era um galã impecável ao afagar a cabeleira tosqueada de Ingrid Bergman, à luz do luar espanhol.

Depois, chegou a fundar uma produtora independente, que fracassou com apenas dois filmes, *Casanova Júnior* (1944) e *Tudo por uma Mulher* (1945), e estrelar produções menos grandiosas, como *Mulher Exótica* (1945) e *A Felicidade Bateu à Porta* (1948). Em 1949, teve um *affair* com Patricia Neal, com quem estrelou *Vontade Indômita* (1949) e *Cinzas ao Vento* (1950). Separou-se de Rocky, no meio de um escândalo incontornável. Ganhou o segundo Oscar com seu último grande papel em *Matar ou Morrer*, de Fred Zinnemann (1952). Ali, Cooper personifica um herói acuado: o xerife que é obrigado a enfrentar, solitário, um bando de facínoras. A tensão, embalada pela música de Dimitri Tiomkin, é exasperante.

Daí em diante, a volta para a mulher e a filha, a conversão ao catolicismo e alguns filmes em que a má forma obliterava alguns relutantes papéis de galã. O câncer matou-o no dia 13 de maio de 1961, seis dias depois do aniversário. Dele, disse o grande John Barrymore que era o maior ator do cinema, pois conseguia ser natural onde todos faziam o diabo para interpretar.

Carlos Volpato

Fox

Com Barbara Stanwyck ajeitando-lhe a borboleta, um papel inesquecível, o de John Doe em Adorável Vagabundo, *de 1941 (abaixo); ao lado, em* Jardim do Pecado *(1954), como caubói maduro*

Liberty Films

ALFABETO DE FOTOGRAMAS

Imagem-Tempo *mostra a passagem do cinema clássico para o moderno*

Gilles Deleuze é filósofo. Daqueles que não se especializam em um único autor. Tem livros sobre Leibniz, Nietzsche, Kant, Marcel Proust, Bergson, Bacon, Spinoza, Kafka, entre outros. Este novo lançamento da Editora Brasiliense — *Imagem-Tempo* — é o segundo tomo de uma "tentativa de classificação das imagens e dos signos" do cinema, baseada no livro *Matéria e Memória*, escrito por Bergson em 1896. Nesse livro, há a descoberta da imagem-movimento e da imagem-tempo, como uma resposta de Bergson à insuficiência dos conceitos de movimento (realidade física no mundo exterior) e imagem (realidade psíquica na consciência) utilizados pela psicologia nessa época.

Nos nossos complexos anos 80, Deleuze aproxima a imagem-movimento da imagem cinematográfica e faz sua própria teoria do cinema. Como todo pensador francês que se preze, complica um pouco as coisas. Mas nem tanto. Seu livro faz um convite ao leitor iniciante: venha conhecer os conceitos tradicionais de que cinema é imagem em movimento, se organiza segundo uma "gramática" cujo "alfabeto" são os fotogramas etc. Pense em como essas idéias foram superadas pela própria história do cinema. E como é necessário desenvolver outros conceitos para explicá-lo atualmente.

Ao leitor já iniciado, faz outro convite: aprofunde-se nas suas reflexões teóricas e acompanhe o nascimento do cinema moderno, partindo de uma revolução no tempo cinematográfico — a imagem-tempo. Ninguém vai se arrepender.

MERGULHO — No primeiro tomo, *Cinema — A Imagem-Movimento*, também editado pela Brasiliense, em 1985, Deleuze desenvolve o conceito de imagem-movimento, composto de signos sensórios e motores. Ela é considerada segundo dois eixos: por um lado, as imagens se encadeiam segundo leis de associação; por outro, essas imagens associadas manifestam-se num todo (história, narrativa) mimético ao mundo. Assim, forma uma representação indireta do tempo, dada pelo encadeamento das imagens, pelo corte racional e pela montagem. É a imagem clássica no seu esplendor, que se oferece ao olho humano, ao olho-natureza.

Dessa imagem deriva o cinema clássico, concebido como a arte das massas, que pode, através da montagem, transformar o espectador em agente da história (cinema soviético) ou de uma sociedade mais justa (cinema americano). Em ambos os casos o cinema considera as massas sujeito do próprio destino, o qual tem status de verdade/realidade.

Mas uma ruptura violenta ocorre nesse quadro. Hitler transforma as massas em "assujeitadas", com suas técnicas conhecidas de persuasão, e a Segunda Guerra Mundial instaura a realidade do falso e da banalidade cotidiana. Para superar essa realidade, é necessária uma reflexão profunda, um mergulho no tempo.

Para isso, o homem se coloca frente ao cristal, que, mais que um espelho, lhe devolve quatro imagens: a imagem ótica atual (o presente do homem), a imagem virtual refletida no cristal (seu passado e futuro), a imagem opaca que atravessa o cristal e é vista invertida no seu lado oposto e a imagem decomposta, dispersa nas várias faces do cristal. Dessas quatro imagens do mesmo homem nasce a imagem-tempo, formada por signos óticos e sonoros, que não mais subordina o tempo ao movimento. Agora é no tempo que o movimento acontece.

INVENTÁRIO — Herdeira dos enquadramentos em profundidade de Orson Welles, das naturezas-mortas de Ozu, da simplicidade das imagens do neo-realismo italiano e da desnarrativização do *noveau roman*, a imagem-tempo inaugura o cinema moderno. Um cinema em que a imagem visual e a imagem sonora são autônomas, associadas por cortes irracionais, que representam o tempo de forma direta, compondo vários movimentos numa imagem-tempo única.

Um cinema que não mais supõe um olho-natureza mas sim um olho-cérebro, um olho capaz de decodificar todas as representações da imagem audiovisual. Um olho capaz de atravessar o tempo na sucessão de reflexos no cristal. Um olhar moderno.

Assim, Deleuze nos apresenta a passagem do cinema clássico ao cinema moderno, da imagem-movimento à imagem-tempo. Como um filósofo, expõe novos conceitos, sem julgamentos.

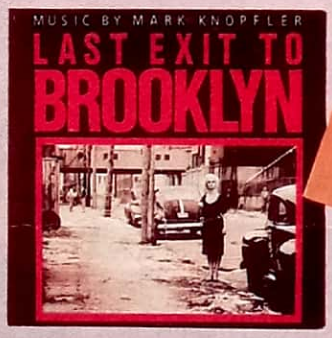
O resultado é um livro instigante em todos os aspectos. E, sobretudo, um exemplo de cinema *seriamente* analisado e criticado. Uma lição que pode servir a muitos pensadores destas nossas paragens.

Fátima Gigliotti

IMAGEM-TEMPO - Gilles Deleuze - trad. Eloísa de Araújo Ribeiro - Ed. Brasiliense, 338 págs.

AO BALANÇO DO ROCK E OUTRAS BOSSAS

Os mais variados gêneros musicais contribuem para levar emoção e diversão às telas. Mas essa conjunção nem sempre dá certo



♦ Neste mês, a maior atração desta coluna fica por conta de uma reedição: a do álbum duplo *American Graffiti* (MCA/WEA). A trilha sonora do filme de George Lucas converteu-se ao longo do tempo num produto superior à própria fita. São 41 canções — entremeadas por comentários do personagem Howling Prowling Wolfman Jack — apresentando um autêntico *who's who* do rock'n'roll, rhythm'n'blues, *surf music*, *doo wop* e outras tendências dos anos 50 e início dos 60, que não se restringe apenas aos maiores baluartes e desencava também vários nomes obscuros do período. Com faixas de Bill Haley and His Comets, Chuck Berry, Buddy Holly, Fats Domino, The Clovers, The Flamingos, Booker T. and the MG's, Del Shannon e The Beach Boys entre outros, o álbum traça um valioso panorama do som da época e, antes de ser nostálgico, mais se caracteriza como um documento da alvorada do pop. A lamentar-se apenas que a gravadora não o tenha relançado com a sua capa dupla original. No mais, obrigatório.

♦ O bom nível e a variedade do primeiro lado da trilha de *Black Rain* (Virgin/EMI-Odeon) compensam plenamente a chatice do segundo (somente com uma chorosa balada executada pelo veterano Greg Allman e uma interminável suíte pseudoprogressiva composta por Hans Zimmer). Bastaria o fato de Iggy Pop emprestar sua voz para a música de abertura ("Livin' on the Edge of the Night"), a faixa de Ryuichi Sakamoto ("Laserman") e outra que reúne o duo francês Les Rita Mitsouko com os impagáveis Sparks ("Singing in the Shower"). Mas mesmo as canções do UB 40 e do Soul II Soul, que completam o lado, não são de se jogar fora.

♦ Um lixo mesmo é a música do filme *Last Exit to Brooklin* (Vertigo/PolyGram), que deve desapontar até os fãs inveterados de Mark Knopfler. Apesar de composta totalmente pelo líder dos Dire Straits, ela é executada praticamente apenas pelos teclados tediosos de Guy Fletcher (a guitarra de Knopfler participa apenas de "Tralala", um tema com conotações jazzísticas). Nem de longe comparável a outras trilhas compostas por Knopfler, como a de *Local Hero*, por exemplo.

♦ Por outro lado, um trabalho bem interessante foi feito pelo obscuro Cliff Martinez na trilha de *sex, lies and videotape* (Virgin/EMI-Odeon). Aproveitando-se de notas sustentadas longamente nos teclados e de suas reverberações, ele conseguiu criar temas densos ao longo de todo o LP. E se deu melhor ainda quando abandonou essa linha exclusiva, nas faixas "Looks Like a Tablecloth" (com uma criativa utilização de samplers) e "I'm Gonna Drawn", sem contar a boa vinheta de abertura ("Garbage"), a cargo do violão de Mark Mangini.

♦ Já a trilha de *Ghostbusters II* (MCA/WEA) traz uma ladainha de babas igual (senão pior) à de seu antecessor. Entre faixas de Bobby Brown, Glenn Frey e alguns dos piores momentos de James Taylor, Elton John e Oingo Boingo, a única coisa audível é a releitura rap do tema-título pelo Run DMC.

♦ E para terminar de forma um tanto desastrosa, foi lançado o LP com as canções do filme *Oliver e Seus Companheiros* (CBS), parcialmente vertidas para o português. Encarregaram-se das interpretações Paulo Ricardo ("Nova York É Uma Cidade Grande e Tentadora"), Léo Jaime ("Eu Não Vou Esquentar"), Rosana ("Estas Ruas São de Ouro"), Adriana Calcanhoto ("Perfeição Existe") e Simony ("Boa Companhia"). Caro Disney, tende piedade dos pobres tímpanos das criancinhas do Brasil...

Celso Pucci

UM DUENDE INVADE O SEU VÍDEO

Pumuckel, um duende ruivo e muito sapeca, está fazendo a alegria do Clube da Criança, com a bênção de sua madrinha Angélica, na Televisão. Alegre, medroso, audacioso, triste, doce e ciumento, Pumuckel é capaz de seduzir todas as crianças que estão sempre procurando novidades. E agora as aventuras desse duende esperto também são encontradas em videocassete. Venha se divertir com Pumuckel. Ele está nas melhores locadoras de vídeo do país.

Você vai adorar o Pumuckel

TRÊS EPISÓDIOS DUBLADOS

SAGRES
CINEMA, TELEVISÃO E VÍDEO
São Paulo - Rua Estela, 515. Bloco H, Conj. 71. Paraíso. 04011. Telefone (011) 575-0099. Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 57. Conj. 1408. 20090. Telefone (021) 253-9344.

por Mário César Carvalho

JUVENTUDE TRANSVIADA

(Rebel Without a Cause, 1955)

Descobri Nicholas Ray (1911-1979) aos 15 anos com *Juventude Transviada* (*Rebel Without a Cause*, 1955). À época, achava que era um filme sobre gangues. Revi aos 22 e mudei de idéia — era óbvio que tratava do dilaceramento de um jovem sensível incapaz de se adaptar à brutalidade da vida familiar, da violência que é o rito de passagem à vida adulta. Agora, aos 29 anos, vejo *Juventude Transviada* como um tratado sobre adolescentes em busca de um espaço próprio, de um refúgio ao brutal rito de passagem. Nas mãos de outros cineastas, um tema como esse sairia piegas ou panfletário: nas de Nicholas Ray transforma-se num poema seco sobre a brutalidade.

Jim Stark (James Dean), Judy (Natalie Wood) e Platão (Sal Mineo) — o triângulo sobre o qual o filme se assenta — estão todos à procura de um lugar. A família Stark muda sempre de cidade porque Jim não consegue fazer amigos. Judy foge de casa porque o pai acha que ela é velha demais (16 anos) para receber beijinhos na face. A mãe de Platão resolve viajar justamente no dia do aniversário do garoto e ele fica sem chão. Todos vivem à deriva no espaço e no tempo — são crianças ou adultos?

Sob essa suspensão é que Nicholas Ray resolve tratar a "futilidade da violência", para usar uma expressão do crítico e diretor François Truffaut. Para encontrar seu espaço, Jim tem de ser provado. E provações juvenis sempre são essenciais e fúteis. A principal qualidade de Nicholas Ray talvez seja a habilidade em equilibrar essas duas facetas aparentemente contraditórias nos 111 minutos da trama.

A ansiedade de Stark de encontrar um lugar fica evidente logo no começo de *Juventude Transviada*, numa aula de astrofísica. "Ir lá em cima é ir a algum lugar", diz, enquanto o professor fala sobre a constelação de Órion. O texto com que o professor encerra a aula, após contar como o universo pode acabar da mesma forma surpreendente como começou, funciona como um contraponto enunciador das questões com as quais os jovens vão se debater no filme: "A opulência do universo faz com que os problemas do homem pareçam simples e banais", diz, enquanto a tela do planetário exibe o cosmos se desintegrando.

São justamente problemas simples e banais que Ray coloca para Jim, Judy, Platão & cia.: honra, coragem, honestidade, lealdade etc. Todos aparecem em um único conflito: Jim é chamado de covarde, briga com o chefe da gangue da escola (Buzz) e aceita o desafio de jogarem dois carros abismo abaixo. Quem salta mais próximo do abismo fica com o título de corajoso-mor. "Por que fazemos isso?", pergunta Jim, antes da corrida maluca. "Precisamos fazer algo, não?", responde o chefe da gangue.

Buzz morre e Stark aproveita a tragédia para chacoalhar a família: tenta quebrar a hegemonia da mãe dominadora, fazendo com que o pai molengão tome alguma atitude.

Aí surge o tal lugar. Jim, Judy e Platão refugiam-se numa mansão abandonada, um espaço em suspensão que só existe para eles. O intervalo idílico é breve. Platão é assassinado no planetário (um simulacro do universo), assim que fica exposto aos refletores da polícia (metáfora da caverna de Platão?).

Todos esses ingredientes poderiam resultar em psicologia barata. Mas Ray é um preciosista. Escreveu o argumento original em um dia, pesquisou a vida de jovens rebeldes em reformatórios, exigiu roteiristas que tivessem intimidade com o tema, descartou dois deles por discordâncias (Leon *Exodus* Uris e Irving Shulman) e mexeu na versão final de Stewart Stern. Tudo para que o filme não apelasse para estereótipos do "jovem rebelde" (do tipo *O Selvagem*, com Marlon Brando) nem resultasse num pastiche com pretensões psicológicas.

Por uma dessas perversões da mitologia contemporânea, Nick — como Nicholas era conhecido — ficou eclipsado por James Dean em *Juventude Transviada*. Começou a ser resgatado nos círculos cinéfilos por Truffaut e Godard nos anos 50 e Wim Wenders nos anos 70 (o diretor fez o papel de Derwatt em *O Amigo Americano*). Não é muito para um diretor que conseguia ser poeta em Hollywood. Isso numa época em que tudo era permitido em Hollywood, exceto a poesia, como escreveu Truffaut.

Mário César Carvalho é jornalista e editor da Folha Ilustrada do jornal *Folha de S. Paulo*.

Warner

Nathalie Wood e James Dean, à deriva no tempo e no espaço

Técnicos Treinados Na Fábrica

10 ANOS EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA

A Color Som é a única a trabalhar com peças originais em: vídeo, TV, áudio, câmeras, micro computadores/MSX, Compact Disc Player e Fac-simile. Nossos técnicos são treinados nas fábricas: Gradiente, Polyvox, Technics e Panasonic. Fazemos sua transcodificação com tecnologia avançada, e ainda remetemos para todo o Brasil com a maior segurança! Afinal, são 10 anos de muita dedicação. pergunte a quem já conhece a gente!

FITAS GRADIENTE

BATERIAS

Serviço Autorizado

gradiente

Panasonic

VENDAS DE PEÇAS ORIGINAIS

Não comercializamos aparelhos

Atende:
Segunda a Sexta até 21:00 hs.
e
Sáb. até 17:00 hs.

- Transcoder Externo
- Baterias
- A.C. Adaptor
- Carregador de Baterias
- Cabos RF
- Ballon
- Pilhas

COLOR SOM

Av. Angélica, 2278 Higienópolis - São Paulo - SP

Tels. (011) 259-0099/258-8396/257-0298 — Fax (011) 255-6643

vídeo& EQUIPAMENTOS

Carlos Mancini/Azul

Carlos Mancini/Azul

Videocassetes Nacionais

O Robusto GOLDSTAR e o PHILCO-HITACHI 5500 em Exames Técnicos Exclusivos

Pág. 54

Mario Miranda/Azul

Nas Locadoras

Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos

O Filme mais Famoso do Cineasta Espanhol Pedro Almodóvar e mais 34 Lançamentos

Pág. 58

Seleção de Vídeo

40 Títulos Inéditos no Cinema

Pág. 66

Sony

Camcorder Submarina

Agora que a Sony está presente no mercado brasileiro com uma camcorder 8 mm, um novo acessório lançado pela marca japonesa vai trazer a felicidade de todos os mergulhadores. O *Marine Pack* MPK-F340 é um estojo submarino para a maioria das comcorders da marca, de plástico reforçado amarelo e preto e alguns comandos vermelhos. Com peso total de 12 kg, oito são de lastro, para o melhor manuseio dentro da água. Embutido na parte frontal, ao lado da janela de vidro da lente, há um prolongamento para ligação do microfone da câmera, que permite gravar também os sons submarinos, como cantos de baleias ou chamados de sereias... Preço: em torno de 750 dólares, na Europa.

A TV Chega ao Computador

Assistir à televisão na tela do microcomputador — é o que permite o *card* Micro TV, vendido nos EUA por 1150 dólares. Trata-se de um cartão com circuitos que tornam o computador apto a receber e reproduzir imagens eletrônicas. O protótipo foi apresentado no ano passado, e só possibilitava assistir a uma imagem minúscula no canto da tela e, ainda por cima, em preto-e-branco. Só poderia servir como monitor para algumas funções técnicas especializadas. O novo *card* da Micro TV permite a visão em cores e cobre aproximadamente a metade da tela de um PC (*personal computer*). Sua versatilidade também é grande: pode ser interligado a qualquer fonte de imagem, como videocassetes ou câmeras. Com dois telefones ligados pelo computador (que tenha o Micro TV) e duas câmeras filmando, o usuário pode também conversar olhando para seu interlocutor na tela do micro, em tempo real. O card Micro TV aceita os três sistemas *standard* — PAL, NTSC e Secam — e memoriza 19 canais de televisão.

LCD em Automóveis

Philips

A Philips apresenta o Car Vision, a primeira televisão LCD portátil para automóvel, com proteção eletrônica contra distorções na recepção e na reprodução pelos cristais líquidos. A parte fixa dentro do carro é um seletor especial de TV com recepção de 69 canais, duas antenas independentes e um conjunto eletrônico chamado "Diversity". A tela, de dez centímetros, ocupa um lado inteiro do cubo preto do Car Vision, orientável em todas as direções, graças a um longo braço móvel de design arrojado. Disponível em setembro de 1990 na Europa, seu preço deverá estar em torno de 2 200 dólares.

HDTV x Cinema

A TV de alta definição dá mais um passo para substituir o cinema. A laser Création France, uma empresa de alta tecnologia de vídeo sediada em Paris, apresentou no Aquaboulevard (novo centro cultural da capital francesa) um sistema de projeção, ainda sem nome, mas com muito futuro. Pela primeira vez é possível projetar uma imagem de alta definição televisiva numa tela de 15 metros de largura — ou seja, com dimensões da tela de cinema. Os sinais de vídeo são analisados por um circuito informatizado com leitura e varredura horizontal e vertical. Os dados são transformados em feixes de laser nas cores fundamentais (vermelho, verde e azul) e mixados eletronicamente. Um espelho permite a projeção a laser sobre todos os tipos de suporte (paredes, objetos e até na parte interna de esferas translúcidas). O melhor resultado é, ainda, com fonte de imagem em disco laser com HDTV de 1125 linhas. Mas é também possível projetar imagens a partir de TV standard em PAL.

Philips Lança seu Primeiro VCR Nacional

Depois da estréia no mercado de vídeo com uma máquina importada de quatro cabeças — o VR-6558 — na Zona Franca de Manaus, a Philips lança seu segundo videocassete, o VR-31, primeiro modelo nacional da marca. Desde janeiro disponível em lojas de todo o Brasil, o VR-31 possui três cabeças de vídeo, que permitem efeitos como *slow motion* e avanço quadro a quadro. Entre as principais características estão as funções OTR e Delay OTR, para programações a curto prazo, e recursos automatizados, como *play* (entrada em funcionamento), *rewind* (rebobinamento) e *power off* (desligamento). O *timer* prevê programação para 14 dias e quatro gravações. Com sintonia eletrônica de canais UHF e VHF, dimensões de 9,9 x 38 x 34 cm, o VR-31 entra no mercado para disputar com os videocassetes *standard*, com bom desempenho e sem recursos sofisticados.

Still Video no Brasil

A tecnologia do *Still Video* — que permite produzir fotografia a partir de uma imagem eletrônica — chega ao Brasil através da rede de lojas Fotoptica. A empresa já distribui com exclusividade em lojas de São Paulo (capital) e do interior do estado a Still Video Camera RC 250, da Canon. Ela trabalha com um disquete magnético conectado a um decodificador, e este a um monitor de TV. A imagem registrada pela câmera é congelada, projetada no monitor e pode ser revelada e ampliada em papel. Para promover o produto, que custa 1 927 BTN (o preço, fornecido em janeiro, está sujeito a alterações), a Fotoptica oferece um novo serviço a seus clientes — a partir de agora, quem comprar um par de óculos novos numa das lojas da rede é fotografado com cada tipo de armação, para poder avaliar se o modelo combina com suas feições. A novidade é que o cliente com deficiência visual pode usar os óculos velhos para ver a própria imagem com a nova armação — o que não ocorre quando se usa espelho. Assim, a visão não fica prejudicada na hora da escolha pela ausência de lentes de grau.

A Eficiência em D

Com sistema automático de reprodução, programação simplificada e mecânica impecável, o robusto Goldstar 1240 mostra desempenho exemplar entre os vídeos monofônicos

Fotos Carlos Mancini/Azul

Se depender do nome, o videocassete Goldstar vai brilhar como uma "estrela de ouro", tal como faz nas vendas por catálogo, nos Estados Unidos. A Videosom da Amazônia trouxe da Coréia do Sul, para lançamento nacional, o econômico Goldstar 1240 e o cedeu para um ensaio exclusivo para a SET, executado pela equipe Jatalon, especializada em laudos técnicos. O resultado demonstra que o Goldstar é um vídeo nota dez na categoria duas cabeças.

TRANSCODIFICAÇÃO DE CORES — O Goldstar se chama GHV-1240M — o "M" final quer dizer que já vem com a placa embutida de transcodificação de cores NTSC (das fitas de *home video*) para Pal-M (da TV brasileira). A escolha automática do sistema de cores funcionou perfeitamente durante o teste, mas a Goldstar colocou a opção manual numa chavinha. As cores saem saturadas — a redução de saturação pode ser feita tanto no televisor quanto internamente, através de potenciômetros de fácil acesso.

GERAÇÃO TECNOLÓGICA — Som mono e imagem HQ (*High Quality*). O circuito HQ tem um botão externo de regulagem, o *sharpness*, que durante o ensaio com fitas seladas precisou ficar na posição máxima.

CABEÇAS E VELOCIDADES — São duas cabeças apenas, cujo azimute favorece a velocidade de duas horas das fitas de *home video*. Uma prova disso é a existência da velocidade LP (quatro horas), recurso superado porque, nos antigos aparelhos, não havia diferença entre a qualidade da gravação de quatro horas e a de seis horas. No teste de gravação do Goldstar a diferença de qualidade foi notada somente na velocidade EP, de seis horas, o que confirma a tendência azimutal para duas horas. Normalmente, os vídeos ajustam o ângulo azimutal entre as velocidades de duas e seis horas e as gravações em seis horas saem melhores que no Goldstar. Conclusão: o Goldstar é muito bom para quem aluga fitas, mas quem gosta de gravar programas de TV precisará gastar mais fita virgem e usar a velocidade de quatro horas.

PARADA DE CENA — Acionando-se *still* durante a reprodução de fitas seladas, o resultado é um grande ruído na tela. Outra prova de que o azimute está mais para duas horas.

DESIGN — Por fora, aparência robusta, que dá a ilusão de o Goldstar ter dimensões maiores do que realmente possui. Ele incorpora o botão conjugado *stop/eject*, e os demais são agrupados conforme a última tendência.

MECÂNICA E BLINDAGEM — Por dentro, a robustez se confirma. A blindagem dos pré-amplificadores das cabeças de vídeo é um sólido bloco fundido de liga de alumínio, garantia contra interferência. Uma solução compacta que libera espaço para a limpeza técnica das cabeças. O gabinete plástico é bem acabado, sem rebarba. As engrenagens (de náilon e aço) são bem talhadas. Nos motores há algumas novidades, como a do cilindro, por exemplo, que contém as cabeças, com a

as Cabeças

Na foto maior, o videocassete Goldstar, com circuito HQ e quick timer; ao lado, o controle remoto, que supera as especificações do catálogo

marca da pioneira Sony. O motor de cápstan (eixo que traciona a fita) usa uma cabeça de áudio para gerar os pulsos de *control track* (que controlarão o *tracking* durante a reprodução), quando o normal é um ímã móvel passando por uma bobina. Os postes de carregamento são tocados por um motor forte e rápido e as guias são uma lição de mecânica. Um estalido que se ouve durante o carregamento faz parte do sistema automático de reprodução, programado por microprocessador.

OPERAÇÕES AUTOMATIZADAS POR MICROPROCESSADOR — O destaque é o sistema automático de reprodução, que significa o seguinte: ao se inserir a fita de *home video* com o aparelho ligado na tomada (ainda em *off*), ela entra automaticamente em reprodução, ao final se rebobina, se ejeta e o aparelho é desligado.

CONTROLE REMOTO — Confirma o aspecto econômico do Goldstar, usa pilhas comuns e traz um *led* (luz indicativa de diodo) útil para informar se as pilhas e/ou o controle remoto estão funcionando. Ele superou as especificações de catálogo, de visão lateral de 30 graus e operação a partir de sete metros.

SINTONIZADOR DE CANAIS — Impressionou o ganho de *tuner*, que na prática quer dizer que o sinal recebido pela antena é amplificado, e a gravação sai melhor que a recepção no televisor.

GRAVAÇÃO PROGRAMADA — São oito programas e 14 dias (o normal são seis programas). A programação demanda 14 digitações e três chaveamentos. Por sorte, o Goldstar oferece uma inteligente alternativa de programação para as próximas 24 horas, que se chama "simplificada" (*quick timer*). Pressionando-se uma vez o botão *start*, a hora programada avança da hora atual para a primeira meia hora cheia seguinte. A cada aperto, acresce a hora de início da gravação em meia hora. Para programar o tempo de gravação, aciona-se a gravação a um toque: cada toque no botão *rec time* seleciona de meia a oito horas de gravação em contagem regressiva para o desligamento do aparelho. Cuidado: o Goldstar não se previne contra falta de energia elétrica, porque não tem proteção de memória.

TEMPO DE REBOBINAMENTO — O catálogo informa que é menos de seis minutos para uma fita T-120; de fato, dá cinco minutos.

VOLTAGEM — 110 ou 220 volts, por fácil comutação manual.

MANUAL DO PROPRIETÁRIO — Um autêntico manual do proprietário, até no nome, que se chama "do proprietário" e não "de instruções". Quarenta e três páginas em papel cuchê, bem elucidativo. A única falha é o capítulo sobre o *quick timer* — não informa que também é possível usar a tecla *rec time* sozinha, como se fosse a OTR (*One Touch Recording*) dos outros vídeos. Mas recupera a nota dez ao incluir as recomendações providenciais: "Não inserir e ejetar uma fita cassete repetidamente, porque isto pode resultar em afrouxamento ou riscos na fita. Nunca emendar a fita. Não tocar na fita".

DIMENSÕES E PESO — 43 x 35 x 10 cm; 7 kg.

Jairo Tadeu Longhi

Busca Rápida sem

Último da série 5000, o Philco-Hitachi 5500, de quatro cabeças, traz como maiores novidades search sem deformações e som estéreo linear

Carlos Mancini/Azul

Enquanto cresce a quantidade de videocassetes importados com recurso de som hi-fi (cujo áudio é gravado por cabeças giratórias) e aumenta a oferta de fitas gravadas em hi-fi pelos laboratórios brasileiros, as opções de videocassetes nacionais continuam estacionadas no estéreo linear, cuja qualidade sonora, quando boa, se equipara à de um *tape deck*. O mais recente lançamento nessa linha de produtos é o Philco-Hitachi 5500, último modelo da família 5000, formada pelo próprio 5000 (de duas cabeças), pelo 5400 (de quatro cabeças) — ambos com som mono — e pelo 5500, também de quatro cabeças mas com som estéreo.

GERAÇÃO TECNOLÓGICA — Possui HQ (*High Quality*) nos circuitos de imagem, sem botão externo de controle de *sharpness*. O circuito realçador de detalhes eleva 20% do nível de branco, o que equivale a aumento de 20% no contraste aparente. O HQ deixa os contornos mais nítidos e, no ensaio técnico realizado com fitas seladas, a imagem foi reproduzida com boa definição. Ainda que numa fita selada só sejam usadas duas das quatro cabeças, não resta dúvida de que as quatro do 5500 têm alta qualidade.

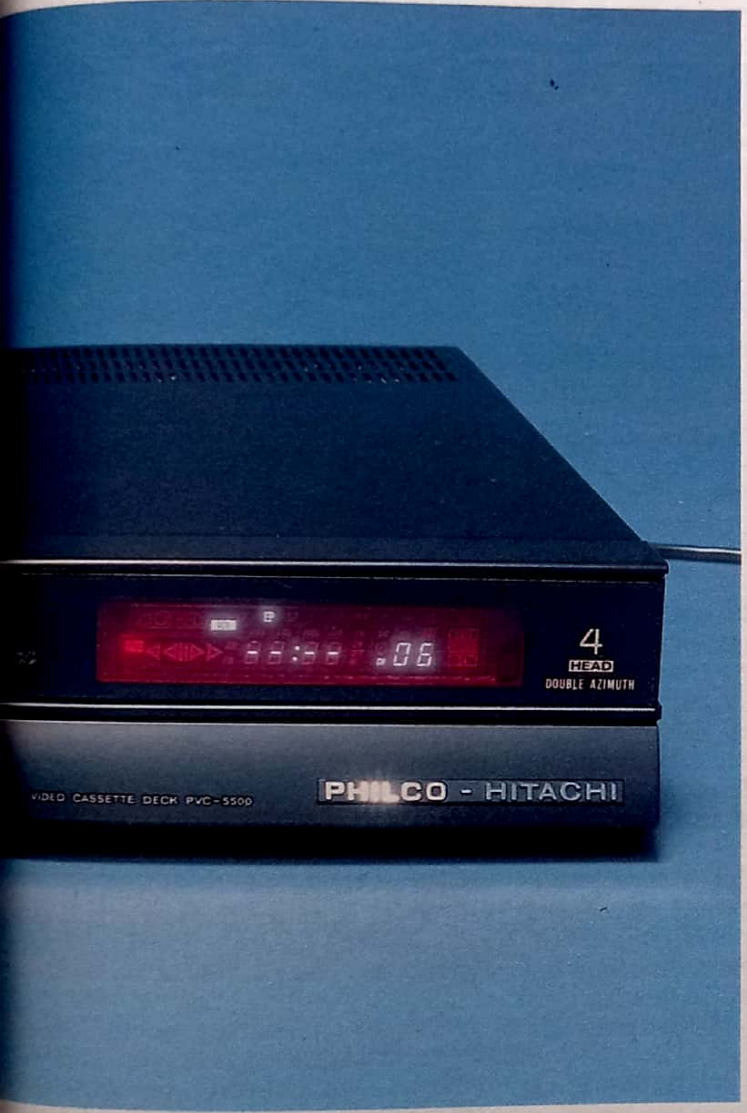
IMAGEM CONGELADA — A prova de que as cabeças são boas e contam com azimutes (ângulos) corretamente posicionados está no teste do *still* com fita selada (gravada em velocidade de duas horas, e não em seis, com perda de qualidade de imagem, como acontece com as gravações domésticas). O resultado do *still* na tela mostra-se muito bom. No aparelho submetido a teste nem foi preciso mexer no botão corretivo *vertical lock*, porque a imagem não tremeu em nenhuma das sucessivas vezes em que foi congelada.

SEARCH (BUSCA RÁPIDA PARA A FRENTE) — A localização de cenas, mesmo em fitas seladas, foi realizada em alta velocidade, sem nenhuma "veneziana" (risco horizontal que dificulta a visualização da cena). No alto da tela surgiu um efeito "ventania" (tombamento no alto da imagem). Lembrando-se de que a novidade no Japão é o videocassete com mais um par de cabeças flutuantes — e enormes —, só para retirar as linhas de "venezianas" durante o *search*, o Philco-Hitachi surpreende ao obter o mesmo resultado sem essas cabeças.

MENSAGENS NA TELA (ON SCREEN) — No 5500, o melhor dessas mensagens, hoje recurso obrigatório para o usuário, é o conta-giros na tela e não no *display* do aparelho. A mensagem é fixada na tela pressionando-se o *display* duas vezes; a tecla *clear* zera o conta-giros. Outro detalhe: "parado", na tela, é a tradução de *stop*; pausa, de *pause*. As teclas continuam em inglês.

ESTÉREO LINEAR — O ensaio consistiu em copiar um trecho de um CD orquestrado, cuja música tinha acentuada separação entre canal esquerdo e direito, acusada pelos *leds* (indicadores luminosos) do amplificador. Reproduzindo o trecho no 5500, o efeito estereofônico demonstrou um bom desempenho, mas ao mesmo tempo tornou-se bem perceptível o nível de chiado (ruído de fundo, que o CD não tinha), apesar de a fita virgem empregada ser de primeira qualidade. É importante lembrar ao usuário de estéreo, linear ou hi-fi, que este deve ser sempre conectado a caixas acústicas via amplificador ou ao menos num televisor estereofônico, dotado de caixas ou *flaps* laterais.

Distorções



O Philco-Hitachi 5500, estéreo linear, equipado com quatro cabeças e controle remoto dual

SAP — O Sap (*Second Audio Program*) ou Scap (*Segundo Canal de Áudio para Programas*) foi recebido com facilidade e bom ganho de *tuner* (sintonizador); no ensaio, foi gravado um trecho da TV Manchete de São Paulo, que estava transmitindo em SAP.

CONTROLE REMOTO — Possui teclas *tracking*. O alcance de controle supera a necessidade, passou no teste do raio rebatido (aponta-se o controle remoto para uma parede, numa jogada semelhante à de sinuca). Ele é dual — também comanda televisores Philco-Hitachi.

GRAVAÇÃO PROGRAMADA — Com quatro programas, antecedência de até um ano. É do tipo mais atual, o de calendário permanente. Tem tecla de gravação a um toque, até quatro horas de contagem regressiva para desligar o aparelho.

TRANSCODIFICAÇAO DE CORES — Correta, com circuito que a realiza linha a linha.

MECÂNICA — Por dentro, engrenagens bem-feitas, fácil acesso para manutenção, blindagem adequada e postes motorizados confiáveis.

MANUAL DO PROPRIETÁRIO — Não ensina como outros manuais, como se copiam fitas nem onde se localiza a tecla marcada *AUX* (entrada auxiliar de áudio), que geralmente está associada ao canal "zero" de TV. Na verdade, no 5500 o *AUX* não existe ou ele é automaticamente ajustado após a programação dos canais, que são captados na casa do usuário, ou basta teclar o canal 91.

DIMENSÕES E PESO — Iguais aos da família 5000: 43 x 34 x 8 cm e 6 kg.

Jairo Tadeu Longhi

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 247-1022
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-32

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____

Código de assinante _____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Telefone _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

Saia Justa

Uma espécie de comédia feminina maluca, Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos _é um excelente cartão de visitas para um cineasta profundamente desajustado_

Fotos Fox

Mulheres rejeitadas podem ser figuras trágicas como Medéia, melodramáticas como Scarlett O'Hara ou cômicas como a Anjelica Huston de *A Honra do Poderoso Prizzi*. Ou as três coisas juntas, como as que Pedro Almodóvar se compraz em colocar à beira de um ataque de nervos em seu filme mais famoso. Para o cineasta espanhol, trata-se de explorar o potencial subversivo dessas mulheres, que são fascinantes "porque perderam todo o pudor e a auto-estima". O ponto de partida de sua idéia foi a peça *A Voz Humana*, de Jean Cocteau. Mas se nesta não acontece nada — é um longo monólogo de uma mulher junto ao telefone, esperando em vão a chamada do homem amado —, no filme de Almodóvar acontece literalmente de tudo, de tentativas de suicídio a atentados terroristas.

No centro do ciclone está um homem que pouco aparece, o ator de TV Iván (Fernando Guillén), cinqüentão conquistador e cínico. À sua volta, três mulheres singulares: a ex-esposa Lucia (Julieta Serrano), internada num hospício; a amante Pepa (Carmen Maura), atriz e dubladora que tenta se matar com os métodos mais desastrados, e a nova namorada Paulina (Kiti Manver), advogada feminista que tratou do divórcio entre Lucia e Iván. Mais duas infelizes vão se juntar a essas três: a virgem insatisfeita Marisa (Rossy de Palma), que acontece ser noiva do filho de Iván, Carlos (Antonio Banderas), e a azarada Candela (Maria Barranco), que acaba de ver no noticiário que seu namorado de uma noite é um terrorista xiita procurado pela polícia.

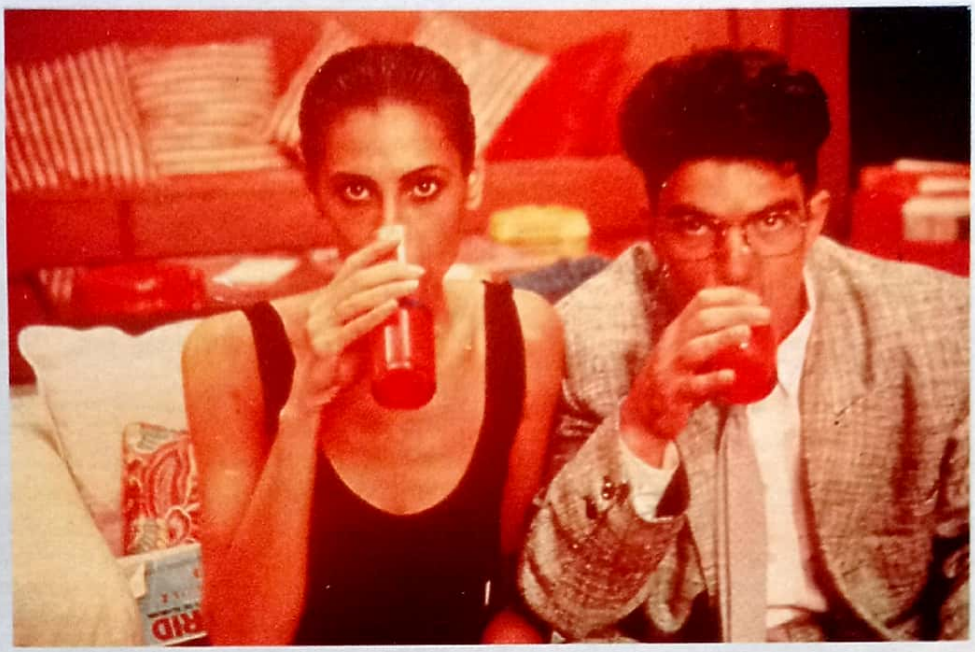
Como nas comédias malucas dos irmãos Marx, uma série de coincidências e mal-entendidos vai reunir essa fauna toda — e mais policiais e agentes da telefônica — no apartamento de Pepa, decorado com o gosto mais *kitsch* da classe média espanhola pós-Franco. Carlos e Marisa chegam procurando apartamento, Candela fugindo da polícia, Lucia em busca do marido (depois de escapar do hospício)... Também como nas comédias malucas, há uma jarra de gaspacho com sonífero, fazendo dormir alternadamente os personagens só para aumentar a confusão. O transporte é garantido por um "mambo-táxi", equipado com frigobar, estofado de pele de onça, mil luzinhas e imagem de Nossa Senhora.

Esse esfuziante imbróglio, regado a boleros antigos, narrado em ritmo frenético e fotografado em cores brilhantes, ganhou o prêmio de melhor roteiro no Festival de Veneza e foi indicado para o Oscar de melhor filme estrangeiro. Mas muitos fãs de Almodóvar sentiram-se desapontados com o final ambiguamente feliz e com certo abrandamento da ferocidade provocadora do diretor. De fato, em *Mulheres...*, ao contrário do que ocorre nos filmes anteriores do cineasta (*ver box*), só existem relações heterossexuais, não há mortes e todos os personagens pertencem à classe média, são "gente bem". O próprio Almodóvar disse que se permitiu esse "refresco" depois das tragédias passionais e sangrentas de *Matador* (1985) e *A Lei do Desejo* (1986).

ESTRELA DO CONTRA — Mas um olhar mais detido mostra que o Almodóvar *light* é um lobo sob a pele de cordeiro, e suas histéricas não são nem um pouco inofensivas. Numa época em que a Espanha "oficial" constrói uma imagem de país sério e civilizado, que se integra crescentemente à Europa moderna, o diretor insiste em apontar sua câmera para o que está por trás das fachadas, mostrando a sobrevivência — e a vitalidade — do lado latino, sentimental, brega e irracional da vida espanhola. A lei do desejo não apenas se insurge contra as normas morais vigentes como também não respeita as leis do bom gosto e as regras de convivência que pretendem uniformizar todas as sociedades do planeta.

A histeria das mulheres de Almodóvar é irredutível como a estridência das cores de seus sofás. Sua Espanha parece ter mais a ver com o Brasil ou com o México que com a insossa e bem-comportada Europa da unificação. Não por acaso, a estética de Almodóvar tem muito de antropofágica, reelaborando influências que vão das comédias cínicas de Billy Wilder aos melodramas de Douglas Sirk, passando pelo surrealismo de Buñuel e as emoções baratas das fotonovelas. Além do mais, tudo é *fake* neste filme: os cenários são mal disfarçados, os personagens olham para a câmera, as perseguições de carro são ridículas... As eventuais dificuldades de produção se tornam fonte de humor e reflexão.

Nenhum alvo tradicional do diretor sai ileso. Religião, família, polícia, meios de comunicação (em especial a TV) — todos são atingidos, se não com o chumbo grosso dos filmes anteriores, com estocadas venenosas e mortais. Uma vizinha bisbilhoteira se torna dedo-duro porque, como testemunha-de-jeová, não pode dizer mentiras. A mulher traída tenta matar o marido diante do filho. A polícia quase prende as pessoas erradas e só é impedida por



As mulheres quase enlouquecidas: abaixo, Julieta Serrano com Carmen Maura; acima, Rossy de Palma; ao lado, Maria Barranco com Antonio Banderas

sua própria incompetência. Na TV, uma velha míope noticia monotonamente um atentado terrorista como quem fala de uma exposição de flores. E a própria ausência das perversões e do homossexualismo não se confunde com uma sujeição à "normalidade". Nada ou ninguém é "normal" em *Mulheres...*, como de resto na própria vida. "Tudo é sério e tudo é cômico ao mesmo tempo", define Almodóvar. "É muito *alemão*, no pior sentido, dizer: 'Isto é sério; isto é cômico'."

Consciente da singularidade de seu cinema e de sua cultura, o cineasta espanhol recusou o convite para dirigir nos EUA um *remake* de *Mulheres...*, tarefa que ficou a cargo do rotineiro Herbert Ross, com Jane Fonda no papel de Pepa. Pode até ter ficado bom, mas com certeza é um filme completamente diferente. Só Almodóvar conhece os segredos mais íntimos de suas mulheres.

José Geraldo Couto

Mujeres al Borde de un Ataque de Nervios, Espanha, 1988 ■ DIREÇÃO: Pedro Almodóvar ■ Com Carmen Maura, Antonio Banderas, Julieta Serrano, Maria Barranco, Rossy de Palma ■ ROTEIRO: Pedro Almodóvar ■ FOTOGRAFIA: José Luis Alcaine ■ MONTAGEM: Jose Salcedo ■ MÚSICA: Bernardo Bonezzi ■ PRODUÇÃO: Agustin Almodóvar para El Deseo S.A. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Stills

A Espanha do Avesso

Pedro Almodóvar

Poucos artistas têm sua experiência de vida estampada em sua obra tão claramente quanto o espanhol Pedro Almodóvar. Nascido no interior (Calzada de Calatrava), em 1949, e criado naturalmente sob a tradição católica, viveu uma juventude agitadíssima em Madri. Liderou um grupo de rock, fez teatro marginal, escreveu uma fotonovela pornográfica, publicou um romance — tudo isso enquanto trabalhava na Companhia Telefônica, onde passou dez anos enfrentando a discriminação por sua homossexualidade.

Seus primeiros filminhos em super-8 refletiam já uma postura de ataque feroz à repressão moral, familiar e religiosa. Os títulos são eloqüentes: Dos Putas *(1974),* La Caída de Sodoma *(1974),* Sexo Va, Sexo Viene *(1977). Os longa-metragens não ficaram atrás. No primeiro deles,* Pepi, Luci, Bom y Otras Chicas del Montón *(1980), uma dona-de-casa reprimida se torna amante da vocalista sádica de um grupo de rock, e o próprio Almodóvar aparece como mediador (ou antes, "medidor") de um concurso de ereções. A religião veio abaixo com* Entre Tinieblas *(1983): num convento, freiras usam drogas pesadas e escrevem histórias pornográficas. Com* Que Hé Hecho Yo para Merecer Esto? *(1984) foi a vez da família: Carmen Maura, a atriz favorita do diretor, interpreta uma dona de casa cheiradora de cola que, num acesso de fúria, mata o marido com um osso de pernil. Depois desses estragos domésticos, o mercado internacional abriu suas portas para* Matador *(1985) e* A Lei do Desejo *(1986). No primeiro, disponível em vídeo (Jota Home), um toureiro aposentado e uma advogada só encontram o clímax sexual ao assassinar seus parceiros. No segundo, exibido apenas no FestRio e no MIS/SP, um cineasta homossexual vê-se às voltas com a tórrida e assassina paixão que desperta num jovem motoqueiro, ao mesmo tempo que descobre que sua irmã (Carmen Maura, de novo) é um travesti. Quem viu pelo menos um desses filmes sabe que este legítimo herdeiro do casamento imaginário de Buñuel com a movida madrileña pós-franquista tem uma munição inesgotável.* J.G.C.

AVENTURA

GLADIADORES DO INFERNO ●

(Hell Riders, EUA, 1984)
Direção: James Bryan. Com Adam West, Tina Louise, Russ Alexander, Renee Harmon. América.

Um grupo de motoqueiros perturbados resolve atacar uma pacata cidade. Os rebeldes, contudo, não imaginavam encontrar Dr. Dave (Adam West, o Batman do seriado da TV), que organiza a população para combater os demônios motorizados. West carrega nesse filme as mesmas expressões do velho super-herói. Os sádicos motoqueiros são risíveis, grotescos e não causam nenhuma espécie de reação no espectador. *M.R.G.*

CÓDIGO DE OPERAÇÃO: INTRÉPIDO ● ●

(A Man Called Intrepid, EUA, 1982)
Direção: Peter Carter. Com David Niven, Barbara Hershey, Michael York. Mundial.

Enquanto a Alemanha coloca em prática o plano de Hitler de conquistar o mundo, Winston Churchill, primeiro-ministro inglês, monta uma complicada rede de espionagem, com a ajuda de *sir* William Stephenson. Seus mais brilhantes pupilos, Madelaine (Barbara Hershey) e Michelian (Michael York), se envolvem amorosamente e numa dura missão, também: seqüestrar Niels Bohr, um importante cientista. Uma aventura movimentada, ainda que os bons nomes presentes no elenco pouco tenham ajudado. *A.G.*

FANTASIA

WILLOW — NA TERRA DA MAGIA ● ●

(Willow, EUA, 1988)
Direção: Ron Howard. Com Val Kilmer, Joanne Whalley, Warwick Davis, Jean Marsh, Billy Barty. LK-Tel/Columbia.

Para um projeto longamente acalentado por George Lucas (o mago da trilogia *Guerra nas Estrelas*), *Willow — Na Terra da Magia* constitui uma tremenda decepção. Naturalmente, o sucesso do filme foi garantido por uma vigorosa campanha publicitária e mercantil: dos 60 milhões de dólares de seu orçamento, 25 o foram na produção de lancheiras, gibis, discos, adesivos, bonecos, camisetas, pijamas, brinquedos e outras mercadorias-*willow*. Mas em termos cinematográficos, *Willow* não é memorável. Um dos erros da fita é a direção medíocre de Ron Howard, desprovida de ritmo, *timing* e dramaticidade. O roteiro é recheado de mau gosto: o povo de anões deformados, as piadas escatológicas, a colcha de retalhos que junta os clichês dos velhos contos de fadas. Finalmente, tudo é embalado em efeitos especiais de segunda categoria ou tão mal filmados que, no caso da inovação técnica da transformação final da princesa, que deveria ser a apoteose do filme, perdem todo o impacto por falta de ênfase cinematográfica (iluminação, angulação, atmosfera, ritmo, trilha sonora). Enfim, uma superprodução não garante um bom entretenimento: é preciso também um roteiro, uma equipe técnica à altura e, sobretudo, um diretor competente. *L.N.*

COMÉDIA

VITOR OU VITÓRIA? ● ● ●

(Victor/Victoria, Inglaterra, 1982)
Direção: Blake Edwards. Com Julie Andrews, James Garner, Robert Preston, Lesley Ann Warren. Vídeo Arte.

Esta comédia musical já deu a Blake Edwards o título de "sucessor" de Billy Wilder. Talvez porque lembre um pouco o malabarismo cômico em torno da troca de sexos de *Quanto*

BANANAS ● ● ●

(EUA, 1971)
Direção: Woody Allen. Com Woody Allen, Louise Lasser, Carlos Montalban. Warner.

Com o toque ligeiramente confuso e irregular do Woody Allen iniciante na direção e um tom absurdamente ingênuo, a chanchada sócio-política *Bananas* já prevê o comediante genial e amargo que se denunciaria nos filmes seguintes. Feita após *Um Assaltante Bem Trapalhão* (1969) e antes de *Tudo o Que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo e Tinha Medo de Perguntar* (1972), *Bananas* tem o humor solto do primeiro e prenuncia a sofisticação intelectual do segundo.

Allen centra sua metralhadora corrosiva no símbolo do absurdo político da América do Sul: as chamadas repúblicas "bananeiras" ou "republiquetas", com seus ditadores personalistas e golpes militares. A republiqueta de Allen chama-se San Marcos — um lugar sacudido por golpistas e revolucionários, onde os assassinatos de presidentes são atração de TV. O desajeitado Fielding Mellish (Allen), exausto de sua função de testador de produtos (função em que o acidente é a rotina) e de seu baixo-astral com as mulheres (que sempre o abandonam), conhece a engajada Nancy (Lasser), ocupada em recolher assinaturas contra a ditadura de San Marcos. Tenta namorá-la. O herói acaba na turbulenta San Marcos, onde o ditador Vargas (Montalban) quer assassiná-lo, atribuindo o crime aos guerrilheiros para receber o apoio de Tio Sam.

Uma flagrante trapalhada de Fielding Mellish (Woody Allen)

Mas isso é apenas o início das trapalhadas de Mellish ao lado das forças revolucionárias do castrista Esposito (Jacobo Morales). Com muitas gags (não tão intelectualizadas ainda), referências ao próprio cinema, à Revolução Cubana, à CIA e aos problemas existenciais e sexuais, o filme remete a uma situação hiperclássica — a do tímido que assume posições heróicas por mero acaso. Uma brincadeira descomprometida (às vezes simplista) sobre as relações entre o "Império Ianque" e seus aliados opressores, forjada entre bananas. *Antonio Querino Neto*

RUIM
REGULAR
BOM
EXCELENTE
OBRA-PRIMA

Mais Quente Melhor. Na Paris de 1934, Victoria (Julie Andrews) é uma cantora desempregada à procura de um prato de comida. Carreirista, aceita qualquer oportunidade para engrenar no meio artístico. Ela deve se passar por homem que posa de mulher. Uma aberração chique, uma espécie de travesti nobre, jovem conde da Polônia. A idéia é de seu amigo *gay* Toddy (Preston). Para "colorir" ainda mais, há King (Garner), um dono de cabaré de Chicago, muito macho mas apaixonado por Vitor (ou seria por sua "versão feminina", Vitória?). Baseado num filme alemão de 1934 (*Viktor und Viktoria*), o resultado é sofisticado e bem divertido. Graças às virtudes da ex-pudica Julie Andrews e à experiência de seu marido, Edwards, em dirigir artimanhas histriônicas. Destaque para Lesley Ann Warren, a loira débil de voz galinácea encantada com o *show business*. *D.G.*

DE CASO COM A MÁFIA ●●●●
(Married to the Mob, EUA, 1988)
Direção: Jonathan Demme. Com Michelle Pfeiffer, Matthew Modine, Dean Stockwell. Globo Vídeo.
Talvez o melhor parâmetro para entender o cinema de Demme, particularmente as deliciosas comédias policialescas *De Caso Com a Máfia* e a anterior *Totalmente Selvagem*, seja o de suas trilhas sonoras, colchas de retalhos pop na qual convivem em harmonia desde a melancolia dançante dos ingleses do New Order até "Zazueira", de Jorge Benjor. Ao carregar de detalhes visuais e referências à cultura pop cada seqüência, cada situação, Demme parece correr o risco de fazer um filme de *sketches* descontínuos. Mas seu talento para a escolha e direção de atores — aqui o triângulo se dá entre a ex-esposa de mafioso (Pfeiffer) cansada do crime, o policial que a vigia (Modine) e o *capo* (Stockwell), que a quer como amante — amarra e dá conseqüência afetiva a este caleidoscópio cinematográfico. Um comentário irônico e inspirado sobre a kitsch classe média americana e o yuppismo, ainda que imbuído de otimismo e compaixão: bem mais do que um "filme de gângster com risadas", como o definiu o próprio Demme. *A.A.*

CLÁSSICO

MOBY DICK ●●●
(EUA, 1956)
Direção: John Huston. Com Gregory Peck, Richard Basehart, Leo Genn, Friedrich Ledebur, Orson Welles. Warner/Brenno Rossi.
"Hoje, pensando bem, me pergunto se um dia será possível fazer justiça a Moby Dick *(o livro) no cinema."* Huston disse isso em 1980. Em 1956, antes que tivesse tido tempo para "pensar bem", ele lançou-se na empreitada. Era uma de suas fases áureas — o sucesso de *Uma Aventura na África* e *Moulin Rouge* não só lhe facilitava os orçamentos como vinha justificando seu arrojo na escolha das histórias que queria filmar. Ainda bem — um cineasta menos persistente não teria levado o projeto a cabo. Foram dois anos de preparação e filmagem, repletos de dificuldades técnicas (era a época dos efeitos especiais mecânicos, e no arsenal de baleias da equipe figuraram desde modelos em escala reduzida até monstros de 30 metros, puxados por rebocador), azares de filmagem e acidentes náuticos, com deslocamentos do litoral do País de Gales às Ilhas Canárias.
Tudo isso para dar conta de uma versão resumida da história, como aquelas das aventuras juvenis — a bem da verdade, como veio a supor Huston, o *Moby Dick* de Hermann Melville é virtualmente inadaptável em sua íntegra, com todas as digressões científicas e filosóficas em que erige o mito da Baleia Branca. Mas Huston e o escritor Ray Bradbury, seu colaborador no roteiro, souberam concentrar as idéias do visionário Melville em algumas seqüências, fidelíssimas ao livro (ao contrário das versões anteriores, filmadas em 1927 e 1930). Particularmente no sermão do padre Orson Welles, sobre o exílio de Jonas na baleia, dito de um púlpito em forma de proa: um dos pontos altos do filme. Também as experiências cromáticas do diretor (iniciadas em *Moulin Rouge* e concluídas em *Os Pecados de Todos Nós*) rendem cenas belíssimas. Só Gregory Peck, contido demais, é que está aquém da figura do transtornado Capitão Ahab. *Alex Antunes*

Warner
O capitão Ahab (Gregory Peck), diante de uma nova presa

DRAMA

AS SANDÁLIAS DO PESCADOR ●●●
(The Shoes of the Fisherman, EUA, 1968)
Direção: Michael Anderson. Com Anthony Quinn, Laurence Olivier, David Jansen, Vittorio De Sica. Vídeo Arte.
O melhor deste filme é seu grande elenco: não é sempre que se vêem tantos bons atores trabalhando juntos. O pior é a excessiva ênfase nos detalhes secundários, que desperdiça bons papéis. Depois de 20 anos exilado na Sibéria, o bispo Kiril Lacota (Quinn) é libertado e volta a Roma. Perplexo com um mundo à beira do colapso, quando é eleito o primeiro papa não italiano após 400 anos, toma como missão buscar a paz entre os povos. Adaptado do romance de Morris West, é um filme que envelheceu desde seu lançamento: cada vez menos se espera uma guerra entre as superpotências e nenhum dos papas eleitos nas últimas décadas diria como Kiril I: "Todos os bens da Igreja estão à disposição dos famintos do mundo". Vale a visita como uma bela obra de ficção, retratando os bastidores do Vaticano, em sua pompa e mesquinhez. *M.B.*

LOUCO DE AMOR ●●●
(Fool for Love, EUA, 1985)
Direção: Robert Altman. Com Sam Shepard, Kim Basinger, Harry Dean Stanton, Randy Quaid. América.
A peça de Sam Shepard (encenada no Brasil por Hector Babenco) se passava toda no interior de um quarto de motel, onde se digladiavam dois estranhos amantes, Eddie e May. Além dos dois, só apareciam em cena o desagradável Martin, novo pretendente de May, e o fantasma de um velho que acabava por se revelar a figura mais importante da trama, esclarecendo o passado dos amantes. Na adaptação para o cinema, Altman (com roteiro do próprio Shepard) arejou essa estrutura claustrofóbica, alternando o quarto com cenas externas, ampliando o número de personagens, introduzindo *flash-backs* e revestindo o velho de carne e osso. Para muitos críticos, esses procedimentos afrouxaram a tensão da peça, minando sua força. Para quem gosta das surpresas de Altman, contudo, é um grande prazer ver como os *flashbacks* muitas vezes entram em contradição com a narração em *off* ou como os outros hóspedes do motel se mostram como desdobramentos dos protagonistas. E a cena final é um apocalipse digno de tragédia grega. *J.G.C.*

DESAFIANDO O PERIGO ●
(Riding Fast, EUA, 1986)
Direção: Djordje Milicevic. Com Meg Foster, Douglas Greenal. Mundial.
O velho clichê do rapaz apaixonado por uma mulher mais velha volta a atacar. Adepto de esportes radicais, para conquistar uma viúva ainda inconsolada garotão (Greenal) resolve tentar a mesma proeza que levou o falecido desta para a melhor. Pura baboseira. *M.B.*

VÍDEO LANÇAMENTOS

ALÉM DOS MEUS OLHOS ●●
(Eye on the Sparrow, EUA, 1987)
Direção: John Korty. Com Mare Winningham, Keith Carradine. Herbert Richers.

Filmes sobre cegos, surdos e mudos — desde que não sejam pastelões — apelam para o coração e os sentimentos das pessoas. Por isso invariavelmente funcionam, como mostra essa singela produção dirigida por John Korty. Mare Winningham é Ethel, cega e casada com James (Keith Carradine), que sofre da mesma deficiência. Apesar das dificuldades, os dois sempre viveram bem, mas as coisas se complicam quando descobrem que não podem ter filhos e que, para adotar uma criança, terão de lutar contra a burocracia do Estado e a desconfiança dos assistentes sociais. *A.G.*

TRÁGICA DECISÃO ●●●
(The Triple Echo, Inglaterra, 1973)
Direção: Michael Apted. Com Glenda Jackson, Oliver Reed, Brian Deacon. Herbert Richers.
A estranha e maternal relação entre Alice (a impecável Glenda Jackson), uma mulher solitária, e o jovem soldado desertor Barton (Brian Deacon). Este se disfarça de mulher e tenta escapar do assédio de um louco sargento (Oliver Reed, mais obsessivo do que nunca). Mas, na fantasia de Barton, parece haver algo a mais do que a simples necessidade de fugir do Exército, e um estranho triângulo se instaura. Drama competente do inglês Michael Apted, rodado em cenários campestres e magnificamente fotografado. Apted, originário da televisão, faria bons filmes posteriormente, tais como *Mistério do Parque Gorky* (1983) e o *O Destino Mudou Sua Vida* (1980). Sua direção é discreta, mas consegue excelentes resultados do trio central, envolvido num insólito conflito à margem da Segunda Guerra Mundial. A seqüência da festa, em que o personagem de Reed tenta seduzir Barton vestido de mulher é primorosa. A raiva que o sargento espuma, a tensão sexual de Barton e a dureza de Alice conduzem a trama para um desenlace trágico. *A.Q.N.*

TRATAMENTO MORTAL ●●
(Deadly Care, EUA, 1987)
Direção: David Anspaugh. Com Cheryl Ladd, Jason Miller. CIC.
Para conseguir manter o ritmo de trabalho numa unidade de tratamento cardiovascular, a enfermeira Anne (a ex-pantera Cheryl Ladd) lança-se no consumo de drogas. De pílula em pílula, ela vai se desintegrando física e mentalmente até o internamento num instituto de recuperação. Baseado em fatos verídicos, este telefilme não foge do convencional no tratamento de um tema tabu. Depressivo e sem uma intriga mais consistente, descamba facilmente para a monotonia. *P.C.*

CONSPIRAÇÃO AO PODER ●●●
(Mussolini and I, EUA, 1985)
Direção: Alberto Negrin. Com Bob Hoskins, Anthony Hopkins, Susan Sarandon, Barbara de Rossi, Annie Girardot, Fabio Testi. Mundial.

Já exibido em forma de minissérie na televisão brasileira, esse filme mostra a luta sentimental e o conflito pelo poder na família Mussolini O primeiro-ministro italiano, vivido britanicamente pelo ator Bob Hoskins, é desafiado pelo genro e ministro das Relações Exteriores, Galeazzo Ciano (Anthony Hopkins). Temperamental, como bom italiano e ditador, Mussolini acaba criando um caso para a filha Edda, papel encarnado pela atriz Susan Sarandon, que se vê em um dilema: salvar o casamento ou se beneficiar dos mimos paternos? Uma produção impecável do ponto de vista da reconstituição histórica, comprometida apenas pelo excesso de violência — o que, no final, acaba sendo apenas um contraponto ao excesso de pieguice. *A.G.*

TERROR

FÚRIA ASSASSINA ●●
(Backwoods, EUA)
Direção: Dean Crow. Com Christina Noonan, Jack O'Hara e Brad Armacost. Look.
O terror não é apenas serras elétricas e monstros escatológicos. O terror também está presente em bu-

À MARGEM DA VIDA ●●●●
(The Glass Menagerie, EUA, 1988)
Direção: Paul Newman. Com Joanne Woodward, John Malkovich, Karen Allen, James Naughton. VTI.
Seria temerário afirmar que esta é a melhor versão para cinema de uma peça de Tennessee Williams; afinal, já existem *Uma Rua Chamada Pecado* (1951), de Elia Kazan, e *Gata em Teto de Zinco Quente* (1958), de Richard Brooks. Mas pode-se dizer que esta foi a que melhor apreendeu a atmosfera própria do autor, um meio-termo entre o realismo psicológico e o simbolismo poético. Além disso, Paul Newman foi capaz de fazer um filme que retivesse todas as características de uma encenação teatral sem desprezar um aproveitamento propriamente fílmico de cada cena.
Para mostrar o entrechoque afetivo de quatro personagens colocados na penumbra de um apartamento em St. Louis, durante a Depressão americana, Newman, juntamente com o fotógrafo Michael Balhaus (o preferido de Fassbinder) e o desenhista de produção Tony Walton, criou uma dinâmica toda especial, em que a cor, os oportunos movimentos de câmera e principalmente o sensível jogo de luzes e sombras — algo que lembra a lanterna mágica dos chineses — dotam gestos e objetos de significações que ultrapassam o sentido literal do texto, já, por si, belíssimo.
E a performance dos atores não poderia ser melhor.

O entrechoque entre filho (Malkovich) e mãe (Joanne)

Joanne Woodward, mulher de Paul Newman, transita à vontade no corpo de Amanda Wingfield, uma mãe nervosa e possessiva, que exige amor absoluto de seu filho Tom (Malkovich) e busca empurrar a filha Laura (Allen), semi-aleijada e dolorosamente tímida, para a vida, tentanto arranjar-lhe um marido (no caso, Naughton). Malkovich (de *Ligações Perigosas*), com sua voz suave — mas que soa como o prenúncio de uma explosão interior —, explora à perfeição as tensões do papel, ao passo que Karen Allen (de *Os Caçadores da Arca Perdida*) vive certamente seu melhor momento no cinema. Um filme, enfim, delicado e, sobretudo, belo e misterioso. *Daniel Benevides*

cólicas florestas, escondido em quintais de fazendas onde ciscam galinhas e crescem flores silvestres. Um casal em viagem de bicicleta pelo interior dos Estados Unidos (Noonan e Armacost) depara com uma insólita família, em que o estranho Willian (O'Hara) abandona paulatinamente qualquer aparência de humanidade. Perseguições e sustos se sucedem quando o louco (possuído por sua maldição) investe sobre todos a sua volta. *M.B.*

POLTERGEIST II — O OUTRO LADO ● ●

(Poltergeist II — The Other Side, EUA, 1986)
Direção: Brian Gibson. Com JoBeth Williams, Craig T. Nelson, Heather O'Rourke, Oliver Robins, Julian Beck, Zelda Rubinstein, Will Sampson, Geraldine Fitzgerald. Video Arte.

A família Freeling, de *Poltergeist — O Fenômeno* (1982), volta a ser atacada pelo sobrenatural. Morando longe do local em que tiveram sua casa destruída, eles até se recusam a ter um novo aparelho de televisão. Agora o terror não vem mais da TV e sim na forma do reverendo Kane (Julian Beck), que é a própria besta e quer levar a lourinha Carol Anne (Heather O'Rourke) para o outro lado. Mas há Taylor (Will Sampson), um índio americano enviado pela baixinha clarividente Tangina (Zelda Rubinstein), que, com suas práticas primitivas, tenta ajudá-los. Com caprichados efeitos visuais e mesmo elenco — com exceção da filha mais velha dando lugar a um novo personagem, a avó de Carol Anne (Geraldine Fitzgerald) —, *Poltergeist II* carece de um roteiro mais elaborado, à altura dos trabalhos do produtor/roteirista Steven Spielberg e do diretor Tob Hooper, responsáveis pelo primeiro episódio.

W.A.S.

SUSPENSE

EM PÂNICO ●

(Hide and Go Shriek, EUA, 1987)
Direção: Skip Schoolnik. Com Brittain Frye, Donna Baltron, George Thomas. Transvídeo.

Para comemorar o final das aulas, quatro moças e quatro rapazes passarão a noite na loja de móveis do pai de um dos garotos. Brincadeirinhas como esconde-esconde são só pretextos para que os casais se separem e iniciem os jogos sexuais, sem darem conta de um transviado assassino os espreita. Entre mobílias e manequins tem início a chacina e o pavor se espalha. Os fãs de filmes de matança, tipo *Sexta-feira 13*, ficarão decepcionados com esse subproduto, que nem sequer assusta. *W.A.S.*

O PRÓXIMO ASSASSINATO ● ●

(Murder 1, Murder 2..., EUA, 1989)
Direção: Paul Leder. Com Sam Behrens, Shari Belafonte. Vídeo Ban.

O diretor Leder mostra exemplarmente nesta fita como transformar um bom argumento num filme sem nenhum charme. A trama é envolvente: milionário gay morre em circunstâncias misteriosas e deixa sua fortuna para seu amante, que em seguida é encontrado morto também. Aids e o preconceito contra homossexuais fazem o pano de fundo da história. Mas o excesso de personagens secundários e suspeitos atrapalha mais o filme que o trabalho do detetive encarregado de resolver o caso. *M.B.*

A FARSA ● ●

(Masquerade, EUA, 1988)
Direção: Bob Swaim. Com Meg Tilly, Rob Lowe, Doug Savant, John Glover. Vídeo Arte.

Olivia Lawrence (Tilly) é uma jovem herdeira de vários milhares de dólares que se vê envolvida numa armadilha planejada por três vigaristas de olho em sua fortuna: Tony Gateworth (Glover), o último marido de sua mãe; Mike McGill (Savant), amigo de infância e policial, e Tim Whalam (Lowe), um iatista charmoso que se casa com Olivia. *Thriller* romântico com roteiro mal resolvido, vale apenas para conferir a boa atuação de Tilly. *D.P.*

TRAMA MACABRA ● ● ●

(Family Plot, EUA, 1976)
Direção: Alfred Hitchcock. Com Karen Black, Bruce Dern, Barbara Harris. CIC .

Último trabalho do mestre absoluto do suspense, demonstra que o velho gorducho guardou até o fim seu humor terrível, pregando-nos uma última e devastadora peça. Um motorista de táxi, uma vidente charlatã e um cobiçado herdeiro desaparecido são personagens que Hitchcock desenvolve com complexidade e direção precisa. Ele expõe minuciosamente seus personagens (ridiculamente ingênuos) e depois arma as complexas ligações envolvendo seqüestro, jóias e dólares. A trama é um tanto confusa e requer bastante atenção para se apreender todos os perversos pormenores. Mas o esforço compensa. Não faltam deliciosos diálogos do tipo: "Apaixonei-me por você porque queria segurança" (ela); "é má julgadora de caráter" (ele). Não falta também a inevitável aparição do mestre. Uma curiosidade: este filme de Hitchcock deve ter sido a inspiração de um recente e polêmico seqüestro de um famoso empresário — vale a pena prestar atenção nisso. Apesar de não ser seu melhor filme, ainda assim é uma obra de gênio. *A.Q.N.*

ATERRORIZANTE CONFRONTO FINAL ● ●

(The Survivor, Austrália, 1980)
Direção: David Hemmings. Com Robert Powell, Jenny Agutter, Joseph Cotten. Herbert Richers.

Hemmings, o ator de *Blow Up* e diretor de *Apenas um Gigolô*, é o responsável por essa mediana trama de parapsicologia, em que as premissas são mais interessantes que o resultado final. Um avião Boeing 747, logo após decolar, faz um pouso de emergência e explode, matando todos os seus ocupantes, à exceção do piloto (Powell). Mas as almas das vítimas exigem do sobrevivente, auxiliado por uma vidente, que investigue as causas da queda. Mistura inesperada de filme catástrofe com investigação metafísica. *A.A.*

VÍDEO LANÇAMENTOS

GUERRA

CODENAME 84 - A VERDADE SOBRE O VIETNÃ ●●●

(84 Charlie Mopic, EUA, 84)
Direção: Patrick Duncam. Com Richard Brooks, Nicholas Cascone, Glenn Morshower, Byron Thomas. Look.

A guerra do Vietnã ataca mais uma vez. Não entre em pânico. Apesar do tema batido, *Codename* consegue surpreender pela originalidade. Charlie Mopic é o codinome de um cameraman enviado junto com seis soldados para uma missão de reconhecimento na linha de frente. O interessante é que ele carrega a própria câmera do filme. Com ordens de documentar as técnicas de guerrilha, Mopic acaba por transformar sua lente num revelador de conflitos humanos. A cada noite, bombardeios ou emboscadas, o fantasma da morte se torna mais presente, e o desespero dos soldados, mais íntimo da câmera observadora. Racismo, drogas, família e ideais entram na discussão.
O destaque é mesmo a câmera subjetiva de Duncam, muito bem explorada como fio condutor da ação. Ela consegue tirar do espectador uma nervosa cumplicidade na dor e angústia de cada soldado. *K.R.*

RASTROS DE SANGUE ●●

(Point of View, EUA, 1987)
Direção: Noam Yavor. Com John Savage, Myriam Cyr, Fisher Stevens, Michael Lee Nickles. Mundial.
Numa sala de aula em Israel, alunos e professor debatem sobre a obra *Pastores da Guerra*, do famoso escritor Ammon Yehoshua (John Savage). Intrigados com o desfecho do livro, que é centrado na luta entre judeus e árabes, dois deles têm como tarefa fazer um filme a respeito. Os envolvidos no projeto procuram o recluso autor, que vive atormentado com os personagens de sua obra, para entrevistas.
Um roteiro mal-ajambrado, um diretor inseguro e o fraco elenco — com exceção de John Savage (*Hair*) — não conseguem explicar ao espectador onde começa a realidade e termina a ficção na vida do literato Ammon Yehoshua. *W.A.S.*

POLICIAL

DESEJO DE MATAR II ●●

(Death Wish II, EUA, 1982)
Direção: Michael Winner. Com Charles Bronson, Jill Ireland, Vincent Gardenia.
Continuação da neurose do engenheiro Paul (Bronson), que, no primeiro *Desejo de Matar* teve sua esposa assassinada em Nova York. Sua filha ficou traumatizada, ele matou todos os bandidos e escapou da polícia. Neste filme, Paul mora em Los Angeles, e os bandidos se metem com ele de novo. A filha, ainda atormentada, acaba morrendo, e ele volta ao submundo para se vingar. Charles Bronson é uma geladeira encarnando o papel do justiceiro implacável, e *Desejo de Matar II* é tão violento quanto o primeiro da série e os que se seguiram. *P.Cb.*

ÁLIBI PARA UM SUSPEITO ●●

(Physical Evidence, EUA, 1988)
Direção: Michael Crichton. Com Burt Reynolds, Theresa Russell, Ned Beatty, Kay Lenz, Kenneth Welsh, Tom O'Brien. Look.
Afastado da polícia por sua conduta pouco convencional, o investigador Joe Paris (Burt Reynolds) é o principal suspeito da morte de Jack Farley, um indivíduo fichado na polícia. Jenny Hudson (Theresa Russell) é uma jovem advogada que abraça o caso e vai defendê-lo. Paris quer proteger Debora Quinn (Kay Lenz), sua amante — cujo marido é extremamente violento —, e recusa-se a revelar o álibi que o livra das suspeitas. O filme esquenta quando a advogada, aprofundando-se nas investigações, descobre outros envolvidos.
Sem nenhuma novidade, esse argumento, bem conduzido pelo diretor Michael Crichton (*Coma*), poderia obter melhor resultado se o *partner* de Theresa Russell não fosse um inexpressivo Burt Reynolds. *W.A.S.*

ANIMAÇÃO

MÚSICA, MAESTRO! ●●●

(Make Mine Music, EUA, 1946)
Direção: Jack Kinney, Clyde Geronimi, Hamilton Luske, Robert Cormack e Joshua Meador. Abril Vídeo.
Coletânea produzida pelos Estúdios Disney, possui alguns dos melhores momentos da animação de todos os tempos. Em *A Balada dos Camponeses (The Martins and the Coys* ou *A Rustic Ballad)*, duas famílias caipiras digladiam-se até o último homem e a última mulher. Em *O Lápis Musical (All the Cats Join in)* e *A Dança dos Instrumentos (After You've Gone)*, a

O DESTINO BATE À SUA PORTA ●●●●

(The Postman Always Rings Twice, EUA, 1981)
Direção: Bob Rafelson. Com Jessica Lange, Jack Nicholson, John Colicos, Michael Lerner, Anjelica Huston.
O bissexto diretor Bob Rafelson, herdeiro direto da contracultura americana (produziu *Easy Rider*), foi encontrar no protótipo do filme policial *noir* uma possibilidade para a sua preferência por histórias marginais. *O Destino...* já tinha sido filmado, e com sucesso, em 1946, com Lana Turner e John Garfield nos papéis que seriam de Jessica Lange e Jack Nicholson, em uma versão mais fiel ao clima brutal do romance de James Cain. Talvez por isso a relativa decepção que a nova causou em 1981, com seus tons mais incertos e seu ritmo eventualmente lento, apesar da crueza da trama de adultério e assassinato.
Quanto ao acerto de Nicholson e Lange, ninguém teve dúvidas. A primeira cena de sexo, numa cozinha, passou diretamente ao rol das mais eróticas do cinema. Foi a revelação de Lange (a de Nicholson, onze anos antes, também tinha sido pela mão de Rafelson, em *Cada Um Vive Como Quer*). O bom é que, revisto, o filme cresce muito. É uma das duas melhores histórias do irregular Cain (a outra é *Dupla Indenização*, também adaptada para o cinema, na década de 40, por Billy Wilder), fazendo a ponte entre o policial *hardboiled* — duro, cruel e objetivo, e freqüentemente oportunista — e a intensidade literária de um Chandler. Ao polir o roteiro da nova versão, o excepcional David Mamet (*Jogo de Emoções, As Coisas Mudam*) aproveitou quase todas as boas idéias. Mesmo episódios considerados dispensáveis, como o *affair* que o vagabundo Nicholson tem com a domadora de animais Anjelica Huston, ou a alegada vagareza da segunda parte do filme, em que o convívio dos amantes vai ficando impossível, marcam o irremediável desacerto de suas vidas, paródia do "sonho americano" que nem o assassinato supera. Como Bonnie e Clyde falhados no amor, irredimíveis na morte. *Alex Antunes*

Herbert Richers

Jessica e Nicholson: amantes falhados no amor

música de Benny Goodman se materializa em maravilhosos bailados. *No Ritmo do Beisebol (Casey at the Bat)* não atinge as mesmas alturas, mas *Pedro e o Lobo (Peter and the Wolf)*, que transcreve a fábula russa através da música de Prokofiev, é uma lição de síntese e ritmo. Nenhum dos desenhos anteriores supera *Uma Baleia na Ópera (The Whale Who Wanted to Sing at the Met)*, com a voz de Nelson Eddy. Os animadores estavam inspirados para poder criar essa fábula de perfeita beleza e crueldade — um luminoso manifesto ecológico. *L.N.*

A DAMA E O VAGABUNDO ●●●●
(The Lady and the Tramp, EUA, 1955)
Direção: Hamilton Luske, Clyde Geronimi e Wildred Jackson. Abril Vídeo.

A Dama e o Vagabundo era um antigo projeto de Disney que ele resolveu finalmente pôr em prática quando os críticos atacaram suas adaptações de *Alice no País das Maravilhas* e *Peter Pan*. Fez, então, um desenho animado fielmente estruturado na linguagem cinematográfica, como se se tratasse de vida real sendo registrada pela câmera, com a sensível diferença de que, nesta história, os protagonistas são cachorros que conversam entre si. No começo do século, uma *cocker spaniel* se apaixona por um vira-lata, conhece os perigos da rua e tem seu amor ameaçado pela sinistra carrocinha. Concebido como uma série de cartões-postais de 1910, *A Dama e o Vagabundo* é um conto de fadas moderno. A perfeição dos detalhes cenográficos na casa dos donos de Lady, a estilização impecável dos gatos siameses de tia Sara e a luta de sombras entre Tramp e um rato ameaçador são alguns dos pontos altos desta animação clássica, que atravessa as gerações sem nada perder de seu encanto. *L.N.*

INFANTIL

POLLYANNA ●●
(EUA, 1960)
Direção: David Swift. Com Jane Wyman, Richard Egan. Abril Vídeo.

O NATAL MÁGICO ●●
(One Magic Christmas, EUA, 1985)
Direção: Phillip Borsos. Com Mary Steenburgen, Gary Basaraba, Harry Dean Stanton. Abril Vídeo.
Os dois lançamentos dos Estúdios Disney capricham no apelo à emoção. Em *Pollyanna*, baseado no clássico romance de Eleonor H. Porter, a menina Hayley Mills fez milhares de espectadores chorarem no papel de órfã que vai morar com a tia durona e poderosa e conquista o coração de todos na cidade. Em *O Natal Mágico*, a garotinha deve mostrar à mãe como é bonito o "espírito natalino". São dois filmes feitos de encomenda para a audiência familiar. *P.Cb.*

MEU AMIGO, O DRAGÃO ●●
(Pete's Dragon, EUA, 1977)
Direção: Don Chaffey. Com Helen Reddy, Jim Dale, Mickey Rooney, Red Buttons, Shelley Winters. Abril Vídeo.
Um órfão é comprado por uma família de vagabundos maltrapilhos que o exploram sem piedade. O garoto foge junto com um dragão de estimação que se torna invisível, de modo que ninguém acredita em sua existência. Numa cidade à beira-mar, o garoto e o dragão Elliot encontram abrigo na casa de uma generosa mulher que dirige um farol enquanto vai perdendo as esperanças de reencontrar seu noivo, que desapareceu no mar. A convivência dessa nova família é perturbada com a chegada de um charlatão que pretende capturar o dragão para transformá-lo em poções, usando cada pedacinho para ficar milionário. Nesta fantasia musical as seqüências de animação, dirigidas por Don Bluth (o diretor de *Fievel, um Conto Americano*), são sempre fascinantes, embora o personagem propriamente dito esteja desprovido de carisma. Dentro dos padrões dos Estúdios Disney, o filme não chega a ser um desastre, mas está longe de um clássico. *L.N.*

MUSICAL

UM PIJAMA PARA DOIS ●●●●
(The Pajama Game, EUA, 1957)
Direção: George Abbott e Stanley Donen. Com Doris Day, John Raitt, Carol Haney. Warner/Breno Rossi.

Competência e originalidade são as maiores qualidades deste filme. Na direção há o talento de Stanley Donen (*Dançando na Chuva*). O roteiro é de George Abbott, baseado em sua peça, sucesso na Broadway. As músicas são de Richard Adler e Jerry Ross. A coreografia é de Bob Fosse. Doris Day (no auge da fama), John Raitt (bem escolhido para o papel de Sid) e o elenco de apoio vindo da peça teatral resultam num excelente entrosamento de atores. A originalidade fica com a história: Babe (Doris Day) é a responsável pela comissão de reclamações dos empregados na fábrica de pijamas do sr. Hasler. Sid é o novo superintendente admitido em meio à reivindicação sindical de sete *cents* e meio de aumento por hora de trabalho. A diferença hierárquica e as lutas trabalhistas não impedem o romance. Cenário, fotografia e figurino contribuem, mas é a coreografia moderna de Bob Fosse a responsável pelo toque de genialidade do filme, considerado por muitos um dos dez melhores musicais de todos os tempos. *F.G.*

TAVERNA MALDITA ●●
(Pete Kelly's Blues, EUA, 1955)
Direção: Jack Webb. Com Jack Webb, Janet Leigh, Edmond O'Brien, Peggy Lee. Warner/Brenno Rossi.
Kansas City, 1927. Pete Kelly (o canastrão Jack Webb) e sua banda animam as noitadas de uma agitada boate em plena vigência da Lei Seca. O filme presta uma homenagem à luminosa euforia da era do jazz, incorporando elementos do gênero policial. Nada excepcional, mas salvam-se a bela trilha sonora (toda calcada em blues e jazz) e a presença das divas Ella Fitzgerald e Peggy Lee (num papel dramático que lhe rendeu uma indicação ao Oscar de melhor atriz). *P.C.*

PARADA

Os mais alugados

1. ***Uma Cilada para Roger Rabbit*** (Abril Vídeo)
2. ***Rain Man*** (Warner)
3. ***O Grande Dragão Branco*** (América)
4. ***Irmãos Gêmeos*** (CIC)
5. ***Retroceder Nunca, Render-se Jamais*** (América)
6. ***Nas Montanhas dos Gorilas*** (Warner)
7. ***Acusados*** (CIC)
8. ***Ligações Perigosas*** (Warner)
9. ***Atraiçoados*** (Warner)
10. ***O Turista Acidental*** (Warner)

FONTES: OMNI, Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Univideo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Service (DF); Scorpios Vídeo, Star Vídeo (GO).

Títulos disponíveis no mercado: 3 674
Número de locadoras no país: 6 800
FONTE: CONCINE.

Inéditos no Cinema

MALÍCIA ATÔMICA

Omni

Confira no seu vídeo estes 40 bons filmes da década de 80. Nenhum deles estreou nos cinemas brasileiros —. mas todos estão a sua espera na locadora, devidamente selados.

DOCUMENTÁRIO

STREETWISE
(EUA, 1984)
Direção: Martin Bell. Documentário. Polevídeo.
Excelente documentário que se detém em alguns jovens abandonados na Seattle contemporânea. Focalizando seu cotidiano e seu conceito de vida, a câmera de Bell consegue ser, ao mesmo tempo, distanciada e inevitavelmente triste. Uma jovem prostituta, de 14 anos, reage indiferente às doenças venéreas, enquanto um jovem só sente prazer ao mergulhar num rio de uma ponte. É o seu vôo. O retrato desses jovens marginalizados evidencia o fracasso do sonho americano e em muito ganha ao ser comentado pela trilha sonora de Tom Waits.

COMÉDIA

SEXO CASUAL?
(Casual Sex?, EUA, 1988)
Direção: Genevieve Robert. Com Lea Thompson, Victoria Jackson, Stephen Shellen, Jerry Levine. CIC.
Um filme inteligente e simpático, que aborda a sexualidade sob um prisma feminino em plena era Aids. Casual e leve, desenvolve-se em torno de duas amigas, uma extrovertida, a outra introvertida, que se preocupam em encontrar o parceiro ideal para evitar o sexo casual. Se a história acaba num romantismo-clichê (porém nunca desagradável), o filme é inventivo ao encenar as fantasias pessoais e ao colocar as jovens em fala direta com o espectador.

TUDO POR DINHEIRO
(Eating Raoul, EUA, 1982)
Direção: Paul Bartel. Com Paul Bartel, Mary Woronov, Robert Beltran. Look.
Trata-se de uma pequena pérola de humor negro, uma das várias sátiras sócio-cinematográficas de baixo orçamento cometidas por Bartel. Nunca ele acertou tão em cheio como aqui. É simplesmente hilariante acompanhar as peripécias de um casal pudico usando a mulher como chamariz sexual para roubar os pretendentes. Indo bastante mais além do que este resumo poderia sugerir, o filme ataca de frente tanto a hipocrisia e liberalidade sexuais quanto o consumismo e a ganância. Não ria, se for capaz.

FESTA DE FORMATURA
(Festa di Laurea, Itália, 1986)
Direção: Pupi Avati. Com Carlo Delle Piane, Aurore Clement, Lidia Broccolino, Nik Novecento. F.J. Lucas.
Avati é um dos poucos novos diretores italianos que gozam de reconhecimento crítico. Aqui ele realiza uma comédia melancólica, mais acre que doce, na velha tradição *naiv* que coloca *patsos* sonhadores como protagonistas. Pai e filho, na Rimini dos anos 30, são contratados pela antiga patroa do primeiro para reformar uma mansão, a fim de que esta sedie a festa de formatura de sua filha. Vanni Porelli, agora padeiro, vê aí uma boa oportunidade para extravasar um amor há muito fantasiado. Difícil deixar de prever um nó na garganta.

JURO POR DEUS
(Cross My Heart, EUA, 1987)
Direção: Armyan Bernstein. Com Martin Short, Annette O'Toole, Paul Reiser. CIC.
Pequena história cotidiana com tratamento suave e bem-humorado. Um casal, na casa dos 30 e com alguns passados nas costas, irá se encontrar no que consideram a noite decisiva para saber se aquele relacionamento pode dar certo. Inseguros, decidem interpretar

papéis para construir uma melhor imagem. Desenrolado em uma noite, parecendo peça teatral, tudo encaminhará para a gradativa verdade. É fácil entender por que Lawrence Kasdan produziu o filme. O casal de atores se dá bem e a produção é espontânea, ao som de Rolling Stones e Talking Heads.

MONTANHAS AZUIS

(Ronyelie Ropli, URSS, 1983) Direção: Eldar Shenguelaia. Com Ramay Guiorgobian, Vasili Kakhnishili, Teimuraz Chirgadze. Globo Vídeo.

Mesmo sendo comédia, antes da *perestroika* este filme não teria sido viável. É uma crítica clara à burocracia, um tanto ingênua e simplista mas mesmo assim com uma boa dose de absurdos, numa estrutura narrativa circular e viciosa. Um jovem escritor leva alguns manuscritos de sua obra homônima ao filme para verificação numa editora. As respostas, todas elas, rodeiam cegamente por um ano, enquanto todo o prédio ameaça rachar. A analogia é óbvia, mas não é difícil rir de algumas boas seqüências que se repetem constantemente.

THE COCA-COLA KID

(Austrália, 1985) Direção: Dusan Makavejev. Com Eric Roberts, Greta Scacchi, Bill Kerr, Chris Haywood. Polevídeo.

Nada de *Os Mistérios do Organismo* ou *Montenegro*, verdadeiras subversões do iugoslavo Makavejev. Este filme australiano deve ser encarado como um pequeno *divertissement* do diretor. Pode ser assim saboreado, caso se esqueça do histrionismo de Roberts e da falta de química de Greta Scacchi. Ele é um executivo de vendas da Coca-Cola que vai à Austrália para descobrir por que o produto não consegue se vender por lá. Um filme que se enriquece com detalhes, como a ótima presença de um filhote de canguru.

SEDUTORES SEDUZIDOS

(Never on Tuesday, EUA, 1988) Direção: Adam Rifkin. Com Claudia Christian, Andrew Lauer, Peter Berg. Look.

Um filme cuja maior piada é a de contradizer as expectativas iniciais de seu roteiro: dois jovens vão de carro estrada afora até a Califórnia, a fim de conquistar todas as gatas da praia. Um *road movie* cheio de beldades? Errado. Logo eles trombam com um fusca e ficam o filme todo à beira da estrada. A motorista do fusca é um estouro. Ótimo? Não, ela é lésbica. Passam o filme todo sonhando e conversando, em situações de humor bem amarradas. Vez ou outra surge Nicolas Cage, Judd Nelson, Charlie Sheen ou Emilio Estevez para dar vida ao deserto.

MALÍCIA ATÔMICA

(Insignificance, Inglaterra, 1985) Direção: Nicolas Roeg. Com Michael Emil, Theresa Russell, Gary Bussey, Tony Curtis. Omni.

Memorável adaptação de peça teatral que, para muito além do exame da fama em solo americano, registra o estilo muito pessoal de Roeg em sua mais precisa expressão. Um encontro fictício entre figuras que remetem a Marilyn Monroe, Einstein, Joe di Maggio e McCarthy. Numa noite em um quarto de hotel, discute a individualidade e suas dores num mundo ameaçado pelo pavor atômico. Além do começo brilhante, luxuoso e sofisticado como todo filme, é antológica a explicação da Lei da Relatividade por Marilyn.

SOMOS TODOS CATÓLICOS

(Heaven Help Us / Catholic Boys, EUA, 1985) Direção: Michael Dinner. Com Donald Sutherland, John Heard, Andrew McCarthy, Mary Stuart Masterson, Kevin Dillon. VTI.

Estréia na direção de um músico. É uma deliciosa comédia evocativa de uma escola católica no Brooklyn dos anos 60. Boas piadas, fundamentadas, criam um espetáculo leve e saboroso, igualmente crítico, com ótima trilha de velhas canções. O visual é marcadamente nostálgico, e todo o elenco está bem, incluindo-se ainda Wallace Shawn, Kate Reid, Philip Bosco e os então novatos Patrick Dempsey (*Namorada de Aluguel*) e Stephen Geoffreys (*A Hora do Espanto*).

ALÉM DA TERAPIA

(Beyond Therapy, EUA, 1987) Direção: Robert Altman. Com Julie Hagerty, Jeff Goldblum, Glenda Jackson, Tom Conti. Transvídeo.

É claro que não estamos falando de um Altman dos bons tempos. Mas é incompreensível a completa má vontade (e péssimo humor) com que se viu mais esta adaptação de peça teatral, já realizada em semi-exílio na França, apesar de ambientada em Nova York. O texto de Christopher Durang não é exatamente muito criativo em relação à psicanálise e à sexualidade, mas a direção feérica e histérica empresta ao filme um senso de ridículo que o torna hilário. Hagerty e Jackson estão perfeitas. Ótimo uso de *Someone to Watch Over Me*.

QUARTOS SEPARADOS

(Notre Histoire, França, 1984) Direção: Bertrand Blier. Com Alain Delon, Nathalie Baye, Michel Galubru. Vídeo Cassete do Brasil.

Blier caracteriza-se por comédias bufas irreverentes por vezes geniais, como *Corações Loucos*, por vezes com um bom ponto de partida, como *Meu Marido de Batom*. Seus diálogos são sempre afiados, e essa qualidade chega às raias do absurdo nesta imprevisível e simples história de amor que nasce num trem e tem desdobramentos inacreditáveis. Delon, na figura de um *patso* romântico, mereceu o César de ator por uma interpretação memorável. Uma sátira ao romantismo que apresenta um final inesperadamente redutivo.

CONFORTO E PRAZER

(Confort and Joy, Inglaterra/Escócia, 1984) Direção: Bill Forsyth. Com Bill Paterson, Roberto Bernardi, Eleanor Davis. VTI.

Forsyth, roteirista-diretor, costuma criar pequenas comédias cuja singeleza (quase poética) se combina com tramas um tanto absurdas. A intenção não é a sátira, apenas a estranheza. Ambientada numa Escócia raramente vista com sol a pino, como a captada pelas câmeras de Chris Menges, acompanha a vida de um radialista famoso, porém homem medíocre, que, depois de perder a namorada, acaba em meio à luta de duas famílias italianas pelo monopólio do sorvete! Música de Mark Knopfler.

MUSICAL

ABSOLUTE BEGINNERS

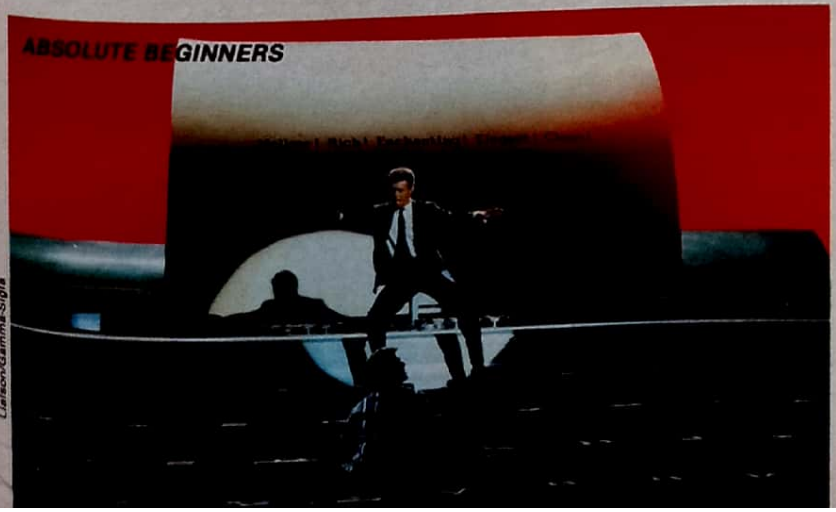
(Inglaterra, 1986) Direção: Julien Temple. Com Eddie O'Connell, Patsy Kensit, David Bowie, James Fox. Look.

Passados três anos de seu impacto negativo ante à expectativa criada, o filme-clip por excelência revela-se uma experiência no mínimo válida, que só fraqueja ante um ritmo impossível de se acompanhar, quando um excesso de referência superficializa todas as situações, da busca pelo sucesso aos confrontros raciais nos finais de 1950.

SUSPENSE

O MANÍACO DO OLHO BRANCO

(White of the Eye, Inglaterra, 1987) Direção: Donald Cammell. Com David Keith, Cathy Moriarty, Art Evans, Alan Rosenberg. América.



Liaison Gamma-Sigla

INÉDITOS NO CINEMA

Estranha e nervosa fantasia que convida o espectador a prestar atenção nas idas e vindas cronológicas e nas imagens desconstruídas, obtendo um resultado inesperado: não se sabe o que pode acontecer a seguir. Com fortes influências de imaginários anos 60, francamente experimental, gira em

CIDADE DE SANGUE

Tec Home

torno de mortes cometidas no Arizona por um provável psicopata. Não é tão simples como aparenta. Apesar de um final insatisfatório, há a excelente utilização de som e imagem selando um clima místico.

A ORDEM É MATAR
(Corrupt/Order of Death/Cop Killers, Itália, 1983)
Direção: Roberto Faenza. Com Harvey Keitel, John Lydon, Nicole Garcia, Sylvia Sidney. Zircon.
Thriller psicológico intrigante e criativo, mesmo que por vezes frio e inadequadamente lento. Lydon, ex-integrante do Sex Pistols, caracteriza à perfeição um provável e incompreensível candidato a assassino de policiais. Assediando Keitel, policial que leva uma vida dupla, acaba aprisionado por este, dando início a um rico jogo de gato e rato marcadamente sádico e autopunitivo. Ambientado em Nova York, é mais que um retrato da neurose urbana. É um retrato patológico.

CIDADE DE SANGUE
(City of Blood, África do Sul/Inglaterra, 1987)
Direção: Darrell Roodt. Com Joe Stewardson, Ian Yule, Suzan Coetzer. Tec Home.
Suspense que deve ser descoberto; é um filme criativo que vai, aos poucos, somando diversos elementos a uma, aparentemente simples, mesmo que violenta, onda de assassinatos de prostitutas brancas. Claramente ambientado na África do Sul, mistura racismo, política segregacionista, costumes milenares do vodu e crise existencial numa complexa teia, que se encaminha para uma quase-revolução nacional. A carga é de alta voltagem. Veja, do mesmo diretor, *Décimo de Segundo*.

MENTIRAS
(Lies, EUA, 1983)
Direção: Ken e Jim Wheat. Com Ann Dusenberry, Gail Strickland, Clu Gulager. Taipan.
Eficiente *thriller* de baixíssimo orçamento que leva a tensão a extremos. Atriz é convidada a personificar uma herdeira milionária perturbada emocionalmente. Lembra *Morte no Inverno*, de Arthur Penn, só que se revela bem superior. Fingindo ser louca pelo que julga uma boa causa, ela logo percebe ter se metido numa farsa, vindo a ser realmente internada num hospício, com tratamento pesado. A situação é angustiante, principalmente pela presença perfeita de Strickland como a vilã. Pontas de Bert Remsen e Dick Miller.

POLICIAL

PÓ BRANCO
(Tropical Snow, EUA, 1988)
Direção: Ciro Duran. Com Nick Corri, Madeleine Stowe, David Carradine. CIC.
Pequeno drama honesto o suficiente para ser doloroso e triste em seu realismo. Filmado em Bogotá, deixa claro que a única maneira certa (porém nada segura) de se instalar na terra dos sonhos, a América, é traficando cocaína. Em meio à miséria, um jovem casal decide enfrentar o medo e o perigo, engolindo dezenas de saquinhos em forma de uva. Ela é a revelação de *Tocaia*, com chance para algumas boas cenas eróticas. O clima de desespero se acentua até um final coerente.

ATENTADO NO ALABAMA
(Morgen in Alabama, Alemanha Ocidental, 1980)
Direção: Norbert Kückelmann. Com Maximilian Schell, Lena Stolze, Robert Aldini. Poletel.
Interessante policial conduzido na forma de investigação jurídica e quase documental sobre a suspeita de formação subterrânea de novos grupos neonazistas em solo germânico, o que é um fato. Longe do ritmo de suspense americano e da análise psicológica francesa, é um filme seco, detalhista e extenso. Aponta claramente para o ódio formado numa Alemanha caquética (então ainda dividida) em torno da invasão imigrante. Stolze é também atriz de *A Rosa Branca*, que mostra alemães que combatiam o nazismo.

RONDA MORTAL
(Mortelle Randonée, França, 1983)
Direção: Claude Miller. Com Isabelle Adjani, Michel Serrault, Stéphane Audran, Macha Méril. Mundial.
Miller é respeitado pela crítica como um artesão de *thrillers* psicológicos. Aqui, excelentemente rodeado por um elenco impecável, produção luxuosa e locações turísticas, ele coloca Serrault no encalço de uma viúva-negra, Adjani, mulher fria (frígida?) que se casa com homens ricos, mata-os e vai gradualmente enriquecendo. Certa semelhança com sua filha faz com que Serrault sempre queira chegar atrasado ou mesmo até protegê-la. Assistir aos dois atores é um prazer multiplicado.

TERROR

OLHOS DE FOGO
(Eyes of Fire, EUA, 1984)
Direção: Avery Crouse. Com Dennis Lipscomb, Guy Boyd, Rebecca Stanley. Jaguar.
Uma opção alternativa para os fãs do terror, numa história de detalhes inusitados. Um grupo, sob o comando de um líder religioso, em 1750, foge de uma vila sob acusação de feitiçaria. Perde-se num vale misterioso, onde os índios se recusam a entrar. Uma garota ruiva, provavelmente uma bruxa, sente o Mal ao redor na forma de espíritos da natureza. O que poderia descambar para o ridículo revela-se assustador, por uma direção mais preocupada com a climatização para o medo do que para o susto.

DRAMA

O SUCESSO É A MELHOR VINGANÇA
(Success Is the Best Revenge, Inglaterra, 1984)
Direção: Jerzy Skolimowski. Com Michael York, Michael Piccoli, Anouk Aimée, John Hurt. Omni.
O diretor polonês exilado e duplamente premiado em Cannes realiza aqui talvez o seu trabalho mais pessoal, resultando num filme estranho, híbrido, inconstante. York é um famoso diretor teatral polonês que decide realizar uma grande peça popular sobre o exílio num estádio londrino. Skolimowski lançou aqui seu filho, Michael Lyndon, como ator, participando também do roteiro e encarnando o filho rebelde de York.

AMANTES
(Love Streams, EUA, 1984)
Direção: John Cassavetes. Com John Cassavetes, Gena Rowlands, Diahnne Abbott, Seymour Cassel. América.

O SUCESSO É A MELHOR VINGANÇA

Omni

Warner

ORDEM É MATAR

Único filme dirigido por Cassavetes à disposição e que levou o prêmio máximo no Festival de Berlim. Cassavetes sempre foi um individualista intimista em meio ao frenesi hollywoodiano. Um estilo e uma preferência notadamente europeus. Apesar de excessivamente longo, este filme pode ser considerado a súmula de seus temas. Solidão e incomunicabilidade permeiam a vida de dois irmãos de meia-idade (ele e Rowlands, casados até a morte do diretor) nova-iorquinos, bem no nível material, mas vazios existencialmente.

O ABUTRE

(Dogkeselyv / Le Vautour, Hungria, 1982)
Direção: Ferenc Andras. Com Gyorgy Cserhalmi, Hédi Temessi, Maria Gladkowska. Globo Vídeo.
Dublado em francês, o que não deixa de ser sintomático, já que o filme em muito lembra um policial francês, sempre bastante carregado de psicologismos. É uma trama extremamente bem urdida. Um motorista de táxi, engenheiro frustrado, é roubado por duas velhinhas, que se revelam, posteriormente, exímias criminosas internacionais. O plano de vingança é rebuscado e se reveste de um caráter terminal. Não fossem certas referências políticas, o filme, de ritmo ágil, poderia ter qualquer nacionalidade.

INSIDE OUT

(EUA, 1986)
Direção: Robert Taicher. Com Elliott Gould, Howard Hesseman, Dana Elcar, Jennifer Tilly. Transvídeo.
Um excelente ponto de partida, uma idéia consistente para a elaboração de um filme triste por essência. Gould sofre de agorafobia (pânico de multidões) e há anos não sai de seu apartamento, de onde controla toda a sua vida, inclusive a empresa herdada do pai, que é administrada pelo sócio. Este, porém, parece estar passando a mão nos lucros, o que forçaria Gould a sair de sua redoma. O cúmulo da solidão é vê-lo conversando com um mendigo pelo sistema de vídeo do prédio. Bem desenvolvido, não sabe terminar.

O PODER DOS SENTIMENTOS

(Die Macht der Gefühle, Alemanha Ocidental, 1983)
Direção: Alexander Kluge. Com Alexandra Kluge, Hannelore Hoger, Paulus Manker. Globo Vídeo.
Lançamento imprescindível para quem quer tomar contato com um dos diretores mais importantes do cinema alemão de hoje. Ele realiza filmes construídos através da utilização de várias mídias. Aqui, contando pequenas narrativas isoladas e sem conexão, ele analisa a influência das reações humanas ante o mental e o instintivo. Para isso, utiliza-se de imagens estáticas, óperas filmadas, noticiários ou encenações. Os seus mosaicos, pela diversidade, alcançam sempre um significado maior.

PEQUENAS CHAMAS

(Piccoli Fuochi, Itália, 1984)
Direção: Peter Del Monte. Com Valeria Golino, Dino Jaksic, Carlotta Wittig. F.J. Lucas.
Fantasia sobre a perversidade infantil, com o habitual tom de mistério irreal que caracteriza Del Monte (*Julia e Julia*). Jaksic é um garoto que leva a extremos os fantasmas do armário: tem como amigos um dragão, um robô e um rei anão, com quem mantém estranhas relações de possessividade. Quando conhece sua nova, jovem e bela babá (Valeria Golino, a atriz de *Rain Man*), esta relação se desloca, acentuada por grande sensualidade. Enquanto o garoto exercita todo o seu egocentrismo, os amigos se rebelam. Curioso.

WEEDS — POR TRÁS DE UMA PORTA FECHADA

(Weeds, EUA, 1987)
Direção: John Hancock. Com Nick Nolte, Joe Mantegna, Rita Taggart, William Forsythe. VTI.
Os ingleses têm um adjetivo perfeito para o filme: *odd*, algo mais que bizarro. Um misto de drama e comédia, é uma história bem particular desenvolvida inteligentemente. Nolte interpreta um prisioneiro em San Quentin que foge da depressão ao escrever uma peça, *Weeds* (ervas daninhas), encenando-a na prisão. A fama nacional faz com que saia da pena perpétua e encene o texto até na Broadway. Não é um caso de sucesso sentimentalóide. Anne Ramsey interpreta a sua mãe.

O DECLÍNIO DOS ANOS DOURADOS

(The Shooting Party, Inglaterra, 1984)
Direção: Alan Bridges. Com James Mason, Edward Fox, John Gielgud, Cheryl Campbell. Jaguar.
Quando se pretende mostrar um império ou uma nação em decadência, não são muitas as alternativas. Esta limitação formal não impede o filme de Bridges de seduzir pela poesia criada com a sutileza na construção dos personagens e de suas falas. É 1913, e o eduardiano Mason convida parentes e amigos para um fim de semana de caça. As intrigas e agressões evidenciam o desmoronar de uma sociedade, às vésperas da Primeira Guerra. Veja também do mesmo diretor *O Retorno do Soldado*.

CAL

(Inglaterra, 1984)
Direção: Pat O'Connor. Com Helen Mirren, John Lynch, Donal McCann, Ray McAnally. Jaguar.
Pequeno drama seco, tenso e sombrio, que permanece no limbo entre suas linhas românticas e políticas. Norte da Irlanda: Lynch, que é ligado ao IRA e foi responsável pelo assassinato do marido de Mirren, passa a se envolver sentimentalmente com ela, de início mantendo-se ideologicamente incógnito. A impossibilidade do amor torna-se asfixiante, ainda mais com a interpretação sutil de Mirren (prêmio em Cannes) e com a paisagem urbana incomodamente desfalecida e inquieta. Produção de David Puttnam.

LADY JANE

CIC

LADY JANE

(Inglaterra, 1985)
Direção: Trevor Nunn. Com Helena Bonham-Carter, Cary Elwes, Jane Lapotaire, John Wood. CIC.
Nunn é um conceituado diretor teatral. Aqui ele realiza um drama histórico perfeccionista e acadêmico, porém de beleza extrema e preciosista. Interessa principalmente por tratar de fato pouco conhecido entre brasileiros. Quando do conflito entre a Igreja católica e a recém-criada anglicana, fraudam-se decisões nobiliárquicas e coloca-se *lady* Jane

INÉDITOS NO CINEMA

Gaumont
A MORTE AO VIVO

Grey, de 15 anos, como a sucessora do jovem herdeiro de Henrique VIII. Ela governou por nove dias durante o século XVI e foi decapitada. Além da história, o filme enfatiza uma forte *love story*

O ANJO DA VINGANÇA

(Angel, Inglaterra, 1983)
Direção: Neil Jordan. Com Stephen Rea, Ray McAnally, Donal McCann, Mary Kean. Taipan.
A estréia de Jordan já vem com o aval de John Boorsim, claramente contundente e difícil de ser visto. As cores escuras e sujas complementam o horror da lenta degradação física da vida no planeta. Há um pequeno prólogo que oferece uma teoria viável sobre quais os motivos que poderiam ter provocado o desastre. Ambientado numa pequena cidade de trabalhadores, é apenas um pouco longo demais e termina de forma otimista, o que soa incongruente.

TROUBLE IN MIND

(EUA, 1985)
Direção: Alan Rudolph. Com Kris Kristofferson, Geneviéve Bujold, Keith Carradine, Lori Singer. Omni.
Sem a síntese perfeita de *Choose Me* (também inédito), Rudolph realiza outro melodrama interessantemente estilizado, ambientado num futuro próximo mas com forte climatização retrô. Sua eterna predileção por pessoas solitárias e perdidas mescla-se, aqui, com pinceladas de crime e morte. A presença do travesti Divine, no papel de *um* gângster, sugere um leve tom de farsa que desemboca num final francamente macarrônico. O intimismo gelado é marcado pela trilha de Mark Isham interpretada por Marianne Faithfull.

Mundial
HEY BABU RIBA

man como produtor. Desenvolvendo um acurado roteiro próprio, Jordan cria a estranha história de um saxofonista que passa a empunhar uma arma por vingança. Nem história modernosa nem justiça com as próprias mãos. É um filme triste, desesperançado, com vidas medíocres se desenvolvendo numa Irlanda cinzenta, o que é muito acentuado pela fotografia de Chris Menges. A tristeza e a devastação urbana refletem-se na realidade desta vingança patética.

CATÁSTROFE NUCLEAR

(Threads, Inglaterra, 1984)
Direção: Mick Jackson. Com Karen Meagher, Reece Dinsdale, Rita May. DIF.
Talvez o único filme verdadeiramente realista a respeito dos efeitos de uma hecatombe nuclear. Torna-se, assim, claramente contundente e difícil de ser visto. As cores escuras e sujas complementam o horror da lenta degradação física da vida no planeta. Há um pequeno prólogo que oferece uma teoria viável sobre quais os motivos que poderiam ter provocado o desastre. Ambientado numa pequena cidade de trabalhadores, é apenas um pouco longo demais e termina de forma otimista, o que soa incongruente.

HEY BABU RIBA — COMO NOS VELHOS TEMPOS

(Bal No Uodi, Iugoslávia, 1986)
Direção: Jovan Acin. Com Gala Videnovic, Relja Basic, Marke Todorovic. Mundial.
Curioso drama agridoce que traz semelhanças tanto com *O Reencontro*, de Kasdan, quanto com *Amigos para Sempre*, de Arthur Penn. Num extenso *flashback*, reconstrói-se a forte amizade que uniu quatro jovens remadores a uma mesma garota. Em plenos anos 50, com inquietação política latente, ressalta-se uma nítida influência da cultura americana, pelo rock ou cinema. Simpático e revelador. Veja também *Espionagem em Belgrado*, com doses mais sérias de política e um erotismo surpreendentemente ousado.

FICÇÃO

A MORTE AO VIVO

(La Mort en Direct, França, 1980)
Direção: Bertrand Tavernier. Com Romy Schneider, Harvey Keitel, Max von Sydow, Harry Dean Stanton. Mundial.
Uma ficção científica séria e amarga, que insiste no estigma vivencial de Romy em seus últimos filmes europeus. No futuro, a doença torna-se algo raro. Quando se descobre que Romy está para morrer, Stanton, dono de uma rede televisiva, incute uma câmera no cérebro de Keitel para que este filme a sua deterioração. Esta crítica ao abuso midiático se dá em clima torturante e reflexivo. Veja também *Um Olhar para a Vida*, seu filme imediatamente posterior, um drama existencial com Nathalie Baye.

MORTE NOS SONHOS

(Dreamscape, EUA, 1984)
Direção: Josepn Ruben Com Dennis Quaid, Max von Sydow, Christopher Plummer, Kate Capshaw. VTI.
A diversão por excelência. Uma fantasia de certo modo B que é conduzida com uma leveza convidativa, preocupada tanto com o ritmo quanto com a qualidade dos efeitos especiais. Através de experiências que utilizam paranormais para entrarem nos sonhos de pessoas perturbadas (para ajudá-las), Ruben encena delírios oníricos de maneira muito mais eficiente que Wes Craven (*A Hora do Pesadelo*). Mas além do tom bem-humorado do filme, há um plano político radical que oferece suspense, mas não chega a ser bem trabalhado. O que em nada impede o prazer.

REPO MAN — A ONDA PUNK

(Repo Man, EUA, 1984)
Direção: Alex Cox. Com Emilio Estevez, Harry Dean Stanton, Tracey Walter, Sy Richardson. CIC.
O primeiro filme de Cox pela Universal nos entrega uma Los Angeles sistematicamente terminal, no apogeu do junk americano. Bastante influenciado pela cultura que mitifica o carro em níveis quase religiosos, o roteiro do próprio diretor (irreverente) fusiona punks com CIA, OVNIs, sexo, fanatismo religioso, regras amorais, sem nunca crer em nada e sempre brincando saborosamente com tudo. "Quanto mais se dirige, menos se é inteligente." Nesta única verdade do filme, o símbolo político de uma fantasia moderna.

AVENTURA

A FORÇA DA INOCÊNCIA

(That Was Then, This Is Now, EUA, 1985)
Direção: Christopher Cain. Com Emilio Estevez, Craig Sheffer, Barbara Babcock, Jill Schoelen. Look.
É a quarta adaptação de romance de S. E. Hinton (*Rumble Fish*), realizada pelo próprio Estevez. O diretor Cain é cultuado na Inglaterra. Mais um filme sobre a delinqüência juvenil, aqui na figura do filho de Martin Sheen, que é um *freak* alienado da sociedade e que "quebra" definitivamente quando seu irmão adotivo e melhor amigo arranja uma namorada. Estevez se entrega às drogas e é preso. Irregular, prevendo, porém, alguns momentos vibrantes.

Seleção e resenhas de Christian Petermann
Fitas cedidas pela Over Video e Omni Video

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson P. Gomes (executivo), Alex Antunes, Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Auxiliar de Prod. Editorial: Marcelo de Castro
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Atendimento ao Leitor: Lilian Araújo
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres), Adilson Nunes (Paris) e Celso Fioravante (Milão)
Colaboradores
Críticos: Amir Labaki, Antonio Querino Neto, Edmar Pereira, Inimá Simões, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo
Texto: Alessandro Giannini, Celso Pucci, Daniel Benevides, David França Mendes, David Raticov, Fátima Gigliotti, Jairo Tadeu Longhi, Konrado Reis Netto, Márcia Regina de Godoy, Marcos Smirkoff, Mario Cesar Carvalho, Marli Belloni, Paulo Cabral, Ricardo Cota, Roberto Catanni, Wagner Almeida Silva
Arte: Fernando Morra, Marcelo Paton Viola
Fotografia: Carlos Mancini, Mauro Hollanda, Rui Mendes
Ilustração: José Carlos dos Santos, Luiz Gustavo
Revisão e Preparação de Textos: Marcos D. Agathão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Oswaldo Maffei Jr.
Gerente - SP: Donato A. Ponzio Jr.
Contatos: Iracema Gil, Ricardo Mateoli, Rosângela Cassílio, Maria do Carmo Barbosa.
Diretor - RJ: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Paulo Mesquita, Eduardo Barros
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: Print Sul (0512) 23-9528, (0482) 33-7622
Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCz$ 1.320,00, à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 28 de fevereiro a 31 de março. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Só Dá Batman!

A edição nº 9 (ano 3) de SET foi uma das que mais gostei e aproveito para parabenizar pela matéria sobre o filme *Batman*.
Nelson Henrique A. Curi
(Maringá/PR)

Excelente a matéria sobre *Batman* (n.º 9, ano 3), que por sinal é um ótimo filme.
Tatiana R. da Luz
(Rio de Janeiro/RJ)

Li três vezes a matéria de SET sobre *Batman*, e dentre todas as publicadas foi a que mais gostei. Parabéns! Vocês foram ao fundo do filme, do personagem e dos quadrinhos no cinema.
Ailton Carneiro Rios
(São Paulo/SP)

Não Dá para Entender

Gosto da revista SET, porém é hora de ela dar mais espaço para o cinema brasileiro.
Carlos André Motta
(Grajaú/RJ)

Parabenizamos SET, que vem melhorando a cada mês e surpreendendo os leitores pelas ótimas matérias. Temos notado que algumas pessoas reclamam do pouco espaço dado ao cinema brasileiro, como Jorge S. Morgira (de Salvador), que protesta contra a política de capas, principalmente porque não foi dado *Kuarup*, de Ruy Guerra, na capa. Nós, que formamos um fã-clube de cinema, pedimos para que SET não dê ouvidos a uma minoria, pois o estilo da revista é ótimo.
Andreza T. de Barros (presidente) e mais 45 assinaturas
(Jaboticabal/SP)

SET e suas Seções

Gosto muito da seção *Filmografias*, porque através dela podemos conhecer todos os filmes de nossos ídolos.
Alain Costa Baptistelli
(São Paulo/SP)

Me emociono muito com as fichas de cine e vídeo. Obrigado pelo ótimo trabalho.
Ronaldo Silva dos Santos
(Carmo do Paranaíba/MG)

Acho muito interessante a abordagem das resenhas, reportagens e dos ensaios, sempre com muito bom humor e criatividade. Parabenizo, em especial, os jornalistas Ana Maria Bahiana e José Emílio Rondeau pelo trabalho fantástico como correspondentes internacionais. Gostaria, por outro lado, que a revista desse enfoque aos cinemas francês e alemão, assim como às suas estrelas e diretores.
Marúcia Bordagi
(Porto Alegre/RS)

Broncas e Mais Broncas

Sou fã de cinema e coleciono a revista SET, mas acho que ela deixa a desejar em alguns pontos. Primeiro: a seção *Filmoteca* deveria trazer apenas títulos com quatro ou cinco estrelas que de uma forma ou de outra revolucionaram o cinema. Nesse sentido, pergunto: em que aspecto *Procura-se Susan Desesperadamente* marcou a história do cinema? Segundo: 1939 foi o melhor ano do cinema americano, e SET não comemorou os 50 anos da época de ouro de Hollywood. Terceiro: por que SET dá as notícias dos festivais com tanto atraso? E, por fim, por que SET não amplia o espaço de *Tempos Modernos*? É uma seção muito boa. Essas são algumas das críticas que faço a SET.
Arnôu Gois dos Santos
(Itabaiana/SE)

A revista n.º 10 (ano 3) comentou os videolançamentos com frieza e pieguice. Parece que os críticos não viram cada fita por completo, faltando comentários e atribuindo a certos filmes cotações injustas, o que nos deixa até em dúvida se devemos ou não ver tal filme. Por outro lado, cinco estrelas para a reportagem sobre o filme *Dead Poets Society*; está sublime.
Francismar Botelho Santos
(Conceição do Araguaia/PA)

Gostei muito da entrevista com Steve Martin e da matéria sobre o filme *Dead Poets Society* (n.º 10, ano 3), de Eugênio Bucci, apesar de discordar do que escreveu sobre *Nas Montanhas dos Gorilas* (n.º 11, ano 3). Ao contrário, acho que Sigourney Weaver está ótima e, particularmente, não daria apenas duas estrelas, e sim quatro. Respeito a opinião de Eugênio Bucci, mas acho que ele foi rigoroso demais.
Milena Larissa de Azevedo
(Natal/RN)

O Mapa da Mina

Achei espetacular a "Seleção de Vídeo — Tesouro Escondido 2" (n.º 11, ano 3), pois nos alerta para filmes excepcionais esquecidos nas locadoras.
Jorge Luiz Alves
(Salvador/BA)

Michael Douglas

Tenho uma admiração muito grande pelo ator Michael Douglas e fiquei profundamente encantada com a edição de novembro de SET. Parabenizo a capacidade que a revista tem de saber do que os fãs realmente gostam.
Ângela Maria Bitencourt
(São Paulo/SP)

CARTAS

Correio entre os Leitores

Procuro pessoas que tenham gravado episódios das séries *Águia de Fogo, Faro Fino, Profissão: Perigo, Columbo, Speed Racer, Fantomas* e dos filmes *O Dia do Chacal, Assassinato por Morte, Butch Cassidy* e *Fugindo do Inferno*. Endereço: rua Antônio Melato, 607, Jundiaí — SP (CEP 13200).
Carlos César de Souza

Gostaria de me corresponder com amantes de maquiagem e efeitos especiais de filmes de terror e ficção. Endereço: QNM 4, conj. K, casa 25, Ceilândia Norte, Brasília — DF (CEP 72210).
Alessandro J. Rodrigues

Tenho material nacional e importado sobre vários atores e desejo trocar por outros de meu interesse. Endereço: rua A, 64, Campos — RJ (CEP 28015).
Carlos Antônio Dias Alves

Compro todas as fichas de cine e vídeo publicadas em SET. Endereço: rua Prof. Severino Bezerra, 1022, Natal — RN (CEP 59000).
Raul Vidal Lemos Filho

Compro qualquer livro ou conto dos escritores Poe, H. P. Lovecraft e Stephen King como também posters originais de filmes baseados em suas histórias. Endereço: rua Cascalho Rico, 475, apto. 2, Divinópolis — MG (CEP 35500).
Rodolfo Luiz Euplauzino

Vendo trilhas sonoras dos seguintes filmes: *Rocky IV, Top Gun, Over the Top* e *La Bamba*. Endereço: rua Cavour, 976, São Paulo — SP (CEP 03135)
Antônio Carlos Bueno

Vendo fotos coloridas dos filmes *Os Garotos Perdidos, Batman, Máquina Mortífera 2, Conta Comigo, Top Gun* e *Procura-se Susan Desesperadamente* e dos atores Rob Lowe, Michelle Pfeiffer, Kim Basinger, Paulina Porizkova, Jodie Foster, Maryam D'Abo, Olivia Newton-John e Jane Fonda. Endereço: rua Bolívar, 79, apto. 502, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22061)
Marcos Antônio de Souza

Quero me corresponder com amantes de trilhas sonoras que residam no Rio para troca de gravações. Endereço: rua Bento Lisboa, 76, apto. 405, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22221)
Márcio de Andrade e Silva

Compro as fichas de cine e vídeo das revistas do primeiro e segundo ano de SET. Endereço: Caixa Postal 46, São José de Mipibu — RN (CEP 5916?)
Sebastião Avelino Dantas

Compro os cartazes dos filmes: *Ligações Perigosas, O Último Imperador, O Império do Sol* e *Viagem Insólita*. Endereço: rua Benício Filho, 58, Mossoró — RN (CEP 59600)
João Maria Machado

Vendo um poster médio de *Remo — Desarmado e Perigoso* e dois de tamanho normal de *Batman* e *Star Trek V*. Endereço: rua do Mamoeiro, 3-E, Salvador — BA (CEP 41920)
Moacy dos Santos

Compro ou troco tudo sobre as atrizes Jacqueline Bisset e Sigourney Weaver. Tenho vasto material de outros artistas para troca. Endereço: Caixa Postal 22125, São Paulo — SP (CEP 01499)
Jamie Lee

Compro qualquer tipo de material (inclusive cartazes e trilhas sonoras) dos filmes *Platoon, A Cor Púrpura, Rain Man, Cocktail, Ligações Perigosas, A Missão, O Império do Sol, Top Gun* e sobre os atores Harrison Ford, Tom Cruise e Michelle Pfeiffer. Endereço: rua Zeferino Reis, 330, casa 2, São Gonçalo — RJ (CEP 24400)
André Ricardo Rodrigues

Compro a edição especial de Guerra de SET em bom estado. Endereço: rua Arnaldo Valardi Portilho, 405, São Paulo — SP (CEP 03632)
Ana Flora Schlindwein

Compro posters, fotos e reportagens sobre Mel Gibson e os filmes *Máquina Mortífera 1* e *2*. Endereço: rua Afonso Celso, 129, apto. 101, Caruaru — PE (CEP 55100)
Shirley Cecília de Barros

Troco ou vendo fotos dos maiores astros de Hollywood das décadas de 30, 40 e 50. Endereço: Caixa Postal 462, São Paulo — SP (CEP 01051)
Miro Roberto

Sou fã de Kim Basinger e Olivia Newton-John e compro ou troco qualquer material referente a elas. Para troca, possuo vasto material dos mais diversos filmes e artistas. Endereço: rua Camatiá, 82, São Paulo — SP (CEP 05045)
André Luís da Fonseca

Compro trilha sonora original do filme *Sexta-Feira 13 — parte V — Um Novo Começo* e também qualquer material sobre os filmes da série *007*, de preferência os com Sean Connery. Endereço: rodovia Artur Bernardes, 446, km 15, Belém — PA (CEP 66800)
Márcio Luís dos Anjos

Vendo coleção completa de SET em ótimo estado, do número 1 ao 25, incluindo as fichas de cine e vídeo, e a edição especial Policial e Suspense ao preço da última edição em banca. Endereço: rua Ernesto Fontoura, 1106, apto. 202, Porto Alegre — RS (CEP 90230)
Leandro Albarella

Quero me corresponder com alguém que tenha discos ou fitas de qualquer filme do agente 007, especialmente de *007 Marcado para a Morte*. Endereço: rua Bela Vista, 1385, Dourados — MS (CEP 79800)
Aline Simões

Sou fã de Sylvester Stallone e de filmes de guerra e compro posters ou miniposters do ator. Endereço: rua Joana Maria Rocha, 56, Senhor do Bonfim — BA (CEP 48970)
Flávio Augusto Leahy

Compro ou troco material fotográfico e reportagens sobre a atriz Isabelle Adjani. Endereço: rua Fabrício Pilar, 800, Porto Alegre — RS (CEP 90420)
Creuza Nogueira Barreto

Quero me comunicar com alguém que tenha a trilha sonora do filme *Águia de Aço* e posters originais de *Top Gun* e *Águia de Aço I* e *II*. Endereço: rua Gal. Rondon, 1875, Toledo — PR (CEP 85900)
Nanci Takada

Desejo entrar em contato com leitores que curtam Judy Garland, Rita Hayworth, Fred Astaire e cinema em geral para trocar materiais. Endereço: rua Desembargador Francisco Luís, 167, Recife — PE (CEP 50711)
Oswaldo Ferreira

Compro qualquer material sobre as atrizes Brooke Shields, Kelly Le Brock, Kelly McGillis e Uma Thurman. Endereço: rua Abmael Nogueira, 213, Anagé — BA (CEP 45180)
Rosel Bonfim Soares

Fãs-clubes

Fã-clube Indiana Jones. Endereço: rua Campineiros, 173, São Paulo — SP (CEP 03176)
Ângelo Dourado França

Estamos montando um fã-clube dos atores Christopher Reeve, Sylvester Stallone, Arnold Schwarzennegger e Ralph Maschio e contamos com a ajuda de quem possui material sobre eles. Endereço: rua Pedro da Costa Agra, 42, Campina Grande — PB (CEP 58100)
Marcelino da S. Costa

Convidamos as pessoas a participarem do fã-clube do Batman. Endereço: Caixa Postal 07, Crateús — CE (CEP 63700)

Somos um grupo de cinéfilos e de videomaníacos e fundamos a Cinemateca. Publicamos um jornal informativo, que enviamos aos sócios, e fazemos sorteios de camisetas e revistas. Endereço: rua Luís Beltrão, 1290, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21321)

Errata

O leitor Dário Soriano Rocha, de Maceió, nos aponta o título em português do filme estrelado por Anita Ekberg *Suor Omicidio*, publicado na *Filmografia* de SET n.° 10, ano 3, que é *Crimes Sexuais de uma Freira*, do diretor Giulio Berruti.

Cartas para Diretor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

NÃO PERCA O SEU RUMO
VÁ DIRETO À:

Atendimento Vip
Entrega para todo Brasil via Sedex
Grande variedade de títulos
Condições especiais de pagamento

- ABRIL VÍDEO
- ALVORADA
- AMÉRICA
- CIC
- COLUMBIA
- HERBERT RICHERS
- GLOBO VÍDEO
- MGM
- TEC HOME
- WARNER HOME VÍDEO

E MUITAS OUTRAS

Av. Conselheiro Carrão, 2094 - São Paulo - Tel.: (011) 217-4989
Filial na Baixada Santista - R. Frei Gaspar, 739 - Conj. 109 - CEP 11.310 - Fone: (0132) 68-1443
São Vicente - SP

FILMOGRAFIAS

GARY COOPER

Nascido Frank James Cooper, em 7 de maio de 1901, em Helena, Montana, EUA. Morreu em 13 de maio de 1961.

1925: A HORDA MALDITA *(The Thundering Herd,* de William K. Howard); A FERRADURA DA SORTE *(The Lucky Horseshoe,* de John G. Bystone); WILD HORSE MESA (de George B. Seitz); O ÁGUIA *(The Eagle,* de Clarence Brown); TRICKS (de Bruce Mitchell) ■ 1926: THREE PALS (de Wilbur McGaugh); A COLINA ENCANTADA *(The Enchanted Hill,* de Irvin Willat); O OCASO DE UMA RAÇA *(The Vanishing American,* de George B. Seitz); LIGHTNIN' WINS (curta-metragem de Hans Tiesler); POVERTY ROW (de Hans Tiesler); WATCH YOUR WIFE (de Sven Gade); FLOR DO DESERTO *(The Winning of Barbara Worth,* de Henry King) ■ 1927: UM CERTO QUÊ *(It,* de Clarence G. Badger); FILHOS DO DIVÓRCIO *(Children of Divorce,* de Frank Lloyd); A CAMINHO DO ARIZONA *(Arizona Bound,* de John Waters); ASAS *(Wings,* de William A. Wellman); O ÚLTIMO BANDIDO *(The Last Outlaw,* de Arthur Rosson); NEVADA (de John Waters) ■ 1928: BEAU SABREUR (de John Waters); ESCRAVA POR AMOR *(Doomsday,* de Rowland V. Lee); A LEGIÃO DOS CONDENADOS (The Legion of the Condemned, de William A. Wellman); HALF A BRIDE (de Gregory La Cava); O PRIMEIRO BEIJO *(The First Kiss,* de Rowland V. Lee); O AMOR NUNCA MORRE *(Lilac Time,* de George Fitzmaurice); O ANJO PECADOR *(The Shopworn Angel,* de Richard Wallace) ■ 1929: O CANTO DO LOBO *(Wolf Song,* de Victor Fleming); PERFÍDIA *(Betrayal,* de Lewis Milestone); AGORA OU NUNCA *(The Virginian,* de Victor Fleming) ■ 1930: SEVEN DAYS LEAVE/MEDALS (de Richard Wallace); ONLY THE BRAVE (de Frank Tutle); PARAMOUNT EM GRANDE GALA (episódio "Dream Girl", de Edmund Goulding); O ADORADO IMPOSTOR *(The Texan,* de John Cromwell); O HOMEM DO WYOMING *(A Man from Wyoming,* de Rowland V. Lee); INFERNO DOURADO *(The Spoilers,* de Edwin Carewe); MARROCOS *(Morocco,* de Joseph von Sternberg) ■ 1931: OS CIVILIZADORES *(Fighting Caravans,* de Otto Brower e David Burton); RUAS DA CIDADE *(City Streets,* de Rouben Mamoulian); A MULHER QUE DEUS ME DEU *(I Take This Woman,* de Marion Gering); SUA ESPOSA PERANTE DEUS *(His Woman,* de Edward Sloman) ■ 1932: MAKE ME A STAR (de William Beaudino); ENTRE DUAS ÁGUAS *(The Devil and the Deep,* de Marion Gering); SE EU TIVESSE UM MILHÃO ("If I Had a Million", episódio *The Three Marines,* de Norman Z. McLeod); ADEUS ÀS ARMAS *(A Farewell to Arms,* de Frank Borzage); A VOZ DE HOLLYWOOD (curta-metragem, *Voice of Hollywood);* AS JÓIAS ROUBADAS *(The Stolen Jools,* de William McGann) ■ 1933: VIVAMOS HOJE *(Today We Live,* de Howard Hawks); MULHER REFERIDA *(One Sunday Afternoon,* de Stephen Roberts); ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS *(Alice in Wonderland,* de Norman Z. McLeod); SÓCIOS NO AMOR *(Design for Living,* de Ernst Lubitsch) ■ 1934: A ESPIÃ 13 *(Operator 13,* de Richard Boleslawski); AGORA E SEMPRE *(Now and Forever,* de Henry Hathaway) ■ 1935: A NOITE NUPCIAL *(The Wedding Night,* de King Vidor); A NOITE DAS ESTRELAS NO COCOANUT GROVE *(Star Night at the Cocoanut Grove,* curta-metragem de Louis Lewyn); LANCEIROS DA ÍNDIA *(The Lives of a Bengal Lancer,* de Henry Hathaway); AMOR SEM FIM *(Peter Ibbetson,* de Henry Hathaway) ■ 1936: DESEJO *(Desire,* de Frank Borzage); A FESTA DE SANTA BÁRBARA *(La Fiesta de Santa Bárbara,* curta-metragem de Louis Lewyn); O GALANTE MR. DEEDS *(Mr. Deed Goes to Town,* de Frank Capra); BOULEVARD EM HOLLYWOOD *(Hollywood Boulevar,* de Robert Florey); O GENERAL MORREU AO AMANHECER *(The General Died at Dawn,* de Lewis Milestone); JORNADAS HERÓICAS *(The Plainsman,* de Cecil B. De Mille) ■ 1937: ALMAS AO MAR *(Souls at Sea,* de Henry Hathaway) ■ 1938: AS AVENTURAS DE MARCO POLO *(The Adventures of Marco Polo,* de Archie Mayo); A OITAVA ESPOSA DE BARBA AZUL *(Bluebeard's Eighth Wife,* de Ernst Lubitsch); O COWBOY E A GRÃ-FINA *(The Cowboy and the Lady,* de H.C. Potter) ■ 1939: BEAU GESTE (de William A. Wellman); A LEGIÃO SUICIDA *(The Real Glory,* de Henry Hathaway) ■ 1940: O GALANTE AVENTUREIRO *(The Westerner,* de William Wyler); LEGIÃO DE HERÓIS *(North West Mounted Police,* de Cecil B. De Mille) ■ 1941: ADORÁVEL VAGABUNDO *(Meet John Doe,* de Frank Capra); O SARGENTO YORK *(Sergeant York,* de Howard Hawks); BOLA DE FOGO *(Ball of Fire,* de Howard Hawks) ■ 1942: ÍDOLO, AMANTE E HERÓI *(The Pride of the Yankees,* de Sam Wood) ■ 1943: POR QUEM OS SINOS DOBRAM* *(For Whom the Bell Tolls,* de Sam Wood) ■ 1944: PELO VALE DAS SOMBRAS *(The Story of Dr. Wassell,* de Cecil B. De Mille); CASANOVA JÚNIOR *(Casanova-Brown,* de Sam Wood) ■ 1945: TUDO POR UMA MULHER *(Along Came Jones,* de Stuart Heisler); MULHER EXÓTICA *(Saratoga Trunk,* de Sam Wood) ■ 1946: O GRANDE SEGREDO *(Cloak and Dagger,* de Fritz Lang) ■ 1947: MIRAGEM DOURADA *(Variety Girl,* de George Marshall); OS INCONQUISTÁVEIS *(Unconquered,* de Cecil B. De Mille) ■ 1948: A FELICIDADE BATEU À PORTA *(Good Sam,* de Leo McGarey) ■ 1949: VONTADE INDÔMITA *(The Fountainhead,* de King Vidor); MADEMOISELLE FIFI *(It's a Great Feeling,* de David Butler); SNOW CARNIVAL (curta-metragem de Fred Iselin); HORIZONTE EM CHAMAS *(Task Force,* de Delmer Daves) ■ 1950: CINZAS AO VENTO *(Bright Leaf,* de Michael Curtis); VINGADOR IMPIEDOSO *(Dallas,* de Stuart Heisler); NO PALCO DA VIDA *(It's a Big Country,* episódio "Texas", de Clarence Brown) ■ 1951: AGORA ESTAMOS NA MARINHA *(You're in the Navy Now,* de Henry Hathaway); ESTRELAS EM DESFILE *(Starlift,* de Roy Del Ruth); TAMBORES DISTANTES *(Distant Drums,* de Raoul Walsh) ■ 1952: MATAR OU MORRER* *(High Noon,* de Fred Zinnemann); RENEGADO HERÓICO *(Springfield Rifle,* de André de Toth) ■ 1953: RETORNO AO PARAÍSO *(Return to Paradise,* de Mark Robson); SANGUE DA TERRA *(Blowing Wild,* de Hugo Fregonese) ■ 1954: JARDIM DO PECADO *(Garden of Evil,* de Henry Hathaway); VERA CRUZ* (de Robert Aldrich) ■ 1955: SEU ÚLTIMO COMANDO *(The Court Martial of Billy Mitchell,* de Otto Preminger); HOLLYWOOD MOTHERS (curta-metragem de Ralph Staub) ■ 1956: SUBLIME TENTAÇÃO *(Friendly Persuasion,* de William Wyler) ■ 1957: AMOR NA TARDE *(Love in the Afternoon,* de Billy Wilder) ■ 1958: A CASA DAS AMARGURAS *(Ten North Frederick,* de Philip Dune); O HOMEM DO OESTE *(Man of the West,* de Anthony Mann); A ÁRVORE DOS ENFORCADOS *(The Hanging Tree,* de Delmer Daves) ■ 1959: VALENTÃO E APELIDO *(Alias Jesse James,* de Norman Z. McLeod); HERÓIS DE BARRO *(They Came to Cordura,* de Robert Rossen); O NAVIO CONDENADO *(The Wreck of the Mary Deare,* de Michael Anderson) ■ 1961: A TORTURA DA SUSPEITA *(The Naked Edge,* de Michael Anderson).

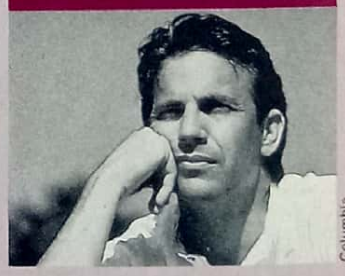
PEDRO ALMODÓVAR

Nascido em 1949, em Calzada de Calatrava, Espanha.

Super-8 — 1974: DOS PUTAS OU HISTORIA DE AMOR QUE TERMINA EN BODA; FILM POLÍTICO ■ 1975: LA CAÍDA DE SODOMA; HOMENAJE; EL SUEÑO OU LA ESTRELLA; BLANCOR ■ 1976: TRAILER OF WHO'S AFRAID OF VIRGINIA WOLF; SEA CARITATIVO ■ 1977: LA TRES VENTAJAS DE PONTE; SEXO VA, SEXO VIENE ■ 1978: FOLLE... FOLLE... FÓLLEME... TIM ■ **16 mm** — SALOMÉ ■ **Longas-metragens** — 1979-80: PEPI, LUCI, BOM Y OTRAS CHICAS DEL MONTÓN ■ 1982: LABERINTO DE PASIONES ■ 1983: ENTRE TINIEBLAS ■ 1984: QUÉ HE HECHO YO PARA MERECER ESTO? ■ 1985: TRAILER PARA AMANTES DE LO PROHIBIDO (feito para a TV espanhola) ■ 1986: MATADOR*; LA LEY DEL DESEO ■ 1987: MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS* (*Mujeres al Borde de un Ataque de Nervios*) ■ 1989: ÁTAME.

KEVIN COSTNER

Nascido em 18 de janeiro de 1955, em Los Angeles, Estados Unidos.



Columbia

1981: SHADOWS RUN BLACK; SIZZLE BEACH, USA ■ 1982: NIGHT SHIFT (de Ron Howard) ■ 1983: THE BIG CHILL (de Lawrence Kasdan); STACY'S KNIGHTS (de Jim Wilson); TABLE FOR FIVE (de Robert Lieberman); TESTAMENT (de Lynne Litman) ■ 1985: FANDANGO (de Kevin Reynolds); AMERICAN FLYERS (de John Badham); SILVERADO* (de Lawrence Kasdan); GUNRUNNER (de Nardo Castillo) ■ 1987: OS INTOCÁVEIS* (*The Untouchables,* de Brian De Palma); SEM SAÍDA* (*No Way Out,* de Roger Donaldson) ■ 1988: SORTE NO AMOR (*Bull Durham,* de Ron Shelton) ■ 1989: O CAMPO DOS SONHOS (*Field of Dreams,* de Phil Alden Robinson); REVENGE (de Tony Scott, também produtor executivo); DANCES WITH WOLVES (também diretor).

* Disponível em vídeo

Dr. VÍDEO

A Saúde do seu Vídeo e Câmera

CENTRAL DE ATENDIMENTO
De segunda à Sábado tel.: (011) 581-4633

- PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS
- INFORMATIZAÇÃO
- CENTRAL DE ATENDIMENTO
- EQUIPE VOLANTE
- SEGURO DE EQUIPAMENTOS

Com nossa equipe de profissionais aliada a um sistema inteligente e rápido de retirada e entrega de equipamentos, damos a você a garantia do bom atendimento que procura, com garantia de um ano. Consulte-nos

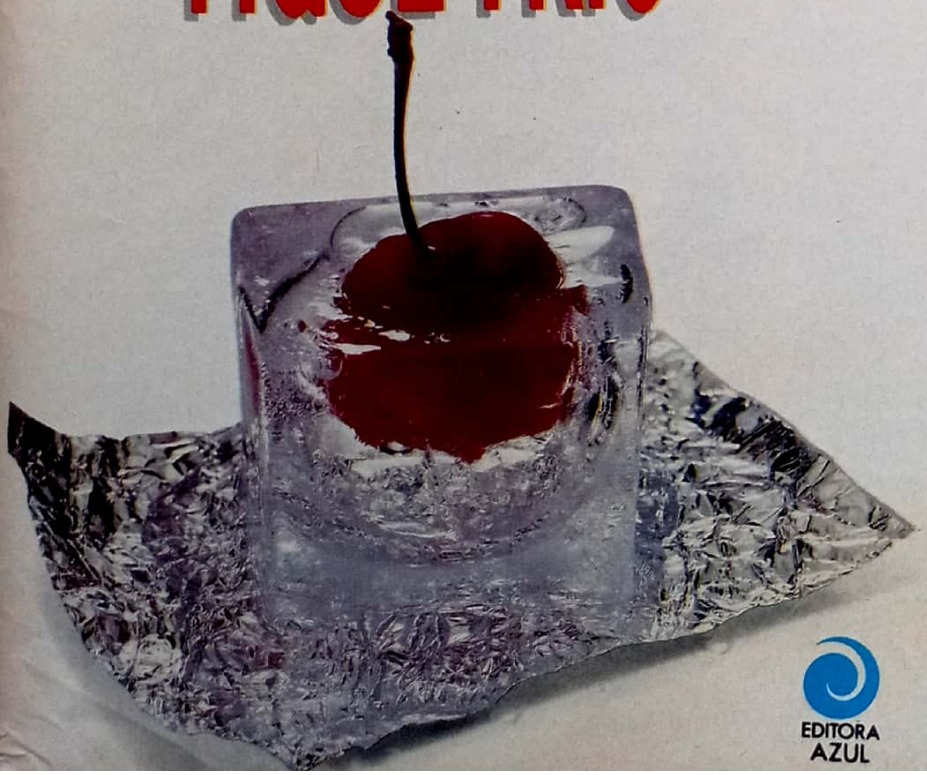
ACEITAMOS TODOS
OS CARTÕES DE CRÉDITO

Dr. VÍDEO

JARDINS: Av. Rebouças, 1678
MOEMA: Av. Rouxinol, 1056
LAPA: R. Clélia, 1131
SANTANA: R. Voluntários da Pátria, 1141

SAÚDE: R. General Chagas Santos, 195 - sobreloja
SÃO CAETANO DO SUL: Av. Goiás, 2347
SANTOS: Av. Vicente de Carvalho, 80 Gonzaga T. 31 8163

FIQUE FRIO



Já está nas bancas a nova edição da revista Saúde.
Este mês Saúde traz todos os segredos dos alimentos congelados, comidas com baixo teor de gorduras, exercícios que estimulam o fluxo de energia, uma matéria superinteressante sobre ejaculação precoce e muito mais.
Não perca tempo. Corra até a banca mais próxima e leve a revista Saúde.

EDITORA AZUL

REVISTA Saúde! é Vital!

SET

O farol que avista o perigo

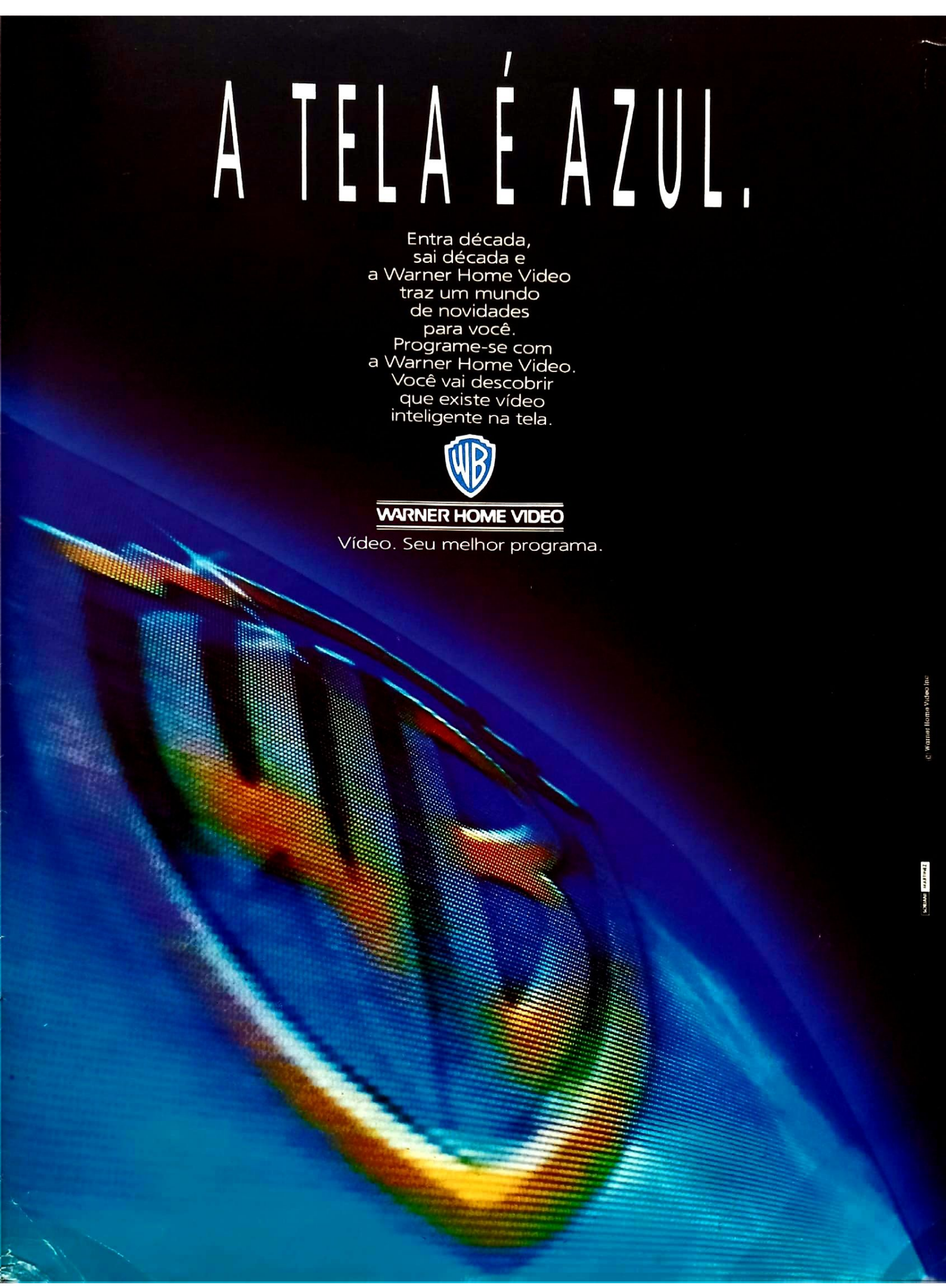
Carlos Miranda e o cão Lobo, do seriado
O Vigilante Rodoviário *(1961 - 1962)*

A TELA É AZUL.

Entra década,
sai década e
a Warner Home Video
traz um mundo
de novidades
para você.
Programe-se com
a Warner Home Video.
Você vai descobrir
que existe vídeo
inteligente na tela.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo. Seu melhor programa.



© Warner Home Video Inc.

PHILIPS VR 6558. O VIDEOCASSETE EVOLUIU ATÉ DESCOMPLICAR.

STANDARD

A Philips é especialista em estar um passo à frente em tecnologia. Com o VR 6558 o avanço foi na direção da simplificação. ▶ A programação, que costuma ser a parte mais chata da história, agora aparece explícita e detalhada

na tela do seu televisor, passo a passo. Tem até um calendário programado. E, na hora de localizar cenas preferidas, entra em ação um sistema que busca automaticamente o início de cada gravação feita na fita, com direito a um trailer de 5 segundos só para conferir. ▶ Bem, tem ainda uma série de funções que você não vai ver, porque são automáticas: seleção 110/220V, NTSC/PAL-M, liga/desliga, reprodução, retrocesso e ejeção. ▶ Todas estas funções são importantes, mas a principal você já percebeu: ele deixa você com mais tempo para as melhores emoções do vídeo.

1 ANO DE GARANTIA.

▶ À VENDA NA ZONA FRANCA DE MANAUS. ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TODO O BRASIL. ◀

PHILIPS

PHILIPS

BEM-VINDO AO FUTURO. BEM-VINDO À PHILIPS.